

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Roberta Barbosa dos Santos

*Entre silêncios e murmúrios:
a biblioteca escolar no Colégio Farrroupilha
(Porto Alegre/RS, 1949-2000)*

Porto Alegre
2016

Roberta Barbosa dos Santos

**ENTRE SILÊNCIOS E MURMÚRIOS:
A BIBLIOTECA ESCOLAR NO COLÉGIO FARROUPILHA
(PORTO ALEGRE/RS, 1949-2000)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida

Linha de pesquisa:
História, Memória e Educação

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Roberta

Entre silêncios e murmúrios: a biblioteca escolar no Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS, 1949-2000) / Roberta Santos. -- 2016.

116 f.

Orientador: Dóris Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Biblioteca escolar. 2. Biblioteca e silêncio. 3. Práticas de leitura. 4. História Cultural. 5. História da Educação. I. Almeida, Dóris, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

“Gratidão é uma carta de amor que a gente envia ao Universo”. Certa vez, li esta frase, de autoria desconhecida, e desde então ela se faz presente em minha vida. Quero, portanto, demonstrar minha gratidão a todos que, de alguma forma, foram (e são) importantes nestes dois anos e meio de Mestrado:

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós Graduação em Educação, pela oportunidade de realizar este curso.

À professora Dóris Almeida, pela orientação amiga, pela sabedoria partilhada e pelo agradável convívio ao longo deste trajeto.

Aos professores Larissa Camacho Carvalho, Edison Luiz Saturnino e Maria Stephanou, pela leitura desta dissertação e pelas contribuições feitas ao estudo.

Aos colegas de orientação mais do que especiais: Lucas, Valeska, Beti, Ariane, Lueci, Giovanni, Marcos e Manoela, pelas parcerias, pelas partilhas, pelas risadas e pela linda amizade que se construiu.

Às professoras Maria Helena Camara Bastos e Luciane Grazziotin, pelas partilhas proporcionadas pelos grupos de pesquisa.

Ao Colégio Farroupilha, em especial à Alice Jacques e Maricélia Cezar, pela receptividade e disposição em me auxiliar nas pesquisas no Memorial do Colégio Farroupilha e na Biblioteca Manoelito de Ornellas.

Aos ex-alunos, ex-funcionárias e ex-diretora entrevistados, pela disponibilidade em contribuir com este estudo.

À Aline Disconsi, que durante uma etapa importante proporcionou bons momentos de reflexão e calma.

À Myriam Cassariego, que entre conversas, florais e chimarrão tem auxiliado em meu crescimento pessoal e como pesquisadora.

À Patrícia Vieira, pela amizade e parceria acadêmica. Pelas trocas de experiências e palavras confortantes.

Às amigas Bianca, Desirée, Thaíse, Maria e Patrícia Christófoli pelo carinho, apoio e torcida ao longo desta caminhada.

E, por fim, às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais, que prepararam meu caminho com muito carinho para que hoje eu pudesse estar concluindo esta etapa. Gratidão por serem quem são, gratidão pela vida, gratidão por estarem sempre comigo.

*Que a importância de uma coisa não se mede com fita
métrica nem com balanças nem com barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo
encantamento que a coisa produza em nós.*

Manoel de Barros

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa cujo objeto de atenção é a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, instituição de ensino da rede privada de Porto Alegre/RS, entre os anos 1949 e 2000. Inscreve-se no campo da História da Educação e assenta-se nos postulados da História Cultural, tendo como inspiração estudos acerca da história das bibliotecas, desenvolvidos por autores como Umberto Eco, Roger Chartier e Alberto Manguel. Inicialmente chamado Knabenschule des Deutschen Hilfsverein, o Colégio Farroupilha teve sua sede inaugurada no Centro de Porto Alegre, passando para sua sede atual, no Bairro Três Figueiras, no ano de 1962. Ainda na primeira sede, a instituição já contava com uma biblioteca, e com a mudança, a mesma foi transportada e modernizada. Importa destacar que em 1968 inaugurou-se a Biblioteca no novo prédio, intitulada Biblioteca Manoelito de Ornellas. Ao pesquisar sua trajetória, buscou-se construir um sentido de historicidade da biblioteca escolar, a partir das formas pelas quais ela se fez presente no cotidiano do Colégio Farroupilha. Como corpus documental, têm-se documentos mantidos pela instituição, como enquete sobre preferências de leituras dos alunos e listas de leitores assíduos, que serviram de suporte para compreender a trajetória desta biblioteca escolar e seus significados para um grupo de estudantes. Para além desses documentos escritos, por meio da História Oral, entrevistaram-se quatorze sujeitos que, de modos diferentes, tiveram aproximações com a referida biblioteca, na condição de diretora, funcionárias e alunos. A periodização da pesquisa foi demarcada a partir do documento mais antigo encontrado – uma foto da biblioteca datada de 1949 – e estende-se até 2000, por ser o ano em que uma importante funcionária deixa a escola. Ao longo da pesquisa, fez-se um levantamento nas Revistas do Ensino, a fim de investigar os discursos que circulavam na imprensa de educação acerca das bibliotecas escolares referentes à sua organização, disciplinarização e atuação das bibliotecárias. A partir destes embasamentos, foi possível perceber, em cada documento, escrito ou oral, informações importantes para construir esta narrativa. Este estudo buscou, nas falas dos sujeitos entrevistados, nos registros dos documentos da instituição e nas interlocuções com os discursos da Revista do Ensino, construir uma narrativa sobre a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Neste sentido, valorizaram-se os usos que um grupo de alunos mantinha com o espaço, evidenciando diferentes apropriações feitas por estes estudantes da biblioteca, desde a ida semanal quase que devota até uma espécie de *refúgio* a algumas aulas, tendo como ponto em comum a sacralidade da biblioteca, envolta pela simbologia do silêncio exigido neste local. Entre idas espontâneas ou como uma fuga; entre leituras veladas, impostas ou prazerosas, entre devoção ou repulsa à sua quietude, buscou-se problematizar os significados da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha na experiência de um grupo de alunos, a partir dos usos que fizeram deste local.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Biblioteca e silêncio. Práticas de leitura. História Cultural. História da Educação.

SANTOS, Roberta Barbosa dos. **Entre silêncios e murmúrios: a biblioteca escolar no Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS, 1949-2000)**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RESUMEN

Este es un estudio acerca de la temática de la biblioteca escolar del Colegio Farroupilha, institución privada de la ciudad de Porto Alegre/RS, entre los años de 1949 y 2000. Se escribe en el campo de la Historia de la Educación y se pone como postulado en la Historia Cultural basada como inspiración en los estudios sobre las historias de las bibliotecas, desarrolladas por los autores como Umberto Eco, Roger Chartier y Alberto Manguel. Llamada inicialmente Knabenschule des Deutschen Hilfsverein, el Colegio Farroupilha tuvo su sede con inauguración en el Centro de Porto Alegre, trasladándose para su sede actual, en el barrio Três Figueiras, en el año de 1962. Todavía en la primera sede, la institución ya contaba con una biblioteca, y con el cambio, la misma fue transportada y modernizada. Cabe destacar que en 1968 se inauguró la biblioteca en el nuevo edificio, intitulada Manoelito de Ornellas. Sin embargo, la investigación estudia y busca la historicidad de la biblioteca escolar e intenta comprender de qué forma ella se hizo presente en el cotidiano del Colegio Farroupilha. Como corpus documental, tiene documentos mantenidos por la institución, como pesquisas sobre preferencias de lecturas de los alumnos y registros de lectores diarios que servían como base para comprender la trayectoria de esta biblioteca escolar y sus significados para un grupo de estudiantes. Además de esos documentos inscritos, por medio de la Historia Oral, se entrevistaron catorce sujetos que, de formas distintas, tuvieron aproximaciones con la referida biblioteca en la condición de directora, empleados y alumnos. La periodización de la investigación ha sido demarcada a partir del documento más antiguo hallado – una foto de la biblioteca con la fecha de 1949 – hasta 2000 por ser el año en el que un empleado importante sale de la escuela. A lo largo de la investigación, se hizo un levantamiento en las Revistas do Ensino, con la finalidad de investigar los discursos que circulan en la prensa de educación sobre las bibliotecas escolares referentes a su organización, su forma disciplinar e actuación de las bibliotecarias. A partir de estos embasamientos, fue posible percibir, en cada documento escrito u oral, informaciones importantes para la construcción de esta narrativa. Este estudio ha buscado en las hablas de los sujetos entrevistados, en los registros de los documentos de la institución y en las interlocuciones con discursos de la Revista do Ensino, la construcción de una narrativa sobre la biblioteca escolar del Colegio Farroupilha. En ese sentido, se valoraron los usos que un grupo de alumnos mantenía con el espacio, evidenciando distintas aproximaciones hechas por estos estudiantes de la biblioteca, desde la ida semanal case que devota hasta una especie de refugio a algunas clases, como punto en común la sacralidad de la biblioteca, envuelta por la simbología del silencio exigido en este sitio. Entre idas espontaneas o como fuga; entre las lecturas veladas, impuestas o de placer, entre devoción o repulsa a su quietud, se buscó problematizar los significados de la biblioteca escolar del Colegio Farroupilha en la experiencia de un grupo de alumnos, a partir de los usos que hicieron en este local.

Palabras LLaves: Biblioteca Escolar. Biblioteca y Silencio. Prácticas de Lectura. Historia Cultural. Historia de La Educación.

Lista de Figuras

Figura 1: Primeiro indício da presença de uma biblioteca escolar no Colégio Farroupilha.....	17
Figuras 2 e 3: Revista do Ensino do mês de novembro de 1952.....	42
Figura 4: Página da Revista do Ensino de 1954.....	44
Figura 5: Página da Revista do Ensino do mês de outubro de 1954.....	45
Figura 6: Página da Revista do Ensino de nº 112 de 1967.....	55
Figura 7: Primeira sede do colégio (Bairro Centro).....	67
Figura 8: Atual sede do colégio (Bairro Três Figueiras).....	68
Figura 9: Página do diário de Iracema.....	73
Figura 10: Nota em jornal sobre a inauguração da Biblioteca Manoelito de Ornellas.....	74
Figura 11: Informações sobre os candidatos a patrono da biblioteca.....	77
Figura 12: Foto atual da Biblioteca Manoelito de Ornellas.....	79
Figura 13: Detalhes da pintura da biblioteca.....	80
Figura 14: Apresentação da enquete sobre preferências de leitura.....	83
Figura 15: Resultado geral da enquete.....	85
Figura 16: Leitores mais assíduos do Curso Científico em 1970.....	87
Figura 17: Relação dos leitores mais assíduos na Biblioteca em 1980.....	88
Figura 18: Alunos premiados em 1988.....	89

Lista de Tabelas

Tabela 1: Documentos analisados.....	18
Tabela 2: Incidências de assuntos relacionados a bibliotecas escolares na Revista do Ensino.....	40
Tabela 3: Dados das ex-funcionárias entrevistadas.....	62
Tabela 4: Dados dos ex-alunos entrevistados.....	63

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	11
2 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	22
3 BIBLIOTECAS ONTEM E HOJE.....	26
3.1 Da restrição à universalização: bibliotecas ao longo do tempo.....	26
3.2 Bibliotecas escolares no Brasil.....	33
3.2.1 A biblioteca escolar na imprensa pedagógica: discursos presentes na Revista do Ensino nas décadas de 1950 e 1960.....	37
3.2.1.1 A biblioteca escolar.....	41
3.2.1.2 A bibliotecária.....	47
3.2.1.3 O livro e a leitura.....	51
4 A BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO FARROUPILHA: SILÊNCIOS E MURMÚRIOS.....	57
4.1 O percurso de fazer entrevistas.....	58
4.2 O Colégio Farroupilha.....	66
4.3 Ouvindo os murmúrios: indícios de uma biblioteca.....	69
4.4 A criação de uma nova biblioteca: dos murmúrios à fala eloquente.....	72
4.5 Um espaço de múltiplos usos.....	81
5 CONSIDERAÇÕES SOBRE SILÊNCIOS E MURMÚRIOS.....	99
Referências.....	104
Apêndices.....	112

Educação (séculos XIX e XX), é coordenado pela Profa. Dra. Dóris Almeida, e tem como objetivo investigar documentos escritos em suas diferentes materialidades, dentro ou fora do ambiente escolar, no decorrer dos séculos XIX e XX. A análise destes materiais, para o projeto, possibilita conhecer alguns dos códigos comportamentais, dos imaginários de seus escreventes e dos discursos da época, dando visibilidade a documentos comumente destinados ao esquecimento.

O interesse por estudar esta temática me acompanha há certo tempo. Recorro, neste momento, a discorrer acerca de minhas afinidades com o tema, a fim de explicitar o que me move a pesquisar a história de uma biblioteca escolar.

O gosto pela escrita e leitura emergiu desde muito cedo, fazendo com que eu ingressasse na escola já alfabetizada. Devo isso a uma mãe também leitora, que antes mesmo de meu ingresso na escola, deu início ao meu processo de alfabetização. O gosto pela leitura foi de casa para a escola, da escola para a universidade, e permanece comigo até hoje.

Durante minha trajetória acadêmica, enquanto cursava a graduação em Pedagogia, entre os anos de 2009 e 2012, as abordagens referentes à leitura e escrita despertaram meu interesse de forma especial. As disciplinas da área de Linguagem me instigaram a uma análise mais sensível a estas práticas, da mesma forma em que fui instigada pelas disciplinas de História da Educação, com suas propostas de lançar novos olhares a práticas e objetos que até pouco tempo não eram considerados como dignos de serem pesquisados.

Aliada a este interesse despertado pelas disciplinas durante a graduação, está minha inserção na Iniciação Científica, que me permitiu aprofundar conhecimentos da História da Educação por meio dos aportes teóricos da História Cultural. Nos anos de 2011 e 2012, atuei como Bolsista de Iniciação Científica nos projetos “*Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX)*” e “*Leituras e escrituras de foro privado: documentos de família dos séculos XIX e XX (Brasil e França)*”, ambos coordenados pela Profa. Dra. Maria Stephanou.

As leituras realizadas, a participação em eventos da área, as bancas de Mestrado e Doutorado assistidas e, principalmente, a oportunidade de escolher um tema dentro de cada um dos projetos para iniciar uma investigação foram aspectos fundamentais que me instigaram a assumir hoje a posição de pesquisadora.

No Estágio Curricular Docente, etapa obrigatória no sétimo semestre do curso de Pedagogia da UFRGS, meu interesse voltou-se para as práticas de letramento não institucionalizadas de alunos de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Porto Alegre. Durante minha atuação como professora estagiária, me deparei, por diversas vezes, com alunos escrevendo cartas e bilhetes uns aos outros e também a mim e demais professoras. As páginas finais de seus cadernos também eram repletas de rabiscos e anotações; por vezes havia até um segundo caderno, que competia com o caderno de aula, e guardava anotações pessoais dos alunos. A partir daí, despertei meu interesse em analisar mais profundamente o caderno enquanto artefato cultural e as práticas de escrita daquelas crianças, resultando na pesquisa de meu Trabalho de Conclusão de Curso², orientado pela Profa. Dra. Luciana Piccoli.

Marcada pelo desejo de seguir estudando esta temática, o caminho escolhido foi o Mestrado em Educação, na área de História, Memória e Educação, a fim de dar continuidade aos estudos promovidos pela Iniciação Científica e pelo Trabalho de Conclusão de Curso. Apesar destes poucos anos de experiência acadêmica, pesquisas sobre a história das práticas de leitura e escrita sempre foram muito latentes em minhas vivências, e a investigação de uma biblioteca escolar me aproxima desta temática.

Diante de uma pluralidade de caminhos investigativos possíveis de serem seguidos, a escolha inicial foi investigar rastros de leitura de alunos da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, entre os anos de 1968 a 1988 – datas limitadas pelos documentos encontrados até então. Após sugestões da banca examinadora na etapa de qualificação do projeto de mestrado, optou-se por investigar mais a fundo a trajetória desta biblioteca, com base na relação que os estudantes estabeleciam com este espaço. Se antes o foco do estudo era pesquisar a relação de um grupo de alunos com a leitura, o objetivo passa a ser a investigação dos itinerários desta biblioteca.

Vestígios de práticas de leitura dos alunos são válidos ainda neste estudo, uma vez que fornecem pistas acerca de quem frequentava a biblioteca, de como a mesma os classificava, dentre outros indícios. O foco da pesquisa, porém, passa a

² SANTOS, Roberta Barbosa dos. Caderno, para que te quero?: práticas de escrita não-institucionalizadas de uma pequena escrevente – Porto Alegre: UFRGS, 2012. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ser mais abrangente: os rastros de leitura, juntamente com outros documentos, são documentos que permitem narrar o percurso histórico de uma biblioteca escolar.

Na condição de historiadora da educação ainda em construção, inspiro-me no leitor da imagem de Michel de Certeau, mencionado por Chartier nas primeiras páginas de *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador* :

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores (CHARTIER, 1999, p.77).

O desafio de percorrer as “terras alheias” da História da Educação, por não ser uma historiadora de ofício, impulsiona-me na caça de traços e vestígios deixados no tempo, que auxiliam na compreensão dos itinerários de uma biblioteca escolar. Renato Janine Ribeiro (1999) aponta, na experiência de se trilhar caminhos não tão comuns, uma espécie de “susto” que impulsiona o desejo da inovação, não havendo “pior inimigo do conhecimento do que a terra firme” (RIBEIRO, 1999, p.190). Desta forma, a curiosidade epistemológica assume papel fundamental na pesquisa.

Ao mesmo tempo em que percorro estas “terras alheias”, o interesse e familiaridade com o tema, apontam algo de íntimo no desafio, como descreve Pierre Nora:

[...] o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário dos seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro do que os vagos projectos da objectividade. O obstáculo transforma-se em vantagem. A explicação e a análise do investimento existencial, em vez de afastarem uma investigação serena, tornam-se o instrumento e a alavanca da compreensão (NORA, 1987, p.10).

Há muitas questões a se investigar em uma biblioteca escolar; uma delas é pesquisar sua historicidade e investigar de que forma ela influenciou os sujeitos que a frequentam e a constituem como tal. Seus idealizadores, funcionários e alunos frequentadores são agentes fundamentais na construção do mosaico desta pesquisa, onde cada um conta, à sua maneira, sua relação com o espaço destinado aos livros.

Entendendo a biblioteca como um lugar de leitura, pesquisa e conservação do saber coletivo por meio do escrito, o estudo se apropria da afirmativa de Eco (2010) ao defender que a biblioteca teve seu passado e terá seu futuro dedicado ao livro e sua conservação, o que a torna um “templo da memória vegetal”. Para Eco, “uma

biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo” (ECO, 2003, s/p).

O olhar do senso comum traz à tona uma representação de biblioteca envolta por uma exigência de silêncio compreendida universalmente, portadora de uma certa sacralidade para atender a um padrão de comportamento ritualizado. Ainda assim, leitores ditos *transgressores* arriscam alguns murmúrios entre suas estantes cheias de livros.

No cinema e na literatura, muitas vezes, ela é cenário de grandes mistérios. A obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco (1980), transformada no filme homônimo por Jean-Jacques Annaud, retrata uma biblioteca em um mosteiro medieval, intocável, guardiã de uma infinidade de segredos que a Igreja pretendia manter sob sigilo e proteção. Tudo isso, de alguma forma, foi transportado para este estudo: silêncios, murmúrios, mistérios e segredos que compõem uma história.

Os silêncios, nesta pesquisa, representam os documentos não encontrados, que se perderam no tempo, que tiveram o descarte como destino final. Os silêncios representam também o esquecimento daqueles que não estiveram dispostos ao exercício da memória. E, ainda, uma falha no gravador durante uma entrevista, e o falecimento inesperado desta entrevistada, de quem ainda se esperava ouvir muitas histórias. Mas como toda biblioteca possui seus murmúrios, aqui eles evidenciam os indícios, as vozes sincronizadas ou dissonantes, a fala mansa dos entrevistados como que em respeito e devoção ao espaço quase que sagrado da biblioteca.

Para Ginzburg (1990), os sinais que são apresentados neste estudo representam zonas privilegiadas que possibilitam interpretar uma realidade. Para o autor, o paradigma indiciário constitui-se de “formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que [...] sua regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas” (GINZBURG, 1990, p.179).

No mesmo sentido, Hartog, baseado em Michelet, sugere que “o historiador, caminhante das galerias dos arquivos e visitante dos mortos, deve de fato saber ouvir ‘os murmúrios de uma grande quantidade de almas sufocadas’” (HARTOG, 2013, p.172). Nóvoa (2015) também alerta para que o historiador saiba estar atento para perceber não somente os processos e conflitos da história, mas também seus silêncios. Apoiado nestas ideias, este estudo se arrisca a investigar não apenas os murmúrios, mas também os silêncios da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, apostando que ambos podem ajudar a tecer sua trajetória.

A ideia de pesquisar uma biblioteca escolar remeteu-me, inicialmente, a este silêncio. Esta quietude só ganhou voz depois de uma imersão em suas possibilidades de pesquisa, pois uma primeira visita à biblioteca do Colégio Farroupilha não foi o que me impulsionou a realizar este estudo. O contato com aquele lugar só reafirmou esta ideia: eram tantos silêncios, que nem mesmo as vozes de quem lá trabalhava no período desta visita pareciam ter algo a narrar. Pouco se conhecia sobre a história da biblioteca e eram raros os documentos que ela conservava³. Mas algo me impulsionava, mantinha a convicção de que não seria possível que uma escola centenária tivesse simplesmente rasgado as páginas da história de sua biblioteca.

O passo seguinte foi conhecer o Memorial do Colégio Farroupilha, por se tratar de um importante espaço de conservação da história da instituição. Conforme Alice Jacques e Lucas Grimaldi, sua função é atuar como “uma ferramenta de significados mais profundos que visa fomentar as atividades acerca da difusão e preservação da história e da memória” (JAQUES; GRIMALDI, 2013, p.80). Desta forma, foi possível encontrar alguns indícios, mas ainda insuficientes para atender ao problema de pesquisa lançado.

As pistas obtidas até então, através dos poucos documentos encontrados e de algumas narrativas que já haviam sido escutadas, levaram a uma crença inicial, ingênua, de que a biblioteca do Colégio Farroupilha só teria sido criada em 1968, recebendo o nome Biblioteca Manoelito de Ornelas. Esta ideia acabou por confundir os caminhos da pesquisa e, somente após uma imersão no tema, foi possível compreender melhor a relatividade de qualquer documento, escrito, imagético ou oral.

Após algumas visitas ao Memorial do Colégio Farroupilha, fazendo o exercício “de mergulho, de imersão” no arquivo, como sugere Arlette Farge (2009, p.11), descobriu-se um relatório da instituição datado de 1949, que contém em uma de suas páginas, uma foto da biblioteca. Não se sabe ao certo a data em que ela foi criada, porém, sendo este o documento mais antigo que faz referência à biblioteca, o ano de 1949 é o marco inicial desta pesquisa.

³ É importante ressaltar que o Colégio Farroupilha passou por inúmeras transformações ao longo de sua história, dentre elas, a grande circulação de funcionários. Das três bibliotecárias entrevistadas, uma faleceu recentemente e as outras duas não trabalham mais na escola.



Figura 1: primeiro indício da presença de uma biblioteca escolar no Colégio Farroupilha
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

A fotografia da biblioteca dá a ideia de um ambiente pequeno, onde há estantes com livros, mesas e cadeiras, entre outros diversos artefatos. Chama atenção o cartaz fixado atrás na porta, na figura de um livro, com dizeres que setornam ilegíveis em virtude da qualidade da fotografia, pode-se inferir que o escrito seja um incentivo à prática da leitura, parece estar escrito em letras góticas. Mesmo considerando que não existe espontaneidade nas fotografias, percebe-se um cuidado com o lugar que se apresenta na organização dos livros, na disposição de mesas e cadeiras. Sobre cada mesa, um vaso com flores sobrepostas a um guardanapo evidencia zelo e uma certa delicadeza com a apresentação da biblioteca a seus leitores. Também se destaca a presença da bandeira do Brasil em quadros fixados na parede, traço da nacionalização do ensino nas escolas alemãs e

da necessidade da instituição escolar assumir uma identidade nacional, afastando-se de suas características germânicas (JACQUES, 2015)⁴

Na tabela a seguir, apresento os documentos, encontrados em diferentes momentos da pesquisa, que auxiliaram esta investigação:

Tabela 1: Documentos analisados

Documento	Ano	Descrição	Quantidade encontrada
Diário da diretora Iracema	1968 a 1973	Narra o dia-a-dia de Iracema na gestão do Colégio Farroupilha, com ênfase a reuniões, eventos e grandes feitos da escola, dentre eles, a criação da <i>nova</i> biblioteca.	1
Enquete sobre preferências de leitura	1968	Conjunto de documentos direcionados à equipe diretiva, mostrando o gosto literário dos alunos com vistas a construir o acervo da biblioteca.	1
Listas de leitores assíduos	1969-1988	Lista compostas pelos nomes e turmas dos leitores que mais retiravam livros na biblioteca.	18
Relatório de verificação	1949	Documento em que surge a primeira fotografia da biblioteca encontrada.	1
Recorte de jornal	1968	Nota sobre a inauguração da Biblioteca Manoelito de Ornellas com foto do espaço.	1
Informações sobre os candidatos a patrono	1969	Dados sobre vida e obra de personalidades da literatura gaúcha que concorreram a patrono da biblioteca	1

Para Arlette Farge (2009), o retorno para casa após uma visita ao arquivo constitui-se, muitas vezes, de uma situação penosa, pois “depois do prazer físico da descoberta do vestígio vem a dúvida mesclada à impotência de não saber o que fazer com ele” (p.18). Somente após muito analisar e refletir sobre os documentos, as possibilidades de pesquisa foram emergindo e as ideias se organizando.

A partir destes documentos, constatou-se que a biblioteca do Colégio Farroupilha teve sua história atravessada por diferentes momentos. Primeiramente, iniciou na sede antiga da instituição, ainda no Centro Histórico de Porto Alegre, sem precisão de data. Sabe-se apenas que, em 1949, ela já existia, em virtude da foto no relatório já referido. Quando o colégio transferiu-se para o bairro Três Figueiras, em 1962, ela acompanhou a mudança, porém, ainda sem a grandiosidade que viria a ter

⁴ Estes são apenas alguns apontamentos iniciais, sendo que a foto e os demais documentos serão melhor explorados no capítulo 4 desta dissertação.

anos mais tarde. E em 1968, foi criada a *nova* biblioteca, que viria a se chamar Manoelito de Ornellas um ano mais tarde, através de eleição do nome de seu patrono.

A maioria dos documentos encontrados refere-se especialmente a esta última fase da biblioteca, o que explica a ideia inicial de que anteriormente não houvesse biblioteca no Colégio. Algumas das pessoas entrevistadas também relatam com grande entusiasmo esta *criação* da biblioteca de 1968, que foi melhor compreendida após um trabalho de *garimpo* em meio aos vestígios.

Maria Teresa Santos Cunha defende a necessidade do cruzamento de fontes, para “iluminar o objeto a partir de outros ângulos” (1999, p.42). Sendo assim, uma análise documental neste estudo não seria suficiente para narrar a trajetória de uma biblioteca escolar. Buscou-se, portanto, além de interpretar estes documentos mantidos pela instituição, escutar esses sujeitos ligados à biblioteca pesquisada, através de suas narrativas de memória, que se transformam também em documentos a partir da operação realizada pelo pesquisador.

Cabe ressaltar que este cruzamento não tem a falsa pretensão de checar ou contestar as informações obtidas (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012). O que se busca, aqui, é interpretar, de formas diversificadas, os itinerários de uma biblioteca escolar e sua relação com um grupo de alunos. Como explica Jacques Le Goff, nenhum documento é capaz de transmitir uma verdade propriamente dita:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção [...]. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo (LE GOFF, 1990, p.547).

Desta forma, os documentos aqui analisados são tomados como portadores de uma história, que pode ser interpretada das mais variadas formas, e vão ao encontro à ideia sugerida por Nóvoa (2015), ao afirmar, baseado em André Burguière, que o objeto do historiador não é o passado em si, mas os vestígios deixados por este passado e as questões que formulamos sobre eles. O autor afirma também que “a partir de las mismas fuentes, podemos contar diferentes histórias” (NÓVOA, 2015, p.44). Busca-se, portanto, realizar uma determinada interpretação, sem a pretensão de uma verdade inerente.

Portanto, além dos documentos encontrados no Memorial do Colégio Farroupilha, são analisadas neste estudo também as memórias de algumas pessoas a respeito da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, posto que “a palavra dita, o objeto encontrado, o vestígio deixado tornam-se representações do real” (FARGE, 2009, p.18).

Grazziotin e Almeida, ao abordarem a legitimidade da História Oral, explicam que essa metodologia produz a narrativa de memória que se transforma em documento. Assim, “a memória constitui-se em documento, e a História Oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p.36).

Assim, em um primeiro momento, no ano de 2014, foram entrevistadas uma ex-diretora, que foi também aluna e professora da instituição, quatro ex-funcionárias da biblioteca e um aluno que acompanhou algumas transformações da escola e da biblioteca, entre os anos 1950 e 1960, no intuito de conhecer melhor as inspirações, o funcionamento e o significado da biblioteca⁵. Após um tempo refletindo sobre as questões trazidas por estes depoentes, recorri aos depoimentos de um grupo de oito ex-alunos, que tiveram seus nomes encontrados nas listas leitores assíduos da biblioteca entre 1969 e 1988, a fim de que narrassem suas memórias vividas dentro da biblioteca e das experiências que a mesma proporcionou em seu cotidiano escolar.

As entrevistas foram realizadas com vistas a escutar parte da história do Colégio Farroupilha e de sua biblioteca através das memórias de quem vivenciou de perto no tempo o momento de investigação desta pesquisa. Cabe destacar que bibliotecárias e alunos ocupam lugares de sujeito distintos tanto na escola como na relação que mativeram com a biblioteca (PINTO, 1989). Os estudantes narraram suas versões da história da biblioteca a partir das vivências enquanto frequentadores da mesma, sendo que alguns iam apenas uma vez por semana e outros a visitavam diariamente, por exemplo. Já as bibliotecárias relataram suas atividades de trabalho, atreladas aos afazeres cotidianos de uma biblioteca. Para a maioria delas, aquele foi seu primeiro emprego, sendo que para uma, foi o único

⁵ As entrevistas foram realizadas perante apresentação do termo de consentimento, conforme apêndice A.

emprego de sua carreira profissional, o que denota um significado distinto à condição de ex-bibliotecária da instituição.

Sabendo-se que as memórias não são espontâneas, e que, portanto, precisam ser estimuladas, foram utilizadas nas entrevistas cópias de alguns documentos analisados, que atuaram como evocadores de memórias. Após esta provocação, solicitei aos entrevistados que narrassem um pouco de suas trajetórias no colégio: enquanto as funcionárias narraram sua rotina diária naquele espaço, que era o seu local de trabalho, os alunos mencionaram como era ser – ou não – um usuário da biblioteca. Em seguida, recorri a um roteiro elaborado previamente, com algumas questões que considere relevantes sobre o colégio e sua biblioteca, também com roteiro diferenciado para os dois grupos de entrevistados.

A partir do que foi apresentado até aqui, reitero que esta pesquisa objetiva investigar a historicidade de uma biblioteca escolar e compreender de que forma ela se fez presente no cotidiano escolar de um grupo de alunos. Busquei, nestas primeiras palavras, situar a pesquisa a partir de minha trajetória acadêmica e familiaridade com o objeto de estudo.

A seguir, apresento os aportes teórico-metodológicos que me auxiliam nesta investigação, buscando expor os conceitos dos quais me aproprio neste estudo, referentes à História da Educação, à História Cultural e à história das bibliotecas.

Na terceira seção, apresento um pouco da trajetória das bibliotecas escolares no Brasil, a partir de estudos de alguns pesquisadores, e analiso o contexto histórico em que a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha tece alguns marcos na instituição, a partir da análise em um importante impresso educacional.

Posteriormente, teço uma narrativa feita por uma análise mais densa a respeito do percurso da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, interpretando os documentos encontrados e as narrativas dos sujeitos envolvidos.

Por fim, apresento algumas considerações, chegada a etapa final da pesquisa. Mais do que isso, teço alguns aprendizados e novos questionamentos que impulsionam à sua continuidade.

2 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS



Mas precisamente por isso, compreendeis, não pode penetrar nela⁶ qualquer um. E além disso - acrescentou o Abade, [...] -, o livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis. Se durante centenas de anos qualquer um tivesse podido livremente tocar nos nossos códices, a maior parte deles já não existiria. O bibliotecário defende-os portanto não só dos homens mas também da natureza, e dedica a sua vida a esta guerra contra as forças do esquecimento, inimigo da verdade.
(ECO, 1980, p.28)

Em “O Nome da Rosa”, Eco (1980) apresenta-nos uma biblioteca medieval, carregada de mistérios, segredos e curiosidades. O abade do romance de Eco afirma que poucos podem entrar nela, e o bibliotecário tem a função de defender os livros da natureza e dos próprios homens. Ora, qual seria então a função de uma biblioteca: partilhar ou privar o conhecimento?

Este capítulo tem a intenção de percorrer as trajetórias de algumas bibliotecas que se destacaram ao longo do tempo, no intuito de adentrar neste universo, a fim de iniciar a compreensão da historicidade da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Antes disso, faz-se necessário tecer alguns pressupostos teóricos da História Cultural e da História da Educação, em que está assentado este trabalho.

O ponto de vista histórico, nesta investigação, permite interpretar o percurso de uma biblioteca escolar e compreender de que modos ela se fez presente no cotidiano escolar de sua instituição. Para Chartier, o olhar voltado ao passado tem a função de “ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mais cada dia mais vencedores, de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito” (CHARTIER, 2002, p.9).

⁶ O pronome “nela”, neste excerto, refere-se à palavra biblioteca.

A relevância deste estudo para a História da Educação se debruça na possibilidade de se pensar uma cultura escolar a partir de suas normas e práticas, levando em conta os agentes que as perpassam (JULIA, 2001). O leque de possibilidades trazido pela História Cultural permite lançar novos e distintos olhares ao espaço escolar, pois “mesmo que tenham certeza de que o que fazem é representar o já representado, é imaginar o já imaginado, a História continua viva, e a prova disso é que não cessa de repensar em si mesma” (PESAVENTO, 2000, p.15).

Conforme Barros (2013), há na História um “caleidoscópio interno” (p.11), por ser uma área do saber passível a múltiplas especializações. No caso deste estudo, parte-se de uma investigação em História da Educação sob as lentes da História Cultural. Para compreender estas duas especializações, recorro, inicialmente, ao questionamento lançado por Thais Nivia de Lima e Fonseca, sobre como caracterizar as relações entre ambas, se marcadas “pela influência dos pressupostos de uma na prática investigativa e na problematização dos objetos da outra” (FONSECA, 2003, p. 57).

A inferência válida para a autora é a de que a História da Educação seria um campo de investigação com fortes influências dos referenciais da História Cultural e seus conceitos:

a História da Educação, como especialização da História, ou, dito de forma mais consistente, como campo temático de investigação, não tem fronteiras a definir com a história cultural. Antes, utiliza seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como muitos objetos de investigação. [...] A História da Cultura, hoje hegemônica academicamente, não deixaria de exercer sua força sobre a investigação em História da Educação (FONSECA, 2003, p.57).

Resultado dos discursos de renovação advindos do neomarxismo (THOMPSON, 1997) e pela Escola dos Annales, no final do século XX, a História Cultural provocou uma mudança no olhar de Clio, a musa da História, voltando-se “para outras questões e problemas, para outros campos e temas” (PESAVENTO, 2005, p.15). Desta forma, abandonaram-se as heranças positivistas e o sujeito passou a ser pensado para além das questões políticas e econômicas (BURKE, 2008). Esta virada não instaurou o fim das matrizes originais da História; pelo contrário: ampliou o leque de possibilidades de pesquisa, intensificando as relações da História com outros âmbitos do conhecimento (STEPHANOU; BASTOS, 2005).

A entrada desta nova corrente historiográfica permitiu que novos objetos de pesquisa fossem valorizados. Para Galvão e Lopes,

A história, não mais restrita à política, passa a interessar-se também por aspectos econômicos, sociais e culturais da sociedade. [...] valorizam-se cada vez mais os sujeitos “esquecidos” da história, como as crianças, as mulheres, os negros, os índios e as camadas populares. Sentimentos, emoções e mentalidades também passam a fazer parte da história. Fontes até então consideradas pouco confiáveis e científicas começam a fornecer indícios para reconstruir o passado. Nesse processo, a história se aproximou de ciências como antropologia e a linguística, que lhe propuseram novos olhares e novos instrumentos conceituais, refinando a análise desses novos objetos (GALVÃO; LOPES, 2010, p.32).

Neste sentido, são válidas as palavras de Prost, ao afirmar que todo artefato pode tornar-se um documento, desde que o historiador o assuma como tal, através da interpretação dos vestígios deixados pelo passado. Inspirado em Lucien Febvre, o autor afirma que “a parte mais apaixonante do trabalho de historiador consiste em levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas” (PROST, 1933, p.77).

No caso deste estudo, buscou-se interpretar documentos mantidos pela biblioteca investigada, e também analisar narrativas de memória dos sujeitos entrevistados, que se transformam também em documentos através da operação historiográfica, sendo que “a memória constitui-se em documento, e a História Oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p.36).

Sabendo-se que a memória é composta de “pedaços do passado” (ALBERTI, 2004, p.15), ou seja, de lembranças e esquecimentos, vale retornar à epígrafe que abre este capítulo, onde o abade do romance de Eco, afirma ser o esquecimento um inimigo da verdade. Neste estudo, não se trabalha com a pretensão de se extrair a verdade das falas dos entrevistados, pois a memória é entendida como uma construção discursiva, produtora de sentidos e percebida por um indivíduo, em um determinado tempo e espaço. Ao narrarmos algo que vivenciamos, “narramos aquilo que elaboramos acerca do que aconteceu” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p.79), ou seja, dois indivíduos, por exemplo, não terão, necessariamente, a mesma percepção de um mesmo fato vivenciado, tornando cada depoimento único, inédito e singular.

Cabe ressaltar também que não existe uma hierarquia entre estes dois grupos de documentos: a memória não é utilizada para confrontar os documentos da

instituição, ou vice-versa. O que se faz aqui é uma tentativa de estabelecer “redes de referências cruzadas ou contrastações entre diferentes documentos, muito mais do que em confrontos para validação ou refutação de verdades” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.422).

Esclarecido isso, faz-se importante ainda destacar o conceito de verossimilhança (PESAVENTO, 2008), característico da História Cultural. Pesavento, ancorada em Paul Ricoeur, afirma que:

Os historiadores, por suposto, perseguem a verdade, pois almejam chegar ao tal real acontecido. Mas, como lembra Paul Ricoeur, aos historiadores estaria negada esta "pequena alegria", reservada, por exemplo, àquele que rememora o passado: *foi lá, foi assim, foi ele, foi então*. Se à memória cabe a satisfação e a segurança do reconhecimento, aos historiadores a identificação com a veracidade do que se passou se dá como possibilidade, e não como certeza que conforta (PESAVENTO, 2008, p.183).

Desta forma, a veracidade dos fatos torna-se uma busca constante, no limite, o que o historiador consegue, a partir da operação historiográfica, é uma possibilidade de aproximação do passado, considerando que este, em última análise, é uma alteridade absoluta (PESAVENTO, 2000).

A trajetória de uma biblioteca escolar, nesta pesquisa, interpretada a partir de diferentes documentos, encontra seu espaço a partir destes novos olhares possibilitados pela História Cultural. Tendo em vista a análise que se pretende com este estudo, faz-se importante traçar algumas considerações a respeito da história das bibliotecas.

3 BIBLIOTECAS ONTEM E HOJE



*Quem era aquele homem? Por que ele estava ali – e por que era tão bonito? Acho que pensei que talvez fosse a surdez que deixasse o rosto bonito – ou que fosse consequência de tanto ler livros. Seus olhos castanhos vibravam suavemente e ele não baixou o olhar. Ele parecia ler todo o meu rosto, não apenas os meus lábios. Só quando olhei para o lado ele se levantou. Então deu uma batidinha nos nossos ombros e disse:
- Benvenuti alla biblioteca!
(GAARDER; HAGERUP, 2010, p.133)*

A saudação feita por Sr. Bressani aos primos Nils e Berit, no livro *A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken*, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup, abre este capítulo num convite a percorrer a trajetória de algumas bibliotecas ao longo do tempo.

Primeiramente, serão apresentadas algumas informações sobre as primeiras bibliotecas no mundo, e suas interlocuções com a pesquisa. Na sequência, os caminhos das bibliotecas escolares no Brasil auxiliam a problematizar as origens e inspirações que levaram à criação da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, bem como a análise sobre a Revista do Ensino, nas décadas de 1950 e 1960, que ajudam a compreender quais eram os discursos difundidos sobre bibliotecas no contexto da época.

3.1 Da restrição à universalização: bibliotecas ao longo do tempo

Se a história das bibliotecas acompanha a história da cultura escrita, pode-se dizer que, ao passo que mudam as práticas de leitura, mudam os modos de conservação do escrito. Com base nesta relação, é fundamental a percepção das mudanças das práticas de leitura no decorrer do tempo, desencadeadas, principalmente, pelas transformações dos suportes ofertados à leitura, que

promoveram três grandes revoluções do livro. Tais transformações marcaram o percurso do livro e das relações com ele estabelecidas por seus leitores no mundo todo, pois, conforme Chartier,

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p.77).

Dos manuscritos dispostos no rolo ao códex, são diversas as transformações nas maneiras de ler e de se relacionar com o objeto que comunica o texto. O leitor, acostumado a dispor sobre o rolo suas duas mãos para manuseá-lo, conquista, com o novo formato do códex, uma maior liberdade de manuseio. Tendo, assim, uma de suas mãos livres, o leitor pode então usá-la para escrever e fazer anotações ao mesmo tempo em que lê.

Além da possibilidade de folhear as páginas, encontrar um trecho no códex torna-se também mais cômodo e prático, ao contrário do que ocorria com o rolo, uma vez que para retomar um trecho era necessário desenrolar o pergaminho até encontrá-lo, e enrolá-lo novamente para seguir a leitura. Segundo Chartier, os novos leitores do códex “defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leitura inéditas” (CHARTIER, 1999, p. 93).

Ainda assim, em meados do século XV, a reprodução de textos só era possível através da cópia manuscrita. Eis que surge Gutenberg com a prensa e os tipos móveis, fato que barateou o custo do livro e proporcionou maior rapidez à sua produção, conquistando, conseqüentemente, um maior número de leitores. Mesmo com tamanhas transformações, o surgimento da imprensa não altera o suporte textual, pois o princípio do códex permanece. O que muda nesta ocasião é a forma de produção do livro.

É nesta segunda revolução do livro que emergem os primeiros indícios de uma suposta atividade editorial, que iria se aperfeiçoar mais tarde, por volta século XIX.

Se olharmos para trás e observarmos as figuras de “editores” dos séculos XVI ao XVIII, de Plantin a Panckoucke, é claro que não existe então uma autonomia similar da atividade editorial. Primeiro se é livreiro, primeiro se é impressor e, porque se é livreiro ou gráfico, se assume uma função editorial. Deve-se falar então, para ser preciso, de “livreiro-editor”, ou de “gráfico-editor” (CHARTIER, p.53, 1999).

Na terceira revolução, Chartier alerta para a abrangência de textos brutos, pois a Internet abriga, muitas vezes, “textos que não foram nem pensados, em relação à nova forma de suas transmissões, nem submetidos a nenhum trabalho de correção ou edição” (CHARTIER, 2002, p.116).

Vista de outra forma, mais uma vez constitui-se uma revolução nas práticas de leitura que interfere diretamente nas práticas de escrita. Pode-se dizer que o texto eletrônico aprimora o gesto de escrever enquanto se lê, possibilitado pelo surgimento do códex, pois “o leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro” (CHARTIER, 1999, p. 91). Por outro lado, folhear uma página torna-se impossível – com exceção de aplicativos desenvolvidos especialmente para a leitura dos e-books – e, nesta ocasião, o uso da barra de rolagem da tela torna o gesto semelhante ao manuseio do rolo. Outra característica que evidencia as influências na escrita é o uso do Inglês como língua universal na Internet:

[...] o inglês da comunicação eletrônica é mais uma língua artificial, como vocabulário e sintaxe próprios, do que uma língua particular elevada [...]. De uma forma mais encoberta do que no caso das línguas inventadas no século XIX, o inglês transformado em “língua franca” eletrônica, é uma espécie de língua nova que reduz o léxico, simplifica a gramática, inventa palavras e multiplica abreviaturas (do tipo *i♥you*) (CHARTIER, 2002, p.17).

Além disso, se tínhamos antes infinitos suportes para os mais variados tipos de textos (livros, jornais, revistas, etc.), hoje temos a tela assumindo uma pluralidade de suportes em um, uma vez que clássicos da literatura, textos informativos e jornalísticos são lidos na própria tela.

Em suma, o texto eletrônico provoca uma tríplice ruptura: primeiramente, a nova modalidade de leitura induz a uma nova modalidade de escrita, além de incitar uma nova relação com os textos e impor-lhes uma nova forma de inscrição. Ainda assim, tamanhas as mudanças trazidas pela nova modalidade textual, autores garantem que a tela não trará o fim do livro. As transformações anteriores apontam que uma nova maneira de ler não necessariamente substitui a outra.

Analisando estas transformações das práticas de leitura e com base nas proposições de Eco, pode-se dizer que as primeiras bibliotecas conservaram a memória mineral, “porque os primeiros signos foram gravados em tabuinhas de argila ou esculpidos sobre pedra” (ECO, 2010, p.14). Anteriormente a isto, as

experiências ficavam registradas apenas na esfera cerebral, constituindo a memória orgânica.

Já a biblioteca que vislumbramos hoje, abrange o terceiro e último tipo de memória, para o autor – a memória vegetal:

com a invenção da escrita, nasceu pouco a pouco o terceiro tipo de memória, que decidi denominar vegetal porque, embora o pergaminho fosse feito com pele de animais, o papiro era vegetal e, com o advento do papel (desde o século XII), produzem-se livros com trapos de linho, cânhamo e algodão – e por fim a etimologia tanto de biblos como de liber remete à casca da árvore (ECO, 2010, p.15).

Pensando na condição de uma memória mineral, pode-se citar o acervo da Biblioteca de Nínive⁷, considerada a primeira biblioteca do mundo, e que conservava cerca de 25 mil blocos de argila, com textos em caracteres cuneiformes. Com um “caniço talhado obliquamente, empunhado como um pilão [...], o escriba trabalhava rapidamente um tablete de argila fresca. A ‘página’ era em seguida cozida ao forno, como uma telha comum” (MARTINS, 2002, p.43).

Esta biblioteca foi fundada pelo rei assírio Assurbanipal II no ano de 668 a.C., em seu palácio, situado às margens do Rio Tigre. Além desta biblioteca, existiram outras duas na cidade de Nínive: “a primeira se encontrava nas salas XL e XLI do palácio sudoeste, construído pelo rei Senaquerib, e a outra, provavelmente, a do templo do deus Nabu, o deus da escrita e do conhecimento dos assírios” (BÁEZ, 2004, p.44). Esta biblioteca foi vítima de um incêndio 612 a.C., mas devido à resistência de seu material, boa parte de seu acervo foi encontrada há quase dois séculos. Mas ao que parece, a preocupação com outras formas de destruição se manifestava em algumas mensagens que foram encontradas:

a destruição de tabletas não devia ser rara já que foram encontradas inscrições como esta: “Quem quebrar esta tableta ou a puser na água [...] Asur, Sin, Shamash, Adad e Ishtar, Bel, Nergal, Ishtar de Nínive, Ishtar de Arbela, Ishtar de Bit Kidmurri, os deuses dos céus e da terra e os deuses da Assíria, podem todos amaldiçoá-lo (BÁEZ, 2004, p.44).

Em meados do século XIX, arqueólogos ingleses encontraram as ruínas da biblioteca de Nínive, extraindo delas 20.720 placas de argila que foram encaminhadas ao Museu Britânico. Este achado permitiu uma melhor precisão da organização da biblioteca e reforçou a ideia de que Assurbanipal teria sido o primeiro grande colecionador de livros da antiguidade (BÁEZ, 2004).

⁷ A Biblioteca de Ninive estava localizada na cidade de mesmo nome, capital do antigo Império Assírio, onde hoje localiza-se o Iraque.

Embora fosse de uso privado, cada placa do acervo do rei Assurbanipal trazia a informação de que “o poder da arte e das letras fora concedido ao rei” (MANGUEL, 2006, p.86). As bibliotecas, para Assurbanipal e outros governantes, que viriam depois dele, tornam-se templos de seus idealizadores.

Passando à memória vegetal, é válido o destaque à Biblioteca de Alexandria, uma das mais conhecidas da Antiguidade. Conforme Chartier,

Em Alexandria, o texto se apresentava ainda sob a forma de rolos. Com mais de quinhentos mil rolos, a biblioteca de Alexandria dispunha, de fato, de um número de obras muito menos significativo, já que uma obra podia ocupar, sozinha, dez, vinte, até trinta rolos. O catálogo da biblioteca era constituído de cento e vinte rolos. É possível imaginar as operações manuais que a busca do universal exigia (CHARTIER, 1999, p.118).

De acordo com Manguel (2006), até sua fundação, as demais bibliotecas da Antiguidade eram constituídas por coleções particulares ou armazéns governamentais. A Biblioteca de Alexandria, que tinha o intuito de melhor preservar os ensinamentos de Aristóteles, foi fundada por Ptolomeu I⁸, que tinha por objetivo reunir ao menos uma cópia de cada obra escrita no mundo todo. Manguel afirma que, “decidido a reunir uma biblioteca universal, o rei Ptolomeu I escreveu ‘a todos os soberanos e governantes da Terra’ pedindo-lhes que lhes mandassem todo tipo de livro de todo tipo de autor” (MANGUEL, 2006, p.27). Para completar sua ambição, o rei teria decretado que se apreendessem e copiassem todo e qualquer livro que chegasse ao porto de Alexandria, no intuito de abranger todas as obras da humanidade.

Sua fundação foi marcada muito mais pela salvaguarda do que pela curiosidade. Por compreender tantas obras, os bibliotecários de Alexandria preocupavam-se em protegê-las de todo e qualquer risco de destruição, tornando-a “um monumento incumbido de derrotar a morte, que como dizem os poetas, põe fim à memória” (MANGUEL, 2006, p.36). Apesar de toda esta proteção, após cerca de 900 anos de existência, um incêndio pôs fim à Biblioteca de Alexandria. Em 2002, foi inaugurada a nova Biblioteca de Alexandria, inspirada na antiga que fora destruída, com o objetivo de ser um centro de excelência na produção e disseminação do conhecimento⁹. Conforme Goulemot, sua arquitetura mescla a modernidade das

⁸ Nascido em Ptolemaida Hérnia, no Egito, Ptolomeu tornou-se um ilustre discípulo da escola de Alexandria.

⁹ Informações obtidas em <<http://www.bibalex.org/>> (Acesso em: set/2015).

formas e técnicas de preservação com os volumes tradicionais, tendo uma única sala de leitura que abriga cerca de 2 mil leitores (GOULEMOT, 2011).

Houve muitas outras bibliotecas na Antiguidade, como as gregas de Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto e a primeira Biblioteca Pública de Roma (MARTINS, 2002). Conforme Chartier,

A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como conhecia Gutenberg, tal como o conheciam os homens da Idade Média. Este livro é um rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la. Ele faz parecer trechos distribuídos em colunas (CHARTIER, 1999, p.24).

Além de afetar a posição do corpo, em função do suporte dado a ler, as práticas de leitura nas bibliotecas antigas apresentam outra questão. Embora haja relatos de práticas de leitura silenciosa, é predominante, neste período, o hábito da leitura em voz alta, pela “necessidade de tornar compreensível ao leitor o sentido de uma *scriptio continua* (escrita sem espaço entre as palavras) que seria ininteligível e inerte sem a enunciação em voz alta” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.11). Esta prática compreendia certa sociabilidade entre o orador e aquele leitor que vê ler ou ouve ler.

Na Idade Média, as bibliotecas passaram por algumas transformações que vão desde o armazenamento de seu acervo às maneiras de ler de seus leitores, devido ao surgimento do códex, que “coloca-se como instrumento mediador entre a leitura na Antiguidade e as maneiras de ler na Idade Média” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.20).

Em relação ao ambiente das bibliotecas, elas também tiveram seus espaços reorganizados, pois:

O tamanho de um livro, fosse um rolo ou um códice, determinava a forma do lugar onde seria guardado. Os rolos eram armazenados em caixas de madeira (semelhantes a caixas de chapéu), com rótulos de argila no Egito e de pergaminho em Roma, ou em estantes com etiquetas (o *index* ou *titulus*) à mostra, para que o livro pudesse ser facilmente identificado. Os códices eram guardados deitados, em prateleiras feitas com esse objetivo (MANGUEL, 2006, p.153).

Além disso, o leitor, agora, tinha a possibilidade de folhear as páginas de um livro, forma que garantiu também o barateamento do objeto, pelo fato de uma mesma folha ser utilizada de ambos os lados. Na Europa da Alta Idade Média, a leitura em voz alta cedia lugar à leitura silenciosa, pois agora já haviam se inserido o uso de convenções gráficas, como o espaçamento entre as palavras. Porém, assim

como se tem relatos de leitura silenciosa no mundo antigo, há também na Idade Média testemunhos da leitura em voz alta (CAVALLO; CHARTIER, 1998).

Esta prática parece ter sido tomada ao pé da letra, tendo em vista a incessante exigência de silêncio, comum, atualmente, na maioria das bibliotecas. Goulemot afirma que, da mesma forma que conventos, igrejas e hospitais, “as bibliotecas submetem-se à lei do silêncio”, muito embora o período seja de avanços tecnológicos e de uma grande necessidade de comunicação (GOULEMOT, 2011, p.11).

De acordo com Jacque Verger (1999), houve um número bastante significativo de bibliotecas privadas do final da Idade Média; eram as bibliotecas principescas. Em seguida, formaram-se as bibliotecas das catedrais, dos mosteiros e dos conventos, abundantes em textos religiosos e livros litúrgicos. Não se tem a informação, porém, se elas eram abertas a outros leitores além dos religiosos que serviam essas igrejas ou mosteiros. Segundo o autor, as bibliotecas universitárias também começam a se constituir nesta época, com um acervo geralmente composto por obras de seus fundadores.

A biblioteca *moderna* surge com a criação da imprensa por tipos móveis, de Gutenberg, tendo a Bíblia como primeiro livro impresso em latim. Esta transformação barateou ainda mais o custo do livro, e concedeu à prática de leitura um caráter mais popular, embora ainda houvesse privações. Segundo Peter Burke,

A imprensa trouxe consigo não apenas um novo grupo social de editores, mas também aliou ocupações tais como a de revisor e bibliotecário. A eles se juntaram, nos séculos XVII e XVIII, na execução da tarefa de administrar materiais impressos, indexadores, editores e catalogadores profissionais ou semiprofissionais e compiladores de enciclopédias (BURKE, 2002, p.181).

Atualmente, devido às proporções tomadas pela terceira revolução do livro, há quem pense que o fim das bibliotecas esteja próximo. Mas alguns autores, como Robert Darnton, garantem sua conservação:

O Google pode desaparecer [...]. empreendimentos eletrônicos vêm e vão. Bibliotecas de pesquisa duram séculos. É melhor fortalecê-las do que declará-las obsoletas, porque a obsolescência é uma característica intrínseca das mídias eletrônicas (DARNTON, 2010, p.55).

Além disso, justamente pelo o advento do livro eletrônico, cogita-se a ideia da tão sonhada biblioteca universal, no intuito de que se possa reunir, embora virtualmente, todas as obras da humanidade:

Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar. Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável (CHARTIER, 1999, p.117).

Esta universalização da biblioteca é esperada desde Alexandria até os dias de hoje. Porém, o histórico das bibliotecas ao longo do tempo mostra o quão regulador pode se tornar este espaço, desde a restrição aos seus usuários até as obras que ela conserva. Entre os silêncios e murmúrios de suas histórias, buscou-se tecer algumas informações sobre bibliotecas ao longo do tempo.

3.2 Bibliotecas escolares no Brasil

Chartier afirma que “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler” (CHARTIER, 1999, p.77). O objetivo deste capítulo é, portanto, apresentar os caminhos das bibliotecas a fim de melhor compreender o contexto em que está inserida a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha.

No Brasil, os primeiros livros foram trazidos pelos jesuítas, em meados do século XVI, período em que a formação intelectual concentrava-se nas mãos da Igreja Católica. A educação era pautada nos princípios religiosos, com o intuito de catequizar os nativos a partir dos dogmas do catolicismo e impondo a Língua Portuguesa.

Monica do Amparo Silva afirma que “os primeiros colégios do Brasil foram fundados pelos jesuítas de São Vicente e Salvador e as primeiras bibliotecas eram justamente destes colégios” (SILVA, 2004, p.4). Visando impor uma cultura normativa, os jesuítas se apropriaram “de livros e de bibliotecas (então livrarias) como instrumento de convencimento, de persuasão, de saber” (NEVES, 2007, p.192).

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, instituíram-se no Brasil as *aulas régias*, primeira experiência de ensino público no Brasil. Essas *aulas* foram se difundindo pelo Brasil, ainda que de forma precária (SAVIANI, 2005). De maneira improvisada, geralmente aconteciam em espaços como igrejas, lojas maçônicas e até mesmo nas próprias residências dos mestres (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.21).

No século XIX, com a instalação da Família Real no Rio de Janeiro, a Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional) foi transferida para esta cidade, apesar de, inicialmente, seu uso ter sido restrito a uma pequena camada privilegiada (HALLEWELL, 1985). Em decorrência, surge no Brasil a Imprensa Régia, no intuito de publicar os atos de D. João VI. Seu início foi marcado por uma forte censura, que só teria fim no início da década de 1820, com o fim do monopólio estatal previsto pela Constituição, o que possibilitou o funcionamento de outras tipografias. Apesar disso, Márcia Abreu (2005) afirma que esta censura à leitura não teve fôlego para barrar a entrada clandestina de algumas obras no país.

No Brasil, o primeiro Curso de Biblioteconomia foi criado em 1911, na Biblioteca Nacional, a partir do Decreto 8.835 de 11 de Julho de 1911. No entanto, as aulas ocorreram somente em 1915, devido ao pequeno número de inscritos no período em que foi criado (FONSECA, 1979). Conforme Castro (2000), em 1923 o curso teve suas atividades interrompidas em função das mudanças instituídas pelo regulamento do Museu Histórico Nacional, em que previa a criação de um *Curso Technico*, voltando a funcionar somente em 1931.

No final do século XIX, começaram a ser difundidos no Brasil os discursos de renovação da escola brasileira com os ideais da Escola Nova. Este movimento desenvolveu-se principalmente na Europa e Estados Unidos, e teve como destaque o norte-americano John Dewey (1859-1952). Para Franco Cambi,

Com Dewey, todas as temáticas educativas tradicionais e os novos problemas atuais da sociedade industrial são relidos de maneira inovadora e orgânica, com grande equilíbrio, respeitando a complexidade das práticas e das teorias da educação” (CAMBI, 1999, p.535).

Além de Dewey, outros pensadores se destacaram no movimento escolanovista, como Ovide Decroly, Maria Montessori, Célestin Freinet, dentre outros, lançando, novos métodos que visavam a renovação da educação, tendo em comum criança como centro do processo educativo (CAMBI, 1999).

No Brasil, o movimento teve como destaque o educador Lourenço Filho, que tinha por interesse a renovação da escola brasileira, além de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, dentre outros. Com forte influência do ideal republicano democrático dos Estados Unidos, o advento do escolanovismo está atrelado à emergência do regime republicano no Brasil. Marcus Vinicius Rodrigues Martins, em sua

Dissertação de Mestrado sobre bibliotecas escolares e processos de escolarização da leitura sob as lentes da Escola Nova, afirma que:

A educação torna rumo central das ações governamentais que tendem a construir um novo cidadão republicano, civilizado e que seria participante da renovação social. Para isso, era necessário renovar a escola: métodos, práticas, espaços e tempos para que se conformasse com os desejos e as aspirações sociais (MARTINS, 2013, p.30).

Conforme Diana Vidal (2000), entre as mudanças almeçadas pelo movimento no cenário educativo, o aluno se tornaria centro do processo educativo, tendo assegurado o respeito à sua individualidade e a garantia de uma classe homogênea. A escola seria considerada um espaço privilegiado de formação dos cidadãos, sendo a educação a grande responsável pelo progresso do país.

Os tempos e espaços escolares também foram reformulados por este movimento. Conforme Faria Filho e Vidal, amparados por Escolano, estas dimensões não são neutras, pois “tanto o espaço quanto o tempo escolar ensinam, permitindo a interiorização de comportamentos e de representações sociais” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.20).

Nesta linha, os ideais escolanovistas buscavam ressignificar a escola brasileira, principalmente, considerando-se as plantas dos prédios escolares propostas por Fernando Azevedo, na década de 1920, que primavam por apresentar ambientes que atendessem a necessidades pedagógicas, estéticas e nacionalizantes. Cumpre destacar que o propósito republicano era mostrar à sociedade a importância da educação escolarizada, o que explica a construção de prédios monumentais em muitas cidades brasileiras (FARIA FILHO; VIDAL, 2000). Entretanto, por se tratarem de construções onerosas, a propaganda republicana logo se mostrou distinta da realidade vivida, pois as poucas edificações escolares monumentais não conseguiam atender a demanda escolar, mesmo desdobrando-se os tempos escolares.

Na década seguinte, Anísio Teixeira e Almeida Júnior, apresentaram propostas de que prédios escolares fossem construídos de forma mais simples, primando pela economia e funcionalidade, revitalizando o diálogo com o postulados da Escola Nova (FARIA FILHO; VIDAL, 2000).

Nunes auxilia esta compreensão acerca do espaço físico e mobiliário dos ambientes escolares que se reconfiguravam:

Essa mudança exigiu a intervenção não só nos aspectos materiais da escola, o que envolveu a produção de um novo espaço com prédios e material didático pertinente aos novos objetivos educacionais, mas também em seus aspectos simbólicos, pois almejava-se da escola primária mais do que novas carteiras, quadros ou salas. Pretendia-se construir nela um *estado de espírito moderno* (NUNES, 2000, p.347).

Assim, a biblioteca, entre outros espaços da escola, ganhou destaque no cenário educacional, ressignificando seu espaço. Ao menos teoricamente, o ideal da Escola Nova foi introduzindo o aluno como *protagonista* no processo educativo, tendo como uma das consequências sua maior inserção no espaço da biblioteca escolar e interação com os livros, onde o aluno, enquanto leitor, poderia ter acesso aos livros, manuseá-los e levá-los para casa.

Luciano de Faria Filho e Diana Vidal reafirmam este novo papel da biblioteca no espaço escolar alegando que “as bibliotecas e os museus escolares eram revalorizados. [...] em vez de lugares de frequência, [...] passavam também a espaços de experimentação” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.29). Este fato ilustra bem o ideal escolanovista, ao abandonar a concepção livresca tradicional, apostando num ensino baseado na experimentação. Assim, a biblioteca escolar, como outros espaços, era atravessada por esta pedagogia da experimentação, onde o “o importante não é aprender, mas aprender a aprender” (SAVIANI, 1997, p.20).

Ana Maria Polke sinaliza que, ao passar por reformas no ensino, o país buscava ajustar-se a esta nova concepção de educação, estando a biblioteca escolar a firmar-se “definitivamente como extensão natural da sala de aula” (POLKE, 1973, p.64). Nas décadas de 1920 e 1930, Vidal aponta que, com vistas a disseminar a prática de leitura em espaços escolares, as bibliotecas eram revalorizadas:

A criação do clubes de leitura, a instituição da festa do livro nas escolas primárias, a realização de inquéritos sobre leitura por diversas entidades, inclusive a Associação Brasileira de Educação, e a avaliação dos livros infantis pelas Diretorias de Instrução Pública foram alguns dos mecanismos utilizados por educadores Escolanovistas” para disseminar novos hábitos de leitura e controlar a produção dos livros (VIDAL, 2003, p.507).

Tendo em vista o *bom* funcionamento da biblioteca escolar, para atender a esta demanda de valorização da leitura, a autora enfatiza ainda que a comunidade escolar realizava doações e providenciava a compra de livros para incrementar o acervo da mesma (VIDAL, 2003). Cabe ressaltar também que, Lourenço Filho, defendeu que a alfabetização, que deveria primar pelo desenvolvimento da leitura,

ocorreria de forma mais significativa através de grupos de alunos (MONARCHA, 2010).

O ideário escolanovista pretendia transformar a biblioteca escolar em um local de troca, diálogo e interação. No entanto, o tom de sacralidade e interdição neste espaço impediu que a teoria tomasse forma. O silêncio exigido neste espaço é um exemplo desta prática. Na Antiguidade, a leitura em voz alta era comum, até que os leitores começaram a se experimentar na leitura silenciosa. A partir daí, pode-se dizer que fica instaurado que a leitura deve ser uma prática silenciosa de todo leitor ao adentrar o espaço das bibliotecas (CHARTIER, 1999).

De um modo geral, pode-se dizer que as bibliotecas escolares no Brasil vêm trilhando um caminho repleto de transformações, embora muito do que se almejou a seu respeito tenha ficado mais na teoria do que na prática. Para complementar esta análise, os parágrafos a seguir buscam explorar a discursividade acerca das bibliotecas escolares em um periódico destinado a professores gaúchos, com vistas a traçar o contexto da época sobre este espaço.

3.2.1 A biblioteca escolar na imprensa pedagógica: discursos presentes na Revista do Ensino nas décadas de 1950 e 1960

Um dos encaminhamentos desta pesquisa foi tomar conhecimento dos discursos acerca das bibliotecas escolares que circulavam no Estado nas décadas de 1950 e 1960, período que antecede a criação da *nova biblioteca* do Colégio Farroupilha, nomeada Biblioteca Manoelito de Ornellas.

Nesta perspectiva, a Revista do Ensino, considerada uma das principais fontes de formação para professores no Rio Grande do Sul no século XX, foi tomada como importante veículo de informação, disseminadora de orientações pedagógicas, dentre eles, prescrições para a criação, funcionamento e manutenção de bibliotecas escolares.

Apresento uma análise feita sobre a Revista do Ensino, nas décadas de 1950 e 1960, no intuito de compreender quais eram os discursos difundidos sobre bibliotecas escolares apresentados pelo impresso. Para situar esta análise, recorro às palavras de Arlette Farge, ao afirmar que

O impresso é um texto dirigido intencionalmente ao público. É organizado para ser lido e compreendido por um grande número de pessoas; busca divulgar e criar um pensamento, modificar um estado de coisas a partir de uma história ou de uma reflexão [...]. Independentemente da aparência que assuma, ele existe para convencer e transformar a ordem dos conhecimentos [...]. Disfarçado ou não, ele é carregado de intenções, sendo que a mais singela e mais evidente é a de ser lido pelos outros (FARGE, 2009, p.13).

Neste sentido, o impresso possui uma intencionalidade, e busca, através dela, propagar suas ideias por meio de um texto convincente, capaz de seduzir seus leitores.

No caso específico dos impressos educacionais, António Nóvoa afirma que eles dialogam diretamente com a História da Educação, pois são capazes de apresentar a diversidade do discurso pedagógico de determinada época. Segundo ele, a análise destes impressos “permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta” (NÓVOA, 2002, p.11), permitindo a percepção da cultura pedagógica de um tempo.

No desenvolvimento desta análise, foram levadas em consideração as matérias da Revista que abordassem o tema das bibliotecas escolares e seus desdobramentos, tais como práticas de leitura, sugestões de livros, dentre outros. Se as bibliotecas escolares no Brasil começaram a sofrer reformas no século XX, a imprensa pedagógica tratou também de idealizar este espaço destinado aos livros, dando orientações das mais diversas ordens.

Destinada aos professores rio-grandenses, esta Revista visava nortear a prática em sala de aula. Circulou em espaços escolares desde 1939, encerrando sua primeira fase três anos depois. Em 1951, ela retornou em sua segunda fase, com edições mensais de 1951 a 1963, com exceção dos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro. Em 1962, publicou-se a primeira edição no mês de julho. A partir de 1964, a revista deixou de ser mensal, e passou a publicar edições agrupadas, contendo apenas o número da edição. Em 1978, foi sua última edição.

Maria Helena Camara Bastos, em estudo sobre esta mesma revista referente a sua primeira fase, afirma que:

O estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais revelam-se, assim, ricos de informações ao pesquisador para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e às instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo

docente, da força de inovação e continuidade que representa, das contradições do discurso (BASTOS, 2002, p.2).

Desta forma, a análise deste veículo de informação na esfera pedagógica, pretende lançar um olhar sobre as prescrições acerca das bibliotecas escolares e da leitura escolar neste período. Não se sabe, com exatidão, se a equipe que auxiliou a criação da biblioteca do Colégio Farroupilha ou as próprias bibliotecárias tomaram como legítimos os preceitos desta ou de outra revista, embora a probabilidade seja grande, tendo em vista o poder discursivo do periódico na época. O que aqui se busca é perceber o discurso de uma época, tomando a Revista do Ensino como um dos principais meios de divulgação das ideias pedagógicas em circulação naquela temporalidade. Não se pretende, com este estudo, compreender o impresso em sua materialidade. O objetivo aqui é exclusivamente rastrear o que se produziu no periódico referente às bibliotecas escolares.

Sabendo-se que a segunda fase da Revista inicia em 1951, é desta data que inicia a investigação, até o ano de 1969, tendo em vista que na década de 1970 não foram encontradas referências a bibliotecas escolares. Entre os 19 volumes analisados¹⁰, os assuntos mais recorrentes dentro do tema das bibliotecas são diversos.

A investigação destes materiais exigiu uma dedicação intensa. Por ser um periódico carregado de muitas informações, foi preciso vasculhar cada uma de suas páginas à procura de indícios que fizessem menção às bibliotecas escolares. Além das seções fixas e matérias especiais com a palavra-chave “biblioteca”, facilmente localizadas nos índices, outras matérias sobre o tema em questão se fazem presentes em suas páginas, por vezes, em cantos bem pequenos, ou dentro de outros textos dos quais não se fazia ideia de que seria mencionado algo sobre o assunto pesquisado.

A tabela a seguir apresenta as incidências dos assuntos relacionados às bibliotecas escolares observados nestes 19 volumes:

¹⁰ As revistas analisadas fazem parte dos acervos do Memorial do Colégio Farroupilha e do Setor de Obras Raras da Biblioteca Setorial de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tabela 2: Incidências de assuntos relacionados a bibliotecas escolares na Revista do Ensino

Assunto abordado		Década de 1950	Década de 1960
A BIBLIOTECA ESCOLAR	Publicidade da biblioteca	2 vezes	-
	Biblioteca e o lar	2 vezes	-
	Patrono da biblioteca	-	1 vez
	Funções e finalidades de uma biblioteca escolar	7 vezes	1 vez
	Espaço físico e mobiliário	6 vezes	1 vez
	Importância do marca páginas	2 vezes	-
	Estatutos da biblioteca escolar	-	1 vez
	Serviço técnico	3 vezes	-
	Modelos de bibliotecas	4 vezes	1 vez
A BIBLIOTECÁRIA	Funções da professora-bibliotecária	1 vez	-
	Contador de histórias	1 vez	-
O LIVRO E A LEITURA	Livro em sua materialidade	-	2 vezes
	Práticas de leitura	2 vezes	-
	Seleção do acervo de livros	5 vezes	2 vezes
TOTAL		35 vezes	9 vezes

A partir de eixos que poderiam estar relacionadas ao espaço da biblioteca, fez-se um levantamento nos exemplares da Revista do Ensino, a partir de uma investigação detalhada de seu conteúdo discursivo. Os dados encontrados foram organizados em eixos de análise: *A biblioteca escolar*, *A bibliotecária* e *O livro e a leitura*, divididos em outros sub-itens.

Observando a tabela, percebe-se uma ampla riqueza de temas relacionados a bibliotecas escolares na década de 1950, em relação à década seguinte. Enquanto no primeiro período constata-se 35 incidências sobre o tema pesquisado, no segundo são apenas 9, equivalente a cerca de um quarto do primeiro, indicando uma preocupação maior com o tema na década de 1950.

Apresento a seguir algumas análises que representam a discursividade presente na Revista do Ensino referente às bibliotecas escolares e seus segmentos, que serão retomadas no capítulo 4, a fim de que se possam tecer interlocuções com a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha.

3.2.1.1 A biblioteca escolar

Como primeiro assunto observado, destaca-se o ambiente físico e o mobiliário da biblioteca. Na edição de novembro de 1952, fica claro como este espaço deveria ser:

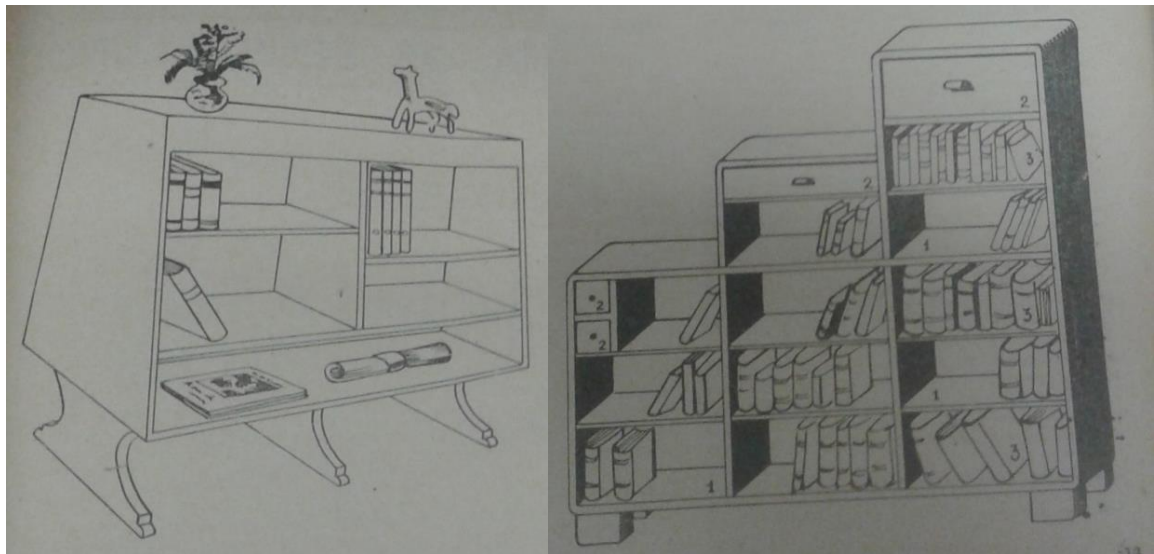
Se é certo que no reino animal, cada espécie tem o seu âmbito próprio de vida; se é certo que as flores e os frutos no chão fertilizando nos dão encanto e alimento, também é verdade que O LIVRO precisa de certas formas de preparo de terreno mental e material para produzir benefício e alimentar o espírito. A biblioteca infantil, “o pomar” onde as crianças vão colher os primeiros frutos, precisa ser considerada, preliminarmente, em sua materialidade: situação, no edifício da escola; colocação dos livros, revistas, mapas, álbuns e gravuras em estantes adequadas; acomodações pessoais que proporcionem o conforto e encanto ao leitor, para pesquisas educativas e leituras recreativas (REVISTA DO ENSINO, 1952, p.15).

Moacir Gadotti (1994) apresenta um texto de Pestalozzi, em que este pensador compara as ações de educar a elementos da natureza. Nele, defende a ideia de que a criança seria como uma árvore, gerada a partir de uma pequena semente que contém o germe da educação, com faculdades que podem se desabrochar durante sua existência. Neste sentido, Froebel, discípulo de Pestalozzi, aproxima-se desta ideia com sua noção do *Kindergarten*, nome alemão para o Jardim de Infância, onde a criança, sendo uma semente, seria regada pelas professoras, que viriam a ser as *jardineiras* (ARCE, 2002). Ambos pensadores referem-se às crianças identificando-as como *sementes* que devem ser regadas, cuidadas, educadas pelas professoras.

Assim, tanto Pestalozzi como Froebel, seguidores de Rousseau (CAMBI, 1999) podem ser considerados precursores da Escola Nova, ainda no século XIX. O texto publicado pela Revista do Ensino evidencia a apropriação deste discurso de educação relacionado a elementos da natureza, em que o conhecimento é entendido como algo que *brot*a nos seres humanos, sendo a biblioteca considerada um “pomar que gerará frutos aos alunos”.

Ao analisar cada exemplar da Revista do Ensino, chama a atenção que o livro é o elemento predominante em seus textos, mesmo sendo a maioria dos títulos identificado às bibliotecas escolares. É o livro que, geralmente, tem papel de destaque, como pode ser observado em sua escrita (Revista do Ensino, 1952, p.15) com letras maiúsculas, portanto, em destaque, que funcionam como um protocolo de leitura. Chartier define estes protocolos como dispositivos impostos pelo autor ou editor de um texto, que visam definir “quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal” (CHARTIER, 2001, p.20). Neste caso, o texto busca captar a atenção do leitor para o objeto livro, devendo ser este o foco de sua leitura, mesmo que o texto trate das questões específicas da biblioteca.

A Revista também argumenta acerca das concepções arquitetônicas da biblioteca e apresenta, de modo prescritivo, os móveis que ela deve conter (figuras 2 e 3):



Figuras 2 e 3: Revista do Ensino do mês de novembro de 1952
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

As imagens do mobiliário da biblioteca escolar apontam modelos de móveis onde os livros deveriam ser mantidos, havendo espaço também para objetos decorativos. Surgem dentro da seção Biblioteca Escolar Infantil, acompanhadas do seguinte texto:

Tratando-se de edifício especialmente construído para escola primária, deve-se providenciar para que a Biblioteca fique situada em ponto central do mesmo, oferecendo facilidade de acesso aos leitores que diariamente a ela recorrem (REVISTA DO ENSINO, 1952, p.71).

O fato de a biblioteca ocupar um ponto central na planta da escola demonstra a grandiosidade que este lugar deveria ocupar na instituição, proporcionando não só a facilidade de acesso mencionada no excerto, mas evidenciando um *status* de lugar privilegiado dentro do espaço escolar. Retomando à noção proposta por Faria Filho e Vidal (2000), de que os tempos e espaços escolares não são dimensões neutras, pode-se observar que a prescrição da Revista almejava que a biblioteca tivesse certo poder dentro da escola, tendo um local *privilegiado*.

Os Estatutos da biblioteca escolar são apresentados de forma muito objetiva, na edição de março de 1961. Nele, há uma espécie de modelo de registro, com lacunas a serem preenchidas a partir dos dados da biblioteca, como denominação, ano de fundação, etc, sem mais explicações.

A edição estabelece alguns objetivos de uma biblioteca escolar, dentre eles “proporcionar à criança uma leitura sadia, despertando-lhe o interesse pelos bons livros” (REVISTA DO ENSINO, 1961, p.37), explicitando uma espécie de regulação das leituras dos alunos, que será melhor abordada no tópico sobre o livro e as leituras.

A Revista também incentivava que a criança e sua família transpusessem para suas casas o hábito da leitura. Em abril de 1954, um poema de Castro Alves inicia a sessão intitulada *A Biblioteca e o Lar*:

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É gérmen que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.
(REVISTA DO ENSINO, 1954a, p.17).

Com este poema, Elida de Freitas e Castro Druck¹¹, professora de Biblioteconomia do Curso de Administradores do Instituto de Educação de Porto Alegre, reforça o destaque para o livro, sendo o responsável por fazer o *povo pensar*. Na sequência, ela afirma que “o professor-bibliotecário será o ‘bendito que semeia’ a seara maravilhosa do livro entre as crianças, projetando o seu reflexo até o lar, procurando espalhá-lo, torná-lo conhecido dos pais” (REVISTA DO ENSINO,

¹¹ O nome de Elida de Freitas e Castro Druck aparece diversas vezes nas Revistas analisadas. Natural de Montenegro (RS), nascida em 10 de setembro de 1913 e falecida em 27 de janeiro de 2002, foi professora do Instituto de Educação Flores da Cunha, em Porto Alegre (RS). Foi também autora de algumas obras literárias, inclusive para o público infantil, tendo participado da Academia Porto-Alegrense de Letras. Fonte de consulta: <<http://bibliotecaelidedefreitasecastrodruck.blogspot.com.br/>> (acesso em: set/2015).

1954, p.17), onde a palavra semeia, novamente, está atrelada aos ideais pedagógicos da época.

Na edição de maio do mesmo ano, Elida de Freitas e Castro Druck lança o questionamento:

A criança terá muito maior compreensão, muito maior rapidez no aproveitamento deste mestre amigo, o livro, se também no Lar ela o encontrar [...].

Como um pai poderá aplaudir visitas a Bibliotecas da Escola e Públicas, se delas não tiver conhecimento, se não tiver noção de seu valor, sentindo-as em seu próprio filho? (REVISTA DO ENSINO, 1954b, p.13).

Desta forma, o valor atribuído ao livro na escola e biblioteca, deveria ser expandido à esfera doméstica, possibilitando à criança uma melhor relação com a leitura com a companhia deste “amigo”, como enfatiza a Revista.

Em diversas edições da Revista, constam informações sobre como administrar uma biblioteca escolar, tais como catalogação, controle, estatística e carimbos. A imagem a seguir mostra o modelo de uma ficha de catalogação, que deveria servir de modelo às bibliotecárias. O excerto, na sequência, acompanha a imagem na edição analisada:

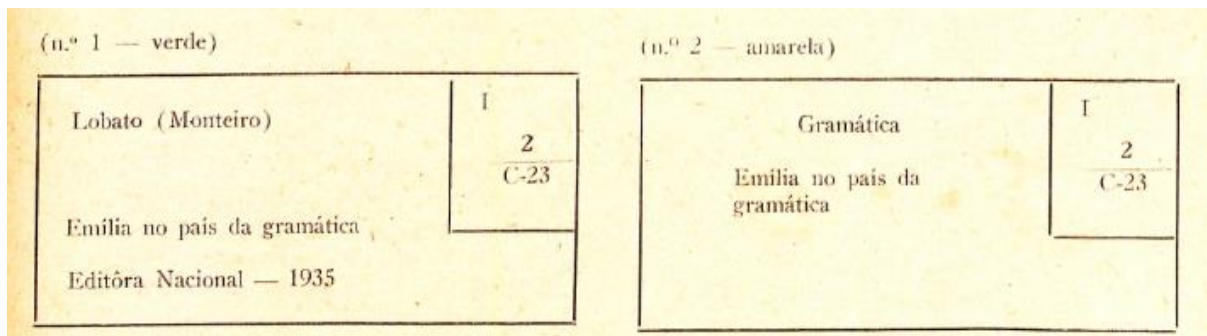


Figura 4: Página da Revista do Ensino de 1954

Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Além dessas fichas, há necessidade de uma *-ficha de leitura-* que será preenchida pelo aluno, ao terminar a leitura de um livro, e entregue à Bibliotecária. Esta, as acondicionará por classe, em ordem alfabética onomástica do aluno, para posterior estudo (REVISTA DO ENSINO, 1954, p13).

A exigência de uma ficha de leitura ao aluno parece uma necessidade de exercer certo controle às práticas de leitura; como uma possível checagem para

verificar se o aluno realmente realizou a correta leitura do livro retirado do acervo da biblioteca.

Na edição de outubro do mesmo ano, a Revista faz uma demonstração de cartazes que podem ser afixados nas paredes da biblioteca, com frases criadas junto aos alunos, a fim de decorar o ambiente e instigá-los a reconhecerem o valor do livro e da leitura, conforme preceitos da Revista:



Figura 5: Página da Revista do Ensino do mês de outubro de 1954
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Mais uma vez, está atrelada a esta sugestão de cartaz, a ideia de uma *boa* leitura, fazendo da biblioteca escolar a detentora das leituras adequadas para seus leitores.

O patrono da biblioteca escolar também ganha destaque na Revista. Conforme a edição de junho de 1961, este deveria ser “uma figura ligada à Literatura ou, pelo menos, à arte dinâmica e correlata tal como: música, teatro, etc.” (REVISTA DO ENSINO, 1961, p.72). São sugeridos os seguintes passos à professora-bibliotecária:

Você deve usar, para tal fim, tôdas as atividades de biblioteca.

O jornal dará a notícia de que a biblioteca precisa de um patrono e que as crianças devem enviar o nome de sua preferência. Os bibliotecários-auxiliares deverão tratar da propaganda [...]. Finalmente a semana da votação será marcada [...]. Feita a escolha, o jornal noticiará o resultado. Eis o momento de suscitar o interesse que leve à pesquisa da biografia do eleito [...]. Finalmente, você deverá fazer, na biblioteca, uma reunião revestida de certa solenidade para dar às crianças conhecimento do resultado da eleição (REVISTA DO ENSINO, 1961, p.72).

O tom prescritivo da escrita não dá à bibliotecária outra alternativa: o passo-a-passo é lançado para ser seguido a risca, garantindo o sucesso da eleição. Neste caso, a biblioteca torna-se centro das atenções em todos os aspectos, desde o assunto principal de receber um patrono, até o espaço sede para a solenidade do resultado.

Na edição de outubro de 1953, a Revista fornece dicas de como tornar mais atraente a biblioteca escolar, num exercício de divulgação de suas ações. Elida de Freitas e Castro Druck afirma que

[...] A publicidade da Biblioteca a tornará conhecida e, conseqüentemente, procurada. A publicidade alargará o interesse do meio infantil, despertará a curiosidade, levará leitores à sala onde haverá sempre um verdadeiro tesouro de informações e recreação ao seu alcance, com obras sempre renovadas, sempre ampliadas, sempre melhoradas (REVISTA DO ENSINO, 1953a, p.20).

Na edição do mês seguinte, em continuidade, são sugeridas algumas ações que podem ser úteis na divulgação da biblioteca. São elas:

1 – A SEMANA DO LIVRO.

Durante essa semana serão projetados bons filmes em benefício da Biblioteca.

Para que a criança valorize o livro, ela poderá escolher como pagar a entrada: um livro ou outro material útil à Biblioteca [...]; ou pagará o preço estipulado para o cinema [...].

2 – AUDITÓRIO, especial para o Círculo de Pais e Professores [...]. Nessa ocasião uma professora seria encarregada de fazer uma palestra sobre o valor e a necessidade da Biblioteca [...].

3 – FESTIVAL em benefício da Biblioteca.

Trabalho de cooperação entre professores e alunos, tomando parte todas as classes, mas com um programa bem organizado, números selecionados: dramatizações, bailados, cantos.

Um exemplo: uma criança, simbolizando um livro, faz a súplica de todos os cuidados que com ele devem ser tidos, etc., etc [...].

4 – INTERCÂMBIO de livros entre os alunos da mesma escola, e escolares da mesma e outras localidades.

5 – Convite aos pais para uma VISITA à BIBLIOTECA, a fim de conhecerem o material existente, suas necessidades e possibilidades (REVISTA DO ENSINO, 1953b, p.24).

Estas questões apontam para o desejo da Revista em tornar a biblioteca um espaço útil e procurado pela comunidade escolar, não devendo ser procurada apenas em momentos obrigatórios, mas, principalmente, pelo prazer de se entrar naquele local. Busca-se também chamar atenção dos pais para que reconheçam o trabalho realizado, a fim de que as funções lá desenvolvidas sejam valorizadas.

Nas edições de agosto e setembro de 1954, a professora Elida de Freitas e Castro Druck ressalta a importância da construção do marcador de páginas, que deverá ter sua importância assegurada no espaço da biblioteca:

[...] meu livro amigo, tens muito a me dizer, e eu não te posso ouvir o dia inteiro. Afazeres diários, imprescindíveis, obrigam-me a interromper a nossa palestra silenciosa e agradável. Vais para onde te levo, mas não posso estar sempre contigo [...]. Assinalo a página onde suspendi a leitura, para não perder tempo e paciência procurando onde devo continuar a conversa. Mas onde está êste pedacinho de nada – fita, cartolina ou couro – que se chama *marcador* e é tão útil, quase indispensável a todo leitor? Na Biblioteca Escolar Infantil deve procurar-se educar os leitores em todos êsses pormenores, mentais e materiais, que os levarão ao aproveitamento da leitura, e que darão mais gôsto ao hábito de ler (REVISTA DO ENSINO, 1954, p.16).

Novamente, o livro aparece como um objeto precioso, provocando quase que um pedido de desculpas pelo fato de o leitor não ter condições de realizar sua leitura sem interrupções. O marcador de páginas surgiria, então, para demarcar onde o leitor deveria voltar para retomar a “conversa” com seu livro, embora tenha sido definida anteriormente como uma “palestra silenciosa”.

A continuação da matéria, na edição seguinte, ressalta que a biblioteca deve procurar cooperar com todas as disciplinas escolares. Sendo assim, a colunista propõe que estes marcadores possam ser criados com o auxílio da professora de Artes Aplicadas.

3.2.1.2 A bibliotecária

Na seção intitulada *Biblioteca Escolar Infantil*, muito presente nos primeiros cinco anos desta segunda fase nos exemplares analisados, é recorrente que Elida de Freitas e Castro Druck, se utilize de sugestões extraídas de trabalhos de suas ex-alunas para instruir o leitor, prática recorrente da professora em diversos outros escritos nas Revistas. No caso da edição de 1953, ela apresenta um trabalho da

aluna Ruth Cabral, intitulado “Pensamentos que definem meus deveres de bibliotecária”. São eles:

- 1 – Que êste cargo seja para mim uma tarefa executada com idealismo, amor, competência e com boa vontade [...].
- 2 – Que tal como o pássaro constrói amorosamente o seu ninho, possa eu planejar, executar, fazer funcionar minha biblioteca [...].
- 3 – Que, assim como a Natureza dispõe o útil e o belo numa perfeita harmonia, possa minha sala de leitura apresentar um ambiente festivo, ameno e feliz, convidando ao trabalho pela sábia disposição de objetos, instrumentos e livros. Que nela, reine a ordem, o bom gosto, a limpeza e o bem-estar próprios do lugares confortáveis e bem cuidados.
- 4 – Que as crianças que me forem confiadas encontrem na minha pessoa uma guia que as estimule, aconselhe, sugira e auxilie a “viver” as horas de leitura. Que as professoras tenham em mim um precioso auxiliar de trabalho [...]. Que a escola na qual desempenho minhas funções, tenha, na minha sala de leitura, o centro inspirador de tôdas as atividades.
- 5 – Que, da mesma forma paciente como uma mãe guia os passos do filhinho, possa eu iniciar meus meninos nos mistérios, encantos, prazeres e conhecimentos que uma estante de livros pode proporcionar. Que, por meu intermédio, êles aprendam a utilizar, zelar e amar o texto. Que, por meu esforço, busquem êles o estudo, a pesquisa eo interesse pelo conhecimento.
- 6 – Que, com a mesma fé inquebrantável que animava o Apóstolos, batalhe eu pelo aperfeiçoamento integral dos alunos leitores, seja pelo benefício deles próprios, seja pela repercussão que tal obra terá na escola e na sociedade [...].
- 7 – Que, enfim, minha biblioteca não seja apenas uma instituição a “figurar” nos relatórios, um claro a preencher o horário colegial, um acidente na existência escolar – mas um mecanismo vivo e palpitante, um liame harmonizado a cada aula e um hábito incorporado à personalidade de todos os alunos (REVISTA DO ENSINO, 1953, p.16).

Dentre os atributos esperados desta profissional, destacam-se o amor, a competência e a boa vontade, virtudes que se confundem com o ideal de professora da época, destacado por Louro:

[...] passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a idéia de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão (LOURO, 1997, p.450).

Reafirmando a ideia de que as características de uma bibliotecária se assemelhassem às de uma professora da época, pode-se relacionar com a “Oração da Mestra”, da autoria de Afrânio Peixoto:

Senhor, pois, que quiseste que o meu lar fosse a minha escola, que seja feita a Tua vontade [...].
Faze com que toda a manhã eu acorde de alma tranquila e coraçãopuro, para buscar minha escola e encontrar meus filhos, de quem a noite inteira fui privada.

Que eu prepare nossa casa para recebê-los, como trouxe preparado, o ânimo para os acolher.

Que na hora tumultuosa em que entram, como aves inquietas no ninho, vá meu sorriso ao encontro deles e lhes diga, a todos, que os esperava. Um filho nunca é indiferente a dois braços maternos que se estendam para ele.

Faze com que eu não distinga entre eles se a sorte os distinguiu pela beleza, pela saúde, pela cor, pelas vestes, pelas maneiras; que em minha companhia, em nossa escola, nem o pobre seja envergonhado, nem o vestido jactancioso. Faze que eu derrame igual maternidade sobre eles, para que sejam irmãos, ao menos na minha escola [...].

Faze, Senhor, que cada um deles, desses meninos e meninas que na vida vão conhecer outras mulheres— mãe, irmã, parentas, esposa, filhas – possam, à lembrança das que forma dignas de amor – juntar a de sua mestra, que todo o bem lhes quis, de quem foram o grande amor da vida, com o amor de sua profissão. Amém. (AFRÂNIO PEIXOTO apud SILVA, 1951, p.2).

Levando em consideração que, nesta época, era comum que as bibliotecas fossem comandadas por professoras, como a própria Revista reafirma, e tendo em vista a “feminização do magistério” (LOURO, 1997, p.450), logo, subentende-se que as mesmas exigências feitas à professora, seriam feitas também à *professora bibliotecária*. Segundo Guacira Lopes Louro, o magistério era “representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem ‘vocação’” (LOURO, 1997, p.450).

Elomar Tambara afirma que “mais importante do que a feminização do ensino primário foi o processo de feminillização do exercício de sua docência quando consolidou-se o processo de identificação entre a natureza feminina e a prática docente no ensino primário” (TAMBARA, 1998, p.49). Neste sentido, as características femininas seriam incorporadas pelas próprias professoras no exercício da docência, a partir de um perfil de mulher que rondava o imaginário da época: “assexuada, vestal, dependente, acrítica, não-cidadã, etc” (TAMBARA, 1998, p.50). Estando a professora primária *apta* também para atuação no espaço da biblioteca, tais características a acompanhavam neste espaço.

Segundo a Revista, as crianças e professoras que procurassem pela professora bibliotecária deveriam tê-la como uma espécie de guia, responsável por tornar a biblioteca um espaço agradável. Em nenhum momento é mencionado que a professora deveria ter formação em Biblioteconomia para atuar na biblioteca, ficando suas incumbências relacionadas ao gosto pelos livros, numa *formação* quase intuitiva. Isto porque, em meados do século XX, “os responsáveis pelas bibliotecas eram nomeados porque gostavam de livros” (VIDAL, 2004, p.189); logo, não era preciso ter formação específica para o trabalho na biblioteca. Levando em conta que

o primeiro curso de Biblioteconomia surge no Estado em meados da década de 1940 (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013), na década seguinte esta formação ainda não era exigida.

Também não se esperava que um professor do sexo masculino exercesse esta função: alegava-se a uma mulher estas competências, reforçando a ideia de que o gênero feminino estivesse comumente atrelado a sentimentos de amor e cuidados. Tambara (1995) afirma que esta visão positivista¹² encarregava a mulher ao papel de promover a civilização e a moralidade dos indivíduos através do exercício da docência.

As comparações a um “pássaro no ninho” e a uma “mãe que zela pelo filho” delegam a esta profissional um tom de entrega ao seu ambiente de trabalho: o espaço da biblioteca parece exigir dela um esforço que mais se assemelha a um gesto de ternura e zelo materno para mantê-lo atraente aos olhos da comunidade escolar. A menção à fé dos Apóstolos carrega um *ethos* religioso vinculado ao sacerdócio e à vocação para realizar suas funções. Flávia Werle aponta que a formação das professoras no magistério gaúcho no século XX estava “articulada à formação religiosa e a uma atitude de responsabilidade e compromisso social” (WERLE, 2005, p.627), lembrando que muitas destas professoras exerciam também o papel de bibliotecária.

Estas características se complementam com as orientações dadas ao *contador de histórias*, presentes na edição de junho de 1958. Segundo o professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, Malba Tahan¹³, que escreve a coluna, este profissional deve:

1º) Sentir, ou melhor, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva [...]. 2º) Narrar com naturalidade, sem afetação [...]. 3º) Conhecer com absoluta segurança o enredo [...]. 4º) Dominar o auditório [...]. 5º) Contar dramaticamente (sem caráter teatral exagerado) [...]. 6º) Falar com voz adequada, clara e agradável [...]. 7º) Ser comedido nos gestos [...]. 8º) Emocionar-se com a própria narrativa [...] (REVISTA DO ENSINO, 1958, p.57).

¹² Tambara (2005) caracteriza Positivismo como uma ideologia entendida como uma linha de pensamento baseada no conhecimento científico. Desenvolvido na França por Auguste Conte, no século XIX, foi, aos poucos, sendo incorporado no Brasil, notadamente no Rio Grande do Sul, afetando a sociedade e as concepções de educação. A ideologia afetou fortemente a questão do ensino, que era vinculada à figura feminina. Esta, deveria instruir as crianças através do papel de mãe ou de professora.

¹³ Malba Tahan, pseudônimo de Julio César de Mello e Souza, foi professor, matemático e escritor, tornando-se popular com a obra "O Homem que Calculava". Fonte de consulta: <http://www.malbatahan.com.br/sobre_artigos.php> (acesso em: out/2015).

Para a Revista, o contador de histórias precisava dar conta de captar a atenção e o silêncio de seu público. Deveria ser “dramático” e promover uma variedade de gestos, desde que não pecasse pelo exagero. Sua voz também não poderia ser fina ou grossa demais: deveria adequar-se ao tom da narrativa. Tais características demonstram que o contador deveria ser alguém contido em seus gestos, não pecando pela falta, tampouco, pelo exagero.

Estas e outras características sobre o contador de histórias se fazem presentes em algumas páginas deste volume da Revista, e revelam o caráter exigente que se esperava deste profissional, o que possivelmente promovia o exercício de rigidez consigo mesmo. Mais uma vez, não há menção à sua formação, e, se no texto anterior a *professôra-bibliotecária* deveria se utilizar de muitos sentimentos para desenvolver seu trabalho, o contador de histórias parece precisar muito mais lidar com o controle, seja da fala, dos gestos ou das emoções.

3.2.1.3 O livro e a leitura

Na década de 1960, são menores as incidências sobre o tema das bibliotecas escolares na Revista do Ensino. Ainda assim, algumas sessões permanecem sem alterações, mesmo que em menor número, enquanto outras surgem pela primeira vez nesta década. É o caso do livro, em sua materialidade, que ainda não havia rendido matérias exclusivas ao impresso na década de 1950. Mesmo assim, a valorização e devoção ao livro é clara em algumas matérias que abordam outros tipos de assunto, como alguns tópicos já apresentados.

Na edição de junho de 1962, a Revista comemora a “Semana do Livro”, em virtude do mês de aniversário de Machado de Assis, apresentando uma breve história deste artefato. As professoras Flavia Maria Rosa e Dóra Soares Lopes escrevem um texto de duas páginas onde apresentam a trajetória do livro em suas diversas transformações, retratando as gravações em pedras, o surgimento do papiro, do volume e as distinções de manuscritos e impressos. A seguir, um trecho deste texto:

Hoje, nós compreendemos como deve ter sido maravilhoso para os homens, logo que inventaram a escrita, serem capazes de transmitir a outros os sentimentos próprios, fazendo-os rir, chorar, soltar gritos de alegria, angústia, indignação.

Sòmente quando o livro se tornou uma realidade é que a luta de tantos homens, durante tantos séculos, foi coroada de pleno êxito (REVISTA DO ENSINO, 1962, p.26).

O texto apresenta o livro como uma criação maravilhosa, dando sentido à *luta* dos homens. Por fim, é lançado um poema da autoria de João Ramos¹⁴, onde o livro é tido como um *irmão*, que acompanha o leitor nos mais diversos momentos. O livro também é tido como um guia e um companheiro: se faz presente no deserto, em noites ruins, e em situações de perigo ou vitória, e é comparado à figura de Jesus, estando de braços abertos às crianças e mostrando a luz aos homens:

O livro

João Ramos

Um livro... Sabes ao certo
O que é um livro? Eu te digo!
-É um irmão que tu tens perto,
Que chora e brinca contigo,

Que te guia no deserto,
Que, em má noite empresta abrigo!
Um coração sempre aberto,
Na vitória ou no perigo!

Trata-o, pois, com mil carinhos,
Que, da vida nos caminhos,
Um livro é como JESUS:

Sereno e bom, nos seus passos,
À criança abrindo os braços;
Ao homem mostrando a LUZ!
(REVISTA DO ENSINO, 1962, p.27)

Mais uma vez, é forte a presença de elementos religiosos, desta vez, em torno do livro em sua materialidade. O livro comparado à figura de Jesus reforça o tom de sacralidade em que está envolto, como se o livro fosse digno de uma mesma devoção dada a símbolos religiosos.

Em relação às práticas de leitura realizadas no espaço da biblioteca, chama atenção ao volume do mês de maio de 1955, ao mencionar a leitura de revistas. Novamente, a professora Elida de Freitas e Castro Druck é quem escreve a coluna, que traz como subtítulo “Campanha da boa revista”. No texto, mais uma vez ela apresenta um trabalho de suas alunas, desta vez, sem identificação, sobre como

¹⁴ O português João de Deus de Nogueira Ramos nasceu em 8 de Março de 1830 e faleceu em 11 de janeiro de 1896. Foi poeta lírico, pedagogo e propôs de um método de ensino da leitura, explicitado em uma cartilha de sua autoria. Fonte de consulta: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaDNRam.html>> (acesso em: set/2015).

“evitar, diminuir e procurar extinguir a prejudicial leitura de más revistas infantis” (REVISTA DO ENSINO, 1955, p. 23).

O texto apresenta os objetivos da campanha:

- a) Levar os alunos a adquirirem hábitos de boas leituras, instrumentos, por excelência, formadores de personalidade.
 - b) Fornecer-lhes elementos para o bom aproveitamento das horas de lazer.
 - c) Contribuir, por meio de leituras variadas e recreativas, para o desenvolvimento da cultura dos leitores.
- Serão os objetivos conseguidos:
- 1) Despertando-se e desenvolvendo-se nos pequenos leitores o amor e o interêsse pelas revistas educativas.
 - 2) Capacitando-os a selecionarem essas revistas.
 - 3) Possibilitando-lhes a aquisição das mesmas.
 - 4) Oferecendo-lhes oportunidades de leitura das revistas indicadas, educativas recreativas, nas Bibliotecas Escolares ou no seio das famílias.
 - 5) Mantendo-se vivo o interêsse dos garotos por essas publicações, por meio de estímulos exteriores, propagandas bem dirigidas, cujos efeitos repercutam sôbre o interêsse e a vontade infantil (REVISTA DO ENSINO, 1955, p.23).

Entre os muitos objetivos da campanha para que se lessem *boas revistas*, consta que a professora deveria contribuir para o “desenvolvimento da cultura dos leitores” oportunizando leituras variadas. Percebe-se uma contradição no objetivo, pois, as prescrições da revista dão a entender que estas leituras não eram tão variadas, levando em conta a censura a obras que não seriam adequadas aos leitores.

Chartier alerta que “a separação dos livros que são imprescindíveis de se possuir dos que podem (ou devem) ser negligenciados é um dos meios de disfarçar a impossível universalidade da biblioteca” (CHARTIER, 1998, p. 70). Ou seja, por mais que a Revista primasse por despertar o hábito de ler nos alunos, ou proporcionar-lhes leituras variadas, a negação de uma ou de outra obra visa impor uma restrição ao hábito da leitura, pois nem todo texto seria digno da leitura dos alunos.

Ao tratar a “higienização da leitura”, Gondra alerta para duas concepções de leitura. A primeira, enquanto um perigo, e a segunda, como solução: “Oscilando de um pólo a outro se encontra a decisão de censurar ou de autorizar a leitura nas escolas” (GONDRA, 2000, p.543). Estas concepções se confundem na Revista, tendo em vista que, dependendo da obra, a leitura ora era entendida como *boa*, ora como *prejudicial*.

A Revista do Ensino também aproveita para promover a leitura e circulação da Revista *Cacique*¹⁵, em uma dos tópicos de um questionário a ser aplicado aos alunos dentro da “Campanha da boa revista”. Este questionário, sugerido para que fosse aplicado aos alunos pelas bibliotecárias, apresenta 15 questões sobre hábitos de leituras dos alunos, em especial, a leitura de revistas. Na questão de número 14, consta o seguinte pedido ao aluno: “Gostaria que desses tua opinião sôbre a revista ‘O Cacique’ que foi editada especialmente para ti:” (REVISTA DO ENSINO, 1955, p.23).

Conforme Bastos, ambas, Revista Cacique e Revista do Ensino, circularam juntas propagando seus ideais pedagógicos na década de 1950, “buscando atingir públicos distintos - o aluno (infanto-juvenil) e o magistério primário da rede escolar rio-grandense, mas com a mesma intenção - divulgar o pensamento educacional oficial” (BASTOS, 2006, p.1).

A Revista do Ensino sugere às professoras que orientem seus alunos a selecionarem suas revistas para leitura, mas de acordo com as orientações do periódico, estas revistas já deveriam ser selecionadas pela professora antecipadamente, delegando a ela o poder de decisão sobre o que seria uma *boa revista* para seu aluno, com orientação do impresso, obviamente. Isso se percebe, por exemplo, pelo fato de o texto já pressupor que as revistas lidas pelos alunos deveriam abordar histórias de heróis, conforme o item 4 do questionário: “Escolhe, na revistinha de tua preferência, qual o herói que gostaria de imitar” (REVISTA DO ENSINO, 1955, p.23).

Em sua dissertação de mestrado, em que analisa a regulação da leitura e da literatura infanto-juvenil do Rio Grande do Sul, Eliana Ventrini (2009) aponta que, em 1955, foi criada a Comissão Especial de Estudo e Classificação de Publicação Periódicas, que visava regular as leituras de crianças e jovens, buscando alertar sobre as possíveis influências da leitura na educação dos mesmos. Segundo a autora, no início da década de 1950, o Rio Grande do Sul é considerado “um dos estados mais combativos na ‘cruzada’ contra os gibis”, por exemplo, mencionando, inclusive uma campanha contra este tipo de impresso” (VENTORINI, 2009, p.22).

¹⁵ A Revista *Cacique* data de 1954 e encerra suas edições em 1959, direcionada a crianças gaúchas, tendo sido defendida pelo intelectual Gilberto Freyre contra a censura moral e educativa (BASTOS, 2006).

Márcia Abreu, ao abordar também esta desqualificação de algumas leituras, afirma que

A escola [...] seleciona algumas obras [...] e as apresenta aos alunos como a literatura, desqualificando todos os demais como subprodutos ou como formas imperfeitas. Raramente explica-se aos alunos o processo pelo qual estas obras chegaram a representar o cânone literário, fazendo supor – ou mesmo dizendo explicitamente – que elas possuem uma literariedade e uma qualidade intrínsecas, portanto a-históricas e a-culturais (ABREU, 2003, p.124).

Desta forma, a biblioteca vem a ser um local não apenas de regulação da leitura, mas visa impor determinada cultura aos leitores, uma vez que indica quais sejam as leitura adequadas e inadequadas. Varela e Alvarez-Uria, no texto *A maquinaria escolar*, entendem a escola com um “espaço de domesticação”, onde “uma massa de crianças estará sujeita à autoridade de quem rege, durante uma parte importante de suas vidas, seus pensamentos, palavras e obras” (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 91). Estando a biblioteca dentro deste espaço, é esperado que ela siga estes mesmos preceitos de regulação, controle e vigilância em suas práticas, o que marca o ideal da modernidade pedagógica em voga na época.

Na edição de número 112, do ano de 1967, a seção “Cantinho dos livros” apresenta sugestões sobre como organizar este espaço, e traz uma imagem (figura 6) com orientações que visam auxiliar os responsáveis pelas bibliotecas a facilitarem as consultas feitas pelos leitores:



Figura 6: Página da Revista do Ensino de nº 112 de 1967
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Os dizeres “Conserve-me limpo”, “Não dobre minhas folhas”, “Não me rabisque”, “Use marcador”, “Fale bem de mim com outras crianças” e “Não me perca” são apresentados em um esboço que serve como modelo a ser reproduzido nas prateleiras ou estantes das bibliotecas escolares, e são considerados como cuidados essenciais a se ter com os livros. Seguindo a lógica higienista em relação à leitura, ao livro também é exigido zelo e cuidado, transformando-o quase num ser animado (GONDRA, 2000).

Chartier afirma que “a relação com o livro é marcada por uma seriedade respeitosa diante da letra impressa, investida de uma forte carga de sacralidade” (CHARTIER, 2003, 217). É possível notar na Revista do Ensino, que o livro exerce função primordial não só no espaço da biblioteca ou da escola: para o periódico, o livro é encarado como um objeto sagrado, capaz de trazer inúmeros benefícios à vida de seus leitores em diversos segmentos culturais e sociais.

Interpretar o discurso de um veículo de informação é tarefa complexa, ainda mais quando se trata de algo escrito há muitos anos, em um contexto social e educacional que sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo.

Estudar a imprensa pedagógica no contexto da História da Educação possibilita interpretar uma parte do passado através da cultura pedagógica disseminada em páginas de periódicos. Analisar a Revista do Ensino com foco nos discursos sobre bibliotecas escolares e seus desdobramentos foi o objetivo deste estudo, levando em conta as rupturas e divergências destas concepções, separadas por mais de meio século.

As sugestões sobre a criação e manutenção de uma biblioteca escolar, as orientações sobre o que seria considerado uma *boa* leitura, os atributos esperados de uma bibliotecária, dentre outros temas, talvez não tenham sido seguidos à risca pela comunidade escolar do Colégio Farroupilha, na criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas. Mas, certamente, estas temáticas sugerem uma pequena demonstração do contexto da época.

4 A BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO FARROUPILHA: SILÊNCIOS E MURMÚRIOS



Quem tem o sabor do arquivo procura arrancar um sentido adicional dos fragmentos de frases encontradas; a emoção é um instrumento a mais para polir a pedra, a do passado, a do silêncio (FARGE, 2009, p.37).

Com base em Arlete Farge (2009), este capítulo se detém na análise da trajetória da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Os documentos escritos mantidos pela instituição, já mencionados na apresentação deste trabalho, e os documentos orais, produzidos a partir das narrativas dos sujeitos envolvidos com a biblioteca, permitem contar histórias ao captar o “sabor do arquivo” (FARGE, 2009, p.37).

Algumas destas histórias são apresentadas neste capítulo, de modo a constituírem, dentre outras, trajetória da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha em diferentes momentos. Além das histórias que emergem da interpretação de documentos escritos encontrados na instituição, aqui comparecem narrativas de uma ex-diretora, de ex-funcionárias e de ex-alunos, que, de modos variados, têm algo a dizer sobre este espaço. Em sua maioria, são pessoas que hoje não mantêm mais uma relação direta com a instituição¹⁶, mas que, durante um tempo importante de suas vidas, tiveram no Colégio Farroupilha uma referência para suas atividades profissionais ou estudantis.

Assim, este capítulo busca, primeiramente, apresentar estes sujeitos que estiveram dispostos ao exercício da memória, trazendo à tona suas lembranças sobre a biblioteca e os diferentes tipos de relação que mantiveram com aquele espaço. Em seguida, o Colégio Farroupilha tem sua história brevemente apresentada, a fim de que se possa compreender melhor o contexto em que está inserido o percurso de sua biblioteca. Posteriormente, é traçada a trajetória da

¹⁶ De todos os 14 entrevistados, apenas uma ainda mantém uma relação direta com o Colégio Farroupilha: a ex-aluna Eloísa tornou-se professora da instituição, completando, em 2015, 20 anos de trabalho no colégio.

biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, em dois momentos distintos, a partir análise dos relatos destes entrevistados e dos documentos mantidos pela instituição. Por fim, são tecidas algumas análises sobre os usos que os ex-alunos entrevistados faziam da biblioteca, que permitem pensar o significado que a biblioteca exerceu em suas experiências escolares.

4.1 O percurso de fazer entrevistas

O estudo se detém na análise de documentos encontrados no Memorial do Colégio Farroupilha, que já foram expostos na apresentação desta pesquisa, e nas narrativas de memória de sujeitos que tiveram suas experiências profissionais e escolares afetadas pela presença da biblioteca.

Foram produzidas 14 entrevistas, sendo sujeitos da pesquisa uma ex-diretora, quatro ex-funcionárias da biblioteca e nove ex-alunos da instituição. Destas 14 narrativas, 11 foram realizadas presencialmente, com duração de 45 a 60 minutos, e três delas foram respondidas por meio de questionário virtual, em virtude da impossibilidade de locomoção dos depoentes.

Mesmo com informações importantes obtidas por meio dos três questionários virtuais, é necessário destacar que esta forma de contato indireto com os depoentes possui certas limitações. Pelo fato de entrevistador e entrevistado não estarem frente a frente, num diálogo, a investigação perde em termos de impossibilitar a percepção dos gestos, das emoções, das interlocuções.

Os entrevistados tiveram suas identidades preservadas, recebendo pseudônimos de personagens da literatura que, de alguma forma, tiveram papel importante em suas experiências na biblioteca. As funcionárias receberam nomes de personagens que aparecem na enquete sobre preferências de leitura¹⁷. Já os alunos tiveram seus nomes inspirados nos personagens das próprias leituras que lhes foram marcantes na infância, conforme seus relatos.

Entre os documentos da pesquisa está o diário da ex-diretora do colégio, Iracema, produzido por ela durante sua gestão, de 1968 a 1973, que será apresentado mais adiante. Carregado de muitas outras histórias referentes ao Colégio Farroupilha, contadas pela diretora, o diário narra o caminho de muitas

¹⁷ ALENCAR, 1989; MACEDO, 2012; PORTER, 2011; VERISSIMO, 2005.

ações desenvolvidas, entre elas a preparação até a construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968.

Motivada pela leitura deste diário, estava escolhida a primeira entrevistada da pesquisa. A ex-diretora Iracema torna-se uma figura emblemática neste estudo: além de diretora, foi também aluna e professora do Colégio Farroupilha, acompanhando as diversas transformações pelas quais a instituição passou, e, conseqüentemente, pela biblioteca. Suas experiências nestes diferentes lugares de sujeito que ocupou dentro da instituição, permitem traçar um paralelo entre os diferentes momentos em que esteve lá dentro, constituindo diferentes tipos de relação com o espaço destinado aos livros.

A segunda entrevistada foi uma professora de Artes Aplicadas que auxiliava as bibliotecárias no trabalho de restauração de livros. Imaginava-se que ela poderia ter lembranças significativas a contar sobre a biblioteca, mas devido ao seu trabalho esporádico naquele local, a professora, que trabalhou no colégio entre 1960 e 2005, guardava poucas recordações do espaço, sempre mencionando que outras pessoas teriam mais informações a dar que ela própria.

Uma entrevistada muito importante foi Clarissa. Ela foi uma das primeiras bibliotecárias de formação a trabalhar no local, atuando no período de 1968 a 2000, quando se aposentou e deixou a escola. A entrevista com Clarissa se constituiu em um momento rico e possibilitou, posteriormente, muitos outros questionamentos e curiosidades acerca da biblioteca, que, imaginava, viriam a ser respondidas em uma segunda entrevista. Entretanto, a narrativa de Clarissa constitui, nesta pesquisa, dois grandes silêncios. Primeiramente, porque ocorreu uma falha no gravador durante a entrevista, o que torna suas lembranças palpáveis apenas por meio do registro feito no caderno de campo. O segundo silêncio se faz pelo falecimento de Clarissa em fevereiro de 2015, *calando* a narrativa de suas memórias.

Ciente da grande lacuna que esta perda acarretaria para o estudo, busquei outras narrativas que pudessem ajudar a contar esta história. Uma delas é a de Helena, que iniciou as suas atividades na instituição em 1976 como auxiliar de biblioteca. Em 1980, concluiu o Curso de Biblioteconomia e passou à bibliotecária, assumindo a coordenação do espaço após a aposentadoria de Clarissa, atuando até dezembro de 2011.

A outra entrevistada foi Poliana, que passou a fazer parte da equipe em 1988, como contadora de histórias. Em 1993, concluiu o Curso de Biblioteconomia e tornou-se bibliotecária, deixando a escola em julho de 2011.

Pode-se dizer que esse conjunto de narrativas, que inicia com Iracema e se estende a essas quatro profissionais do Colégio, permitiu melhor compreender a trajetória da biblioteca escolar. Além das narrativas com a ex-diretora e ex-bibliotecárias, entrevistei um grupo de ex-alunos, um deles estudante do *Velho Casarão* e os demais estudantes na *nova* sede da escola no Bairro Três Figueiras.

A primeira entrevista foi com Victor¹⁸, ex-aluno e frequentador da biblioteca anterior, estudou durante doze anos no Colégio Farroupilha e acompanhou a saída da instituição do Centro Histórico da cidade, no último ano do Curso Científico, em 1962, portanto não acompanhou a construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas. Recebeu este pseudônimo em função do personagem da obra *Viagem ao redor da lua* (VERNE, 1971), da qual guarda algumas recordações.

Além de Victor, outros oito ex-alunos também foram entrevistados. Entretanto, tiveram relações com momentos diferentes da biblioteca. Enquanto Victor foi usuário da biblioteca *antiga*, estes oito alunos frequentaram a *nova* biblioteca, criada em 1968. Foram localizados através das listas de leitores assíduos da biblioteca, documentos estes produzidos pelas bibliotecárias e encontrados no período de 1969 a 1988.

Não foi tarefa fácil encontrar pessoas dispostas ao exercício da memória para este estudo. Localizá-las não foi difícil, em função das redes sociais, no entanto, a maioria dos ex-alunos contatados, ao contrário das ex-funcionárias, não demonstrou interesse em participar da pesquisa. Foram localizados, em um primeiro momento, 16 ex-alunos com bases nas listas mencionadas, por meio de redes sociais, sendo que 14 deles negaram ou ignoraram o convite, evidenciando outra forma de silêncio que emergiu ao longo da pesquisa.

Somente ao contatar uma ex-aluna que conhecia o projeto de pesquisa em que o estudo está inserido, pelo fato de ter sido professora no Colégio Farroupilha, o estudo teve então sua primeira entrevistada: Ariadne. O pseudônimo escolhido para a entrevistada se deve ao fato de ter sido uma admiradora das obras de Ágatha Christie na juventude, sendo Ariadne uma de suas principais personagens

¹⁸ A entrevista com Victor foi realizada pelas pesquisadoras Dóris Almeida, Luciane Grazziotin, Alice Jacques e bolsistas de Iniciação Científica, em novembro de 2014, no Colégio Farroupilha.

(CHRISTIE, 2012). Ela e o esposo, que vem a ser o segundo entrevistado, também ex-aluno mencionado nas listas de leitores assíduos, indicaram os outros ex-alunos, contemporâneos de suas épocas. Sendo as leituras de Agatha Christie populares pelos enredos que buscam desvendar mistérios, pode-se dizer que Ariadne e seu esposo auxiliaram os rumos desta investigação, ao identificarem nas listas outros cinco ex-alunos com os quais mantêm um grupo de amigos até hoje.

Lula e Ariadne estudaram na mesma turma durante vários anos e, hoje, são casados. O personagem que dá nome ao entrevistado foi extraído de uma série de livros que marcou sua infância: a coleção *Turma do Posto 4*, onde Lula é o líder de um grupo de cinco amigos aventureiros (SANTIAGO, 1973). Nesta pesquisa, Lula pode ser considerado também um *líder*, uma vez que, estando a par da dificuldade em contatar outros possíveis entrevistados, relatou que mantinha contato com um grupo de ex-colegas do Colégio Farroupilha e, juntamente com Ariadne, intermediaram a comunicação no intuito de atraí-los para a pesquisa.

Um dos amigos indicados pelo casal foi Konrad. Este ex-aluno não guardava nenhuma recordação de leituras nos tempos em que foi aluno do Colégio Farroupilha, falando muito pouco durante a entrevista. Portanto, recebeu este pseudônimo em virtude do personagem de Sándor Márai, no livro *As Brasas*, por ser um personagem que passa todo o enredo com pouquíssimas falas (MÁRAI, 1942).

Eurico, outro ex-colega de Lula e Ariadne, foi o quarto entrevistado, recebendo este pseudônimo de um dos personagens de seu livro preferido na infância: *Caranguejo Bola* (AMARAL, 1985). Por problemas de disponibilidade e locomoção, Eurico preferiu colaborar com a pesquisa virtualmente, por meio de um questionário respondido via *e-mail*.

Ao observar as listas de leitores assíduos da biblioteca, encontrei um nome feminino com o mesmo sobrenome de Eurico, que me relatou ser sua irmã. Fã dos livros de *TinTin* (HERGÉ, 1969), Bianca, recebe o nome de uma personagem desta coleção, sendo a quinta ex-aluna entrevistada. Assim como o irmão, Bianca também aderiu ao questionário virtual.

Leitor de diversas obras do autor gaúcho na juventude, Rodrigo, também da turma de Lula e Ariadne na infância, recebe este nome em homenagem ao capitão de Erico Verissimo (VERISSIMO, 2004).

Além de colegas de infância, Carlão e Lula, compartilharam também o gosto pela série *Turma do Posto 4* (SANTIAGO, 1973). É daí também que vem o nome do sétimo entrevistado.

Eloísa é a última entrevistada desta pesquisa, e herda o nome da protagonista da série *A Inspetora* (OLIVEIRA, 1975), uma das leituras preferidas de sua infância. Colega de trabalho de Ariadne, ambas atuaram profissionalmente no Colégio Farroupilha durante certo tempo, sendo que Ariadne deixou de trabalhar na instituição e Eloísa permanece até hoje. Este fato exigiu uma escuta mais atenta à suas narrativas, em função de ambas estarem ainda intimamente ligadas à instituição da qual foram alunas.

Foi feita uma tentativa de desenvolver um rigor metodológico para analisar estas e também as demais narrativas, pois, ao lidar com narrativas de memórias, deve-se considerar que:

elas tendem a descrever o passado em termos românticos e nostálgicos e, como a época lembrada se refere a um dado momento da vida, parece compreensível que sejam percebidas e descritas de forma idílica, projetando uma imagem de coerência interna, de harmonia. Daí dizer-se que o passado 'é uma representação, que pode se valer da imaginação e da fantasia' (CUNHA, 1999, p.42).

Em uma forma mais resumida e objetiva, apresento, nas tabelas abaixo, algumas informações sobre os entrevistados desta pesquisa¹⁹:

Tabela 3: Dados das ex-funcionárias entrevistadas

Funcionária	Formação	Função na biblioteca	Período de atuação
Clarissa	Biblioteconomia	Bibliotecária	1968 - 2000
Helena	Biblioteconomia	Auxiliar de biblioteca / Bibliotecária	1976 - 2011
Poliana	Biblioteconomia	Contadora de histórias / Bibliotecária	1988 - 2001
Moreninha	Artes Aplicadas	Restauradora de livros	1960 - 2005

¹⁹ Iracema e Victor não encontram-se inseridos nas tabelas, uma vez que os momentos vividos no Colégio Farroupilha e suas relações com a biblioteca não são compatíveis com as demais narrativas.

Tabela 4: Dados dos ex-alunos entrevistados

Ex-aluno(a)	Idade	Formação	Atuação profissional	Período em que foi aluno	Ocupação dos pais na época em que foi aluno
Ariadne	44	Graduação em Pedagogia e Mestrado em Gestão de Negócios	Coordenadora pedagógica	1976 a 1984	Pai: empresário Mãe: dona de casa
Lula	45	Graduação em Odontologia com Pós-graduação	Cirurgião-dentista / periodontista	1976 a 1987	Pai: psiquiatra Mãe: pedagoga
Konrad	45	Graduação em Direito	Advogado	1977 a 1987	Não informado
Eurico	44	Graduação em Ciência da Computação e MBA em Gestão Empresarial	Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento	1979 a 1987	Pai: Administrador / Contador Mãe: Contadora
Bianca	46	Graduação em Informática e MBA em <i>e-commerce</i>	Gerente de Tecnologia da Informação	1979 a 1985	Pai: Administrador / Contador Mãe: Contadora
Rodrigo	45	Graduação em Engenharia Elétrica e Mestrado em Engenharia de Produção	Diretor em empresa de engenharia	1977 a 1987	Não informado
Carlão	45	Graduação em Engenharia Elétrica	Área financeira	1975 a 1987	Pai: Advogado Mãe: Advogada
Eloísa	43	Graduação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia	Professora	1976 a 1989	Pai: empresário Mãe: dona de casa

Com base nos dados da tabela, é possível observar que as três ex-funcionárias entrevistadas, em determinados períodos de suas trajetórias na instituição, tiveram contato umas com as outras. O fato de terem exercido funções diferentes, e em momento distintos, é favorável para que haja uma possível variedade nos relatos de suas atividades e do cotidiano da biblioteca.

A partir das informações dos ex-alunos, nota-se que eles foram contemporâneos, devido aos anos em que foram alunos do Colégio Farroupilha, e infere-se que se trata um grupo pertencente a uma camada econômica abastada de Porto Alegre, dadas às ocupações de seus pais. A variedade das atividades profissionais que cada ex-aluno exerce hoje, ajuda a pensar a partir de que lugar cada um enxerga seu passado na instituição, sua relação com o colégio onde estudaram e sua biblioteca. Para Janaina Amado, “toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra” (AMADO, 1995, p.133). Portanto, estas informações auxiliam a pensar o lugar de sujeito de onde cada entrevistado fala sobre suas memórias.

Sabendo que as memórias não são espontâneas, e que, portanto, precisam ser estimuladas, foram utilizadas nas entrevistas cópias dos alguns dos próprios documentos analisados, que atuaram como evocadores de memórias. Para Pierre Nora, “a memória se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p.9), que atuam como evocadores de memórias.

Em sua dissertação de Mestrado, em que analisa as memórias produzidas tendo a obra *Il Quarto Stato* como evocador, Saturnino (2005) argumenta que os elementos evocadores de memórias estão associados “à valorização que o indivíduo empresta, no presente, para as experiências vividas”, e “tem a ver com a maneira através da qual os sujeitos convivem com o seu passado e com a forma como tentam organizá-lo” (SATURNINO, 2005, p.106).

Para a ex-diretora, além dos documentos conservados pela biblioteca, foi apresentada uma cópia do seu diário, o que gerou uma grande comoção no momento da entrevista. Iracema emocionou-se ao recordar daquele artefato, que simboliza um momento especial em suas lembranças de diretora.

Para os demais entrevistados, foram apresentadas cópias das listas de leitores assíduos da biblioteca, com enfoques diferentes. Para as bibliotecárias, o objetivo de apresentar tal documento concentrou-se no sentido da produção destas

listas, enquanto para os alunos, o significado esteve em fazer parte das mesmas; em ser ou não um *bom leitor* aos olhos da biblioteca.

Após esta provocação, solicitei aos entrevistados que narrassem suas trajetórias no colégio: enquanto as funcionárias narraram sua rotina diária naquele espaço, que era o seu local de trabalho, os alunos mencionaram como era ser – ou não – um usuário da biblioteca.

Em seguida, recorri a um roteiro elaborado previamente, com algumas questões que considerei relevantes sobre o colégio e sua biblioteca, também com roteiro diferenciado para os entrevistados (APÊNDICES B, C e D).

Durante entrevista com a ex-diretora, antes mesmo que eu iniciasse com as perguntas, ela começou a falar espontaneamente, narrando suas experiências enquanto diretora do Colégio Farroupilha, demonstrando certo prazer em relatar seu cotidiano na instituição. Em seguida, foram feitas indagações sobre a existência de uma biblioteca anterior à Biblioteca Manoelito de Ornellas e à criação desta *nova* biblioteca, além de questões mais pontuais sobre a seleção de bibliotecárias, inspirações para criação e construção do acervo, entre outras. Ao ver as cópias de algumas páginas de seu diário, a ex-diretora fez uma pausa em seu relato e dedicou-se a ler seus escritos, mostrando-se emocionada.

Para as ex-funcionárias, as questões voltaram-se para seus afazeres cotidianos na biblioteca, para como viam a relação do alunos com este espaço, sobre os documentos criados por elas e a relação dos mesmos com apropriações que os alunos faziam da biblioteca. Para Poliana, algumas lembranças foram um tanto sofridas. A entrevistada, em um dado momento, entregou-se as lágrimas, num certo saudosismo.

Os ex-alunos foram apresentados às listas de leitores e questionados sobre como era ser considerado um *bom leitor*, entre outras questões. Em sua maioria, demonstraram entusiasmo quando contatados. Alguns não tinham ideia de que seus nomes estavam entre os leitores destacados da biblioteca, mostrando certa satisfação e surpresa no momento das entrevistas.

A única exceção foi Konrad, que demonstrou não ter muitas recordações da biblioteca e dos usos que fazia dela. Ao contrário dos demais, ele pareceu não afetar-se ao ver seu nome na lista de leitores. Para uma pesquisadora que lida pela primeira vez com História Oral, e tendo sido este um dos primeiros entrevistados, ao final desta entrevista, não pude conter a frustração. Passado o momento de

angústias e precipitações, foi possível perceber que a relação com a biblioteca talvez não tenha significado o mesmo que para os outros entrevistados, e que isso não inutiliza seu depoimento pelo contrário: serve como contraponto às demais narrativas, contribuindo de igual maneira para o estudo.

Em contrapartida, Eurico e Bianca, mesmo tendo respondido o questionário virtual, relataram ser uma grande satisfação em participar da pesquisa, afirmando serem gratos à instituição, por tudo o que agregou em seu crescimento. Os demais entrevistados mostraram-se muito engajados em contribuir com a pesquisa.

Este apanhado de informações teve o intuito de apresentar os documentos – escritos e orais - utilizados que me auxiliam a problematizar a trajetória da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Mas antes de tecer esta análise, faz-se necessário traçar algumas informações sobre o Colégio Farroupilha, a fim de se conhecer melhor o contexto em que a biblioteca se insere. Estas informações foram obtidas a partir da análise de alguns documentos – fotos, em especial, que serão apresentadas na sequência – e a partir também da consulta em livros que narram a trajetória da escola²⁰.

4.2 O Colégio Farroupilha

Mantido pela Associação Beneficente Educacional (ABE)²¹, o Colégio Farroupilha foi inaugurado no ano de 1886, no centro de Porto Alegre e, inicialmente, chamava-se *Knabenschuledes Deutschen Hilfsverein*, devido a suas origens germânicas e seu público, basicamente descendentes de alemães, pertencentes a classes abastadas de Porto Alegre.

O colégio iniciou suas atividades em salas alugadas da Comunidade Evangélica de Porto Alegre, na Rua Senhor dos Passos, passando para sua sede própria em 1895, na Rua São Raphael, atual Avenida Alberto Bins, no Centro Histórico de Porto Alegre (figura 7).

²⁰ TELLES (1974); HOFFMEISTER FILHO (1996). Estes, são livros memorialísticos produzidos pela instituição, que servem como fontes, desde que relativizados, porque podem ter o intuito de edificar a instituição.

²¹ A Associação Beneficente Educacional, mantenedora do Colégio Farroupilha, trata-se de uma entidade filantrópica criada em 1858, com o objetivo de “dar amparo, assistência social, colocação de empregos e orientação profissional aos imigrantes alemães e seus descendentes” (JACQUES, 2013, p.52).



Figura 7: Primeira sede do colégio (Bairro Centro)
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Inicialmente, tratava-se de uma escola apenas de meninos, passando a abranger meninas, em turmas separadas, somente em 1904. Em 1929, tornou-se uma escola mista, contemplando meninos e meninas em uma mesma turma.

Em 1936, devido ao crescimento do colégio, notou-se a necessidade da oferta de um Curso Ginásial e, assim, a instituição passou a chamar-se Ginásio Teuto-brasileiro Farroupilha. No ano seguinte, o golpe de Estado que instaurou o Estado Novo promoveu mudanças que atingiram a escolarização brasileira, especialmente as escolas identificadas a comunidades étnicas.

Alice Jacques afirma que as escolas e sociedades alemãs sofreram uma forte campanha de nacionalização instaurada pelo Estado Novo, iniciando uma “uma fiscalização intransigente, a fim de que o mundo cultural germânico fosse incorporado à cultura brasileira” (JACQUES, 2013, p.73). Nesta ocasião, a escola passou por algumas mudanças, dentre elas, sua denominação que passou a ser simplificada para *Ginásio Farroupilha*. Em 1949, o ginásio tornou-se colégio, oferecendo aos estudantes a possibilidade de cursarem a escolarização, incluindo o ensino secundário. Com a mudança para uma nova sede, que veio a ocorrer em

1962, o prédio localizado no centro de Porto Alegre passou a ser chamado, informalmente, como *Velho Casarão*.

Lucas Grimaldi, ao analisar o espaço urbano de Porto Alegre, a partir da criação de novas sedes de três escolas centenárias da capital, afirma que “o colégio se caracterizou por diversas mudanças, tanto em sua nomenclatura [...] quanto em sua localização [...]” (GRIMALDI, 2014, p.51). Sendo assim, em 1962, o colégio entraria em sua terceira sede, no Bairro Três Figueiras, onde permanece até hoje.

Conforme Alice Jacques e Tatiana Ermel, “as instalações no centro de Porto Alegre não tinham mais condições de ampliar suas estruturas e era crescente o número de alunos no colégio, que já não se restringiam a filhos de alemães” (JACQUES; ERMEL, 2013, p.108). Com isto, em 1962 ocorreu a inauguração do novo prédio no Bairro Três Figueiras, na Avenida Carlos Huber, com três pavilhões destinados aos cursos Primário, Ginásial e Científico (figura 8).



Figura 8: Fotografia da sede do colégio (Bairro Três Figueiras)
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Estando a arquitetura escolar em evidência, em função dos preceitos lançados pela Escola Nova, percebe-se uma grande mudança em relação ao prédio

da sede anterior. O prédio atual da instituição, construído em 1962, conserva um ar de modernidade, que pode ser observado em sua linguagem arquitetônica, que invade, também, as concepções pedagógicas do colégio. A escola, neste período, buscava firmar-se como uma instituição moderna, identificada, portanto aos ideais escolanovistas, destacados anteriormente.

Lucas Grimaldi afirma que, dentre outras mudanças ocorridas com a mudança de sede do Colégio Farroupilha, “o novo prédio abandonou algumas características coercitivas do antigo, como o pátio que possibilitava a vigilância do inspetor, proporcionando mais autonomia aos alunos” (GRIMALDI, 2014, p.50). Além disso, o número de alunos aumentou em 130 e o espaço da instituição foi triplicado, o que possibilitou uma expansão das salas de aula, “possibilitando mais espaço para a prática pedagógica diária” (GRIMALDI, 2014, p.51).

4.3 Ouvindo os murmúrios: indícios de uma biblioteca

Aqui, inicio a problematização do percurso da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Primeiramente, fragmentos do passado, como se fossem *murmúrios*, permitem conceber uma biblioteca no *Velho Casarão*, o antigo prédio do Colégio, no Centro Histórico de Porto Alegre. Em seguida, a história da Biblioteca Manoelito de Ornellas, a chamada *nova* biblioteca, localizada na sede atual do Colégio, no Bairro Três Figueiras.

Como já foi dito, na fase inicial desta pesquisa pensava-se não haver uma biblioteca no Colégio Farroupilha antes de 1968, devido à grande ênfase dada à criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas nesta data, especialmente considerando a leitura do diário da ex-diretora Iracema e em seu relato. Após uma imersão no objeto de estudo e encontrar novos documentos, foi possível desnaturalizar a documentação encontrada, relativizando-a e considerando sempre que em todas as narrativas, escritas ou orais, é preciso indagar “quem pode falar o quê para quem e em que lugar” (PINTO, 1989, p.39). E assim, foi possível estar atenta e *ouvir alguns murmúrios* que hoje permitem contar esta história.

De acordo com o que foi relatado nas entrevistas com a ex-diretora e ex-funcionárias, entende-se que, na sede da Avenida Alberto Bins, a biblioteca era um espaço composto, em sua maioria, por doações. Conforme narrativa de Iracema,

este lugar localizava-se na sala dos professores, e os livros serviam apenas para consulta local. Segundo ela, os alunos obtinham os seus materiais de ensino e livros em geral por meio de compra em locais externos ao colégio, mas, esporadicamente, frequentavam este local:

Eu fui aluna do Colégio Farroupilha toda minha vida escolar, desde os meus sete anos, então o que eu me lembro de biblioteca foi assim, uma biblioteca em que os livros eram encapados com um tecido xadrezinho. Não me lembro de empréstimo; me lembro que a gente esporadicamente ia naquele local, onde também era a sala dos professores, então, era no segundo andar, na parte dos fundos do colégio, do Velho Casarão. Isso que eu me lembro é da biblioteca do colégio velho, como aluna. Depois, como professora [...], te confesso que nunca se falava em livros e em biblioteca. Eu não recordo. A gente recomendava muito o uso de livros que as crianças tinham em casa, que os pais propiciavam, mas da escola eu não recordo, e eu tenho quase certeza que eu nunca usei. Em primeiro lugar, a gente não tinha a estrutura de biblioteca propriamente dita (Entrevista realizada com ex-diretora em fevereiro de 2014).

Iracema preocupa-se em enfatizar que havia uma biblioteca no seu tempo de aluna, entretanto, em suas memórias, não recorda da biblioteca anos mais tarde, quando já era docente do colégio. Este fato sugere um questionamento: teria Iracema esquecido de suas experiências na biblioteca neste período? Teria ela focado suas memórias em sua vivência durante a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, por ter sido realizada durante a sua gestão? Maurice Halbwachs (1990) auxilia nesta problematização, ao afirmar que a memória é “movediça”, no sentido em que lembranças reais e fictícias perpassam o terreno das memórias.

Ecléa Bosi (1997), ao narrar as suas experiências com memórias de velhos, explica que a veracidade dos relatos feitos por seus entrevistados não foi motivo de preocupação, pois “seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”, estando o seu interesse “*no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida*” (BOSI, 1997, p.37)²².

Desta forma, a ex-diretora utiliza-se de um discurso meritocrático, em que os feitos de sua gestão são valorizados e enaltecidos, pois ela chega a dizer que não havia biblioteca antes de sua gestão. Cabe destacar que, a partir do lugar de sujeito de diretora, o diário de Iracema constitui-se de um instrumento de escrita que parece ter a função de apresentar os feitos de sua gestão, quase como uma *prestação de contas* de suas atividades frente à direção da instituição. Ao se apropriar do diário como um evocador de memórias, ela parece pautar suas memórias pelo artefato.

²² Grifo da autora.

Quanto ao constante uso de livros pelos alunos, como a ex-diretora anuncia, possivelmente há relação com o fato de o colégio abranger, em sua maioria, alunos filhos da burguesia alemã de Porto Alegre, e isso provavelmente facilitou a utilização de livros que as crianças possuíam na esfera doméstica.

Victor também recorda os seus tempos de aluno, entre 1951 e 1962, e narra as suas lembranças sobre o espaço destinado aos livros no Colégio Farroupilha, ainda na sede antiga:

Tinha um horário dedicado à biblioteca [...], como se fosse uma disciplina chamada “biblioteca”. Então íamos para lá e tinha um livro que a gente tinha que ficar lendo naqueles horários da semana [...]. E eu tenho uma frustração, porque eu estava lendo “Viagem à Lua”, do Júlio Verne, e não consegui terminar. Terminou o ano, e no ano seguinte não tinha [...]. E não era assim uma coisa muito intensa, eu tenho lembrança de que era de vez em quando, não era uma coisa super enfatizada, mas existia sim [...]. Depois eu li obviamente, depois de adulto. Aquilo me lembro que ficou um vazio na época (Entrevista realizada com ex-aluno em novembro de 2014).

Victor traz um elemento novo à trajetória do livro no Colégio Farroupilha: segundo a sua narrativa, existia um período no horário escolar destinado ao uso da biblioteca. Se Iracema diz que no seu tempo como aluna o acesso à biblioteca era esporádico, já Victor afirma que o uso daquele espaço era frequente. Importa reforçar que estamos tratando de pessoas com idades diferentes, ou seja, enquanto ele iniciou os seus estudos em 1951, Iracema já havia iniciado uma década antes.

Conforme fala do ex-aluno, supõe-se que o uso da biblioteca repercutiu nos anos seguintes de sua vida, pois ele narra um vazio deixado por um livro, do qual não conseguiu concluir a leitura, realizando-a anos mais tarde, fora do ambiente escolar. Além disso, este fato sinaliza que, provavelmente, havia um descarte de livros, pois um livro lido em um ano já não existia mais no ano seguinte. Outra hipótese seria pensar que haviam livros que alguns alunos levavam para casa e não devolviam, pois, possivelmente, o controle nos empréstimos não fosse tão eficaz, conferindo certa informalidade pautada na confiança entre bibliotecárias e usuários.

Outro ponto importante é o espaço da biblioteca, que, ao que parece, já não era dividido com a sala dos professores, como diz a ex-diretora. Victor narra, usando as mãos para indicar a sua localização:

Era uma peça relativamente pequena [...]. Lembro de umas prateleiras com livros, mesinhas para sentar e ler [...]. Naquele pátio central [...] onde tinha um mastro, no casarão. Passava o corredor principal, passava o relógio, tinha o mastro da bandeira, escada, aí era a biblioteca [...] (Entrevista realizada com ex-aluno em novembro de 2014).

Neste lugar, conforme as suas palavras, havia prateleiras e mesas com cadeiras para sentar e desfrutar de momentos de leitura. Sua narrativa sobre a estrutura física do espaço, remete à foto da biblioteca em 1949, apresentada na página 16. Parece que, aos poucos, o lugar destinado aos livros foi sofrendo algumas mudanças, sendo a principal delas procedente do investimento realizado no final da década de 1960. Como exemplos deste investimento, estão a arrecadação de dinheiro para compra de material e a aplicação de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos. Essas ações aconteceram após a mudança de sede do Colégio Farroupilha, resultando na construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968.

4.4 A criação de uma *nova* biblioteca: dos murmúrios à fala eloquente

Se os indícios da existência de uma biblioteca anterior constituem-se como murmúrios, devido à pouca informação sobre a mesma, as pistas sobre a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968, e as histórias que constituem a trajetória da mesma podem ser consideradas uma *fala eloquente*, em função da riqueza de documentos e de lembranças narradas.

A partir desta data, provavelmente, passou a existir ao menos uma preocupação das bibliotecárias em guardar documentos que informam sobre a história a biblioteca, numa intenção de arquivar este espaço, o que reforça a ideia de uma maior institucionalização da biblioteca escolar, que talvez no passado não houvesse.

Em 1962, o colégio passou a ter a sua sede no Bairro Três Figueiras, onde permanece até hoje. Seis anos mais tarde, foi criada Biblioteca Manoelito de Ornellas. Alguns meses antes desta criação, na gestão da Diretora Iracema, deu-se início à “Ação Biblioteca”, campanha que visava à arrecadação de fundos para a construção do acervo de livros (Figura 9). Segundo Iracema, as turmas realizavam uma competição no intuito de arrecadar uma maior quantidade de dinheiro, o que proporcionou uma imensa satisfação ao colégio.

Continuamos com grande êxito a
 Campanha "Acção Bibliofeca", em bene-
 fício, ou melhor, com a finalidade de
 de adquirirmos livros. Muito exitosa
 por enquanto a campanha, tendo
 se destacado o curso de Admissão
 com a contribuição de R\$ 675,00.
 Total de contribuições em dinheiro:
 R\$ 2.201,50.
 Muitas e valiosas doações em obras
 completas e livros. 10/9/68

Figura 9: Página do diário de Iracema.
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

No dia 12 de outubro de 1968, a nova biblioteca foi inaugurada e iniciou o seu acervo com cerca de 5 mil livros. Alguns jornais registraram o evento (Figura 10):



Figura 10: Nota em jornal sobre a inauguração da Biblioteca Manoelito de Ornellas.
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

A fotografia publicada em um jornal²³ da época apresenta a biblioteca com a presença de alunos e alunas dispostos em classes durante o exercício da leitura. Possivelmente desejava-se reiterar que a mesma poderia ser utilizada por todos, embora a foto indique uma evidência de sexismo, pois meninos e meninas estão sentados em grupos separados.

Cabe ressaltar que a fotografia pode não ter sido tirada espontaneamente, havendo alguma preparação feita pelo fotógrafo ou por quem solicitou a mesma. Em estudo de fotografias escolares, Rosa Fátima de Souza afirma que “a pose exagerada representa uma caricatura da disciplina escolar” (SOUZA, 2007, p.93), fato que pode ser pensado nesta imagem. A palavra “moderna”, na legenda, parece acompanhar as novas concepções pedagógicas já mencionadas, e a afirmativa de que os livros ali reunidos “representam todos os setores da vida contemporânea” mostra uma pretensão que parece acompanhá-la.

Na legenda da foto consta que:

²³ Este recorte de jornal foi localizado em uma pasta com documentos da biblioteca no Memorial do Colégio Farroupilha, e encontrava-se solto e sem demais informações. Também nesta pasta havia um telegrama do *Jornal Folha da Tarde* comunicando à instituição uma nota publicada. Como havia outros recortes de jornais, não há como inferir se esta publicação realmente foi lançada neste jornal.

O Colégio Farroupilha inaugura uma moderna biblioteca, equipada com livros que representam todos saberes da vida contemporânea. Sob a direção de competentes bibliotecárias, o Colégio Farroupilha está em condições de proporcionar aos seus alunos a indispensável complementação do ensino primário e colegial, através da leitura das mais variadas matérias do saber humano.

Carregada de adjetivos, que caracterizam desde o novo espaço até suas funcionárias, a legenda busca apresentar a biblioteca como um local “indispensável” aos estudos de seus alunos, pois se afirma que ela abrange “todos saberes da vida contemporânea”. Esta forma pretenciosa de escrita, provavelmente encomendada por alguém do Colégio Farroupilha, evidencia a grandiosidade com que a instituição tratava sua *nova* biblioteca.

Segundo a ex-diretora Iracema, a estrutura da biblioteca foi projetada por Luiza Petrik, arquiteta, ex-aluna e filha da Professora Irene Petrik, que parece ter sido uma aliada da direção no momento de criação e no funcionamento da biblioteca. Conforme Iracema:

Então, começamos muito inspirados, instigados, inclusive, por uma pessoa que era de uma cultura invejável, e que não podia mais ser professora, ela teve um problema nas cordas vocais, então a gente aproveitou essa vocação maravilhosa dela, conhecedora de livros, uma cultura invejável: a Irene Petrik. Essa pessoa, foi a que esteve junto com a direção pensando em tudo [...]. A Irene, apesar de não ter o título de bibliotecária, era a pessoa mais indicada para o que, em geral, nas escolas, hoje, até nas escolas públicas, acho que ainda continua, professoras que tem esse conhecimento, que tem digamos assim, vocação, no caso, que na escola, o trabalho do bibliotecário propriamente dito, não tem como fugir... agora, o contato aluno é muito importante, então, tendo uma professora, a parte pedagógica, ela tem essa visão, ela pode orientar professores, ela pode orientar na compra de livros, ela tem essa visão de trabalho com o aluno e com os livros. Então, foi assim, um trabalho técnico que foi iniciado e a Irene teve essa ideia maravilhosa da eleição para o patrono. Eu devo te confessar que não recordo os nomes dos candidatos que participaram mas o Manoelito de Ornellas ganhou. Então aí ela fez eleição mesmo, como manda o figurino (Entrevista realizada com ex-diretora em fevereiro de 2014).

Entende-se que havia uma certa intenção na escolha daqueles que seriam os responsáveis pelas bibliotecas escolares, ou seja, era preciso ser possuidor de determinados traços de personalidade, denotando um capital cultural, talvez diferenciado entre o corpo docente. Nesse sentido, Vidal afirma que os encarregados pelas bibliotecas eram, geralmente, pessoas que tinham o gosto pela leitura. Complementa, ainda, que a guarda das bibliotecas era “confiada a alunos escolhidos e a direção entregue a professores ou diretores, responsáveis também pela seleção de livros” (VIDAL, 2004, p.198).

A questão da vocação, presente na fala de Iracema, remete à ideia proposta pela Revista do Ensino, em que as bibliotecárias eram vistas como pessoas que nasceram com o *dom* de bem administrar uma biblioteca, dotadas de características peculiares, tais como zelo e amorosidade para com o ofício.

Conforme relato da ex-diretora, nota-se a importância exercida pela figura da Professora Irene Petrik²⁴ na biblioteca e a sua *vocação* para o ofício, nas suas próprias palavras. Além disso, sem negar a função de um bibliotecário, afirmou ser fundamental a presença de alguém com formação pedagógica atuando na biblioteca, capaz de orientar alunos e professores. Com a mudança do prédio e a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, imprimiu-se um novo modelo de biblioteca escolar mais afinado aos conceitos da modernidade pedagógica e do escolanovismo. Ao que tudo indica, naquela realidade escolar, à medida que mudaram as concepções pedagógicas, que acompanharam a troca de prédio, o livro deixou de ser um objeto de consulta local e passou a acompanhar os alunos e professores às suas casas.

Neste primeiro momento, ainda no primeiro ano de existência, a Bibliotecária Clarissa foi contratada para atuar na Biblioteca Manoelito de Ornellas, juntamente à professora Irene Petrik e a outras professoras que lá já trabalhavam. Iracema afirma que esta parceria entre bibliotecária e professora era fundamental para exercer um trabalho “completo” na biblioteca, pois, enquanto a primeira tratava da parte técnica, a segunda era responsável pelo contato com os alunos.

Da mesma forma, a antiga diretora relata o apoio das bibliotecárias para com a sua atuação enquanto gestora, atuando como “auxiliares”:

As bibliotecárias [...] foram umas auxiliares no processo educativo e minhas auxiliares diretas no sentido de me colocarem nas mãos as últimas novidades em termos pedagógicos, em termos de sociologia. Tudo aquilo que uma diretora precisa ter, até porque a gente tem tanto trabalho e não tem tempo, então elas eram, vamos dizer assim, as propulsoras, elas me alcançavam, me sugeriam e vamos dizer assim, davam muito apoio, muito apoio mesmo. (Entrevista realizada com ex-diretora em fevereiro de 2014)

No ano seguinte à sua inauguração, foi realizada eleição para a escolha do patrono que daria nome à biblioteca, idealizada também pela Professora Irene

²⁴ Irene Petrik foi uma professora do Colégio Farroupilha que precisou afastar-se da sala de aula por motivos de saúde, e, portanto, ficou responsável por muitas questões relacionadas à biblioteca.

Petrik, em que foi escolhido o nome de Manoelito de Ornellas²⁵. Em uma pasta com informações sobre o patrono eleito, haviam folhas com informações de outros nomes conhecidos da literatura gaúcha – Alceu Wamosy, João Simões Lopes Neto, Manuel José de Araújo, Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior e Alcides Castilhos Maya - e que, provavelmente, tenham sido os demais concorrentes a patrono da biblioteca²⁶.

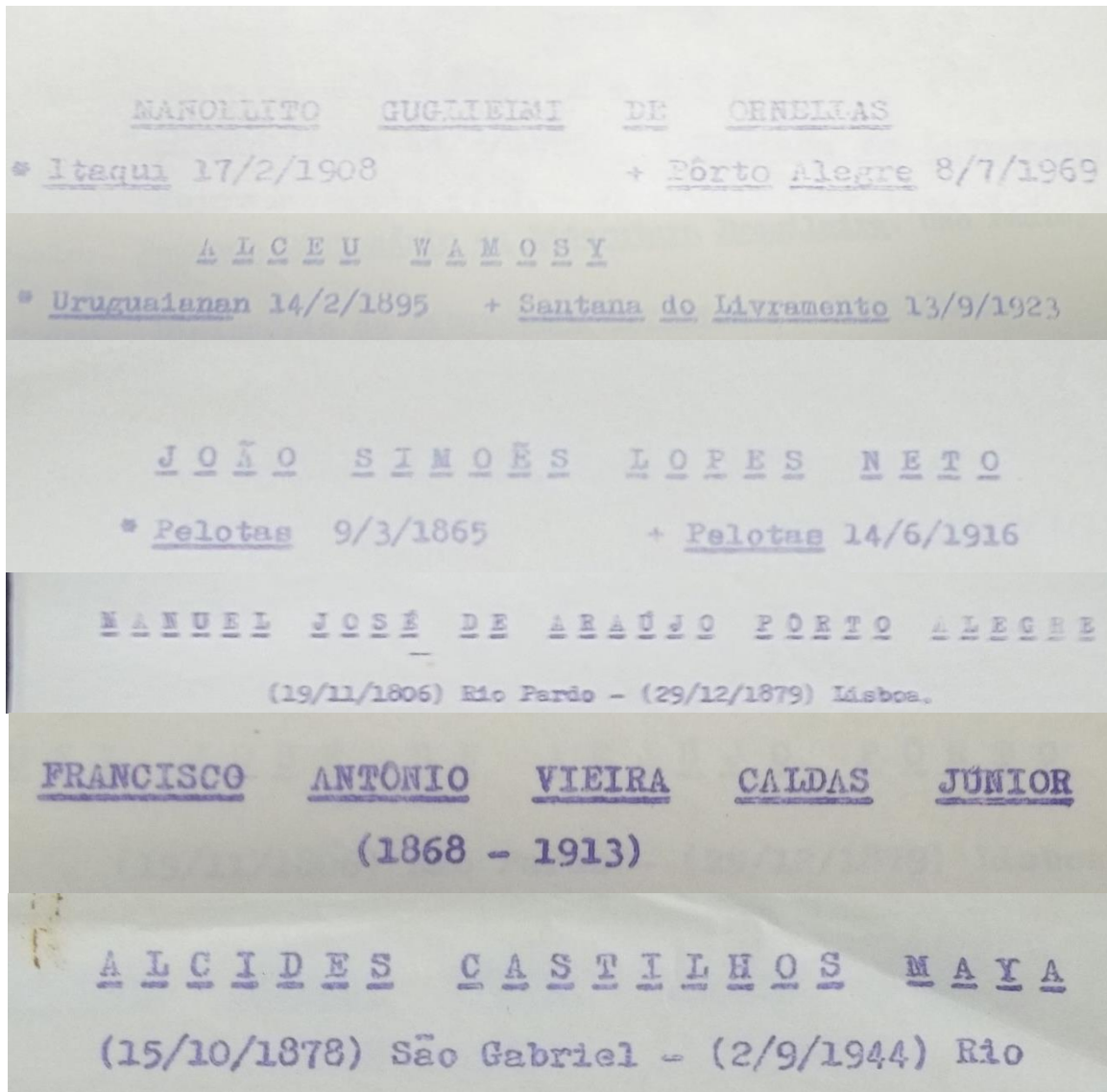


Figura 11: Informações sobre os candidatos a patrono da biblioteca

²⁵ Manoelito de Ornellas, nascido em 1908, era natural de Itaquí (RS), e foi um grande conhecedor da história do Rio Grande do Sul. Publicou diversas obras, atuou como professor nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, foi jornalista e diretor da Imprensa Oficial e diretor da Biblioteca Pública. Colecionou muitos prêmios e títulos durante a sua carreira, entre eles o Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, em 1968, ano de inauguração da Biblioteca. Morreu no ano seguinte.

²⁶ Além dos nomes, datas de nascimento e falecimento e local de origem, estes documentos portavam informações como uma breve biografia de cada um destes homens, bem como algumas de suas obras publicadas. Para uma melhor visualização destes nomes mencionados, optou-se por fazer um recorte que mostrasse apenas estas informações mais importantes para a pesquisa.

Fonte: Memorial do Coégio Farrroupilha

Para tentar compreender essa escolha, cabe lembrar que estamos tratando de um tempo que herda do Positivismo a prática de nomear instituições, ruas e cidades com nomes de *grandes homens*. Além disso, elege-se como patrono alguém identificado ao tradicionalismo gaúcho, escolha coerente com a história do colégio, que, ao longo do século XX, assumiu uma identidade atrelada aos ideais nacionalistas com forte marca regional (ALMEIDA, 2014).

Em 1976, foi criada a Bibliotequinha, tendo em vista a importância de um atendimento diferenciado aos alunos de primeira a quarta séries. Nela, além de espaço para leitura e setor de empréstimo, ainda hoje são realizadas atividades como hora do conto e teatro. Helena comenta este fato:

A Bibliotequinha foi criada no ano em que eu entrei na escola, surgiu da necessidade de separar os alunos pequenos a fim de dar um atendimento mais individualizado, pois era difícil atender e fazer atividades com eles e a biblioteca funcionando normalmente [...]. As atividades foram inseridas no horário escolar como se fosse uma aula especializada. (Entrevista realizada ex-funcionária em abril de 2015)

Conforme informação dada pelo *site* da escola²⁷, entre os anos de 1999 e 2001, a Biblioteca Manoelito de Ornellas teve o seu espaço físico ampliado e modernizado, e conta, atualmente, com cerca de 50 mil volumes, entre obras de referência e literatura, livros didáticos, jornais, periódicos, CDs e DVDs. Sendo tradição desde a inauguração do espaço, promove a Feira do Livro, com atividades variadas dirigidas a todos os segmentos de ensino (Figura 12).

²⁷ Informações obtidas em <http://colegiofarrroupilha.com.br/servicos/biblioteca/historia_da_biblioteca> (Acesso em: dez/2013).



Figura 12: Foto atual da Biblioteca Manoelito de Ornellas.
Fonte: *Síte do Colégio Farroupilha.*

Poliana recorda alguns momentos desta transformação:

Teve muito crescimento em termos de acervo, em termos de profissionais [...], houve uma reforma com a Lei Rouanet, aquela lei de incentivo à leitura. Nós recebemos uma verba. Não sei se tu conhecestes a biblioteca, aqueles são nomes de pais que fizeram também doações, para essa reforma, porque até então a biblioteca era metade, tu entras e tem o balcão, era até ali aquele balcão. Aquela parte para trás foi ampliada com essa obra. [...]. Era sempre muito bem visitada, o pessoal gostava de ir, era um local acolhedor. Depois da reforma ficou bem legal, antes ela era mais escura, muito séria, muito cinza, pesada. Depois da reforma ela teve esta evolução (Entrevista realizada com ex-funcionária em março de 2015).

A ex-bibliotecária afirma que esta reforma acarretou em transformações não só em questões de estrutura física, mas também em nível profissional. Ela também faz menção aos nomes de pessoas que fizeram doações para esta reforma, que hoje estão presentes nas lombadas de livros pintadas nas paredes da Biblioteca Manoelito de Ornellas (figura 13), e afirma a diferença do ambiente antes e depois desta transformação.



Figura 13: Detalhes da pintura da biblioteca
Fonte: Acervo pessoal

Sobre este assunto, fala Moreninha, a professora de Artes Aplicadas que auxiliava na restauração livros da biblioteca,

Eu me lembro que tem ali na biblioteca um painel com lombadas de livros como se fosse... com os nomes dos doadores... aquilo está em tábuas né, então tinha uma pessoa que montou aquilo, pintou direitinho, e depois com o tempo ficou esmaecido, ele usou uma caneta que desbotou, então me pediram para retocar aquele letreiro todo ali... Aí aquilo eu fiz também... eu não sei se aquilo aumentou de extensão, porque ainda tinha espaço quando eu saí do colégio para botar mais, continuar a sequência do friso (Entrevista realizada ex-funcionária em março de 2014).

Esta seção teve o intuito de apresentar o percurso da Biblioteca Manoelito de Ornellas, cenário em que foi criada grande parte dos documentos analisados e local de trabalho ou frequência dos entrevistados desta pesquisa, com exceção de Victor. Os parágrafos a seguir buscam analisar os usos que se faziam neste espaço, contribuindo para a tessitura desta trajetória.

4.5 Um espaço de múltiplos usos

Este tópico busca compreender a relação de alguns estudantes com a Biblioteca Manoelito de Ornellas, a partir dos relatos dos usos que faziam da mesma. Além das narrativas dos ex-alunos, os modos como a biblioteca concebe seus alunos leitores, perceptíveis a partir da análise de alguns documentos, também são uma forma de analisar sua trajetória. Com base nesses documentos analisados, é possível tecer considerações acerca da representação de leitor formada pela biblioteca sobre os seus alunos, o que também faz parte de sua história.

Entre os diversos relatos escutados, entende-se que a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha teve distintas repercussões nas experiências escolares de seus usuários. Houve quem fez deste local uma espécie de refúgio para não assistir a determinadas aulas, mas houve também quem estava lá toda semana, renovando seus livros e valorizando a oportunidade da leitura. Também passou pela biblioteca quem queria apenas um papel de destaque, fazendo a retirada de livros mais para ficar conhecido como um *bom leitor* do que para realizar de fato sua leitura. E é claro, houve quem sentia repulsa pela quietude deste lugar destinado aos livros, abominando toda e qualquer forma de silêncio da biblioteca.

Conforme Goulemot,

Assim como existe uma história das bibliotecas, da leitura, de seu estatuto [...], existe também uma história ainda por escrever dos interesses que elas suscitam, das paixões que elas fazem nascer. Segundo o suporte do “livro” [...] ou o lugar utilizado para a leitura [...], vínculos diferentes se criam com o livro e a biblioteca e constituem-se estatutos, usos, outras práticas de leitura [...] (GOULEMOT, 2011, p.22).

Sendo assim, as palavras de Goulemot auxiliam a perceber e interpretar os usos da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha feitos por estes alunos, por meio dos discursos produzidos nos documentos da instituição e das próprias narrativas dos entrevistados.

Jacques Le Goff (1990) propõe que “todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”, ou seja, o historiador interroga dele uma informação baseada em sua época, em sua posição na sociedade e em sua organização mental, e o documento é, portanto, uma “mentira”, no sentido que atua como uma representação a ser interpretada (LE GOFF, 1990, p.547).

Os documentos analisados são aqui tomados, portanto, como portadores de uma memória, que pode ser interpretada das mais variadas formas. Mais uma vez, busca-se realizar uma determinada interpretação, sem a pretensão de verdade absoluta.

Um destes documentos foi o resultado de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos, encaminhada à direção do colégio, realizada alguns meses antes da criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas (Figura 13).

Colégio Farroupilha, Biblioteca.
Em 25 de julho de 1968.

Senhores Diretores:

Apresentamos abaixo o resultado da enquete sobre preferência de leitura, realizada entre 365 alunos, do sexo masculino e feminino, do Curso Primário, abrangendo a idade de 7 a 11 anos. Omitimos as respostas de alunos de 12 anos por serem apenas em número de 11, o que seria pouco representativo. Anotamos as respostas mais repetidas, deixando de assinalar aquelas que, por sua variabilidade, deixaram de influir no conjunto.

Analisaremos, a seguir, o resultado por perguntas. Pedimos também a interpretação dos senhores diretores, o que virá auxiliar naquilo que pretendemos: conhecer o gosto literário do aluno-leitor de nosso Colégio, na época atual.

Esta enquete tem pretensão modesta, embora sirva de roteiro e guia para o nosso trabalho de bibliotecária.

1º) Referindo-nos a primeira pergunta achamos muito bom o total geral, mostrando que nosso aluno tem (93%) o gosto pela leitura, o que vem a ser alentador para um começo de trabalho.

2º) Registramos que a grande e maioria lê mais à noite, o que para nós representa as horas onde a influência da leitura sobre a criança torna-se maior.

3º) Sobre o gênero literário a escolha recaiu no de aventuras, o que é bem lógico, uma vez que grande parte das crianças gostam de histórias de ação e aventuras, especialmente na faixa das idades escolhidas. (Nota-se que devido a falta de respostas não fizemos a verificação entre as crianças pequenas, de 1º ano.)

4º) Sobre os autores preferidos notamos uma nítida preferência por Walt Disney, influência esta também resultante, segundo cremos, da divulgação dada pelo cinema.

5º) Como consequência da anterior, os três livros mais citados foram criação de Disney. Notamos uma ausência quase total por escolha da obra João e Maria, com apenas 3 ou 4 citações nototal geral.

Figura 14: Apresentação da enquete sobre preferências de leitura.
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

A ex-diretora não possuía nenhuma lembrança desta enquete no momento da entrevista, e as ex-bibliotecárias entrevistadas ainda não eram funcionárias da instituição em sua fase de elaboração, o que dificulta uma análise esmiuçada de tal documento. O que se pode inferir é que o mesmo foi elaborado com vistas a criar um acervo baseado nas preferências dos alunos. Não se sabe, entretanto, de que forma a enquete foi aplicada, em que momento os alunos a responderam, se a levaram para casa, se responderam as questões oralmente ou se as questões eram de múltipla escolha ou dissertativas.

Na imagem anterior, onde as bibliotecárias relatam o resultado do questionário aplicado cerca de um mês antes, tem-se a informação de que a enquete fora respondida por 365 alunos, embora a imagem a seguir apresente 431 respostas. Não se sabe ao certo se o documento encontrado no Memorial do Colégio Farroupilha estava incompleto, ou se houve algum erro na confecção do documento. Apesar do caráter lacunar, próprio de qualquer documento investigado, ainda podem-se observar algumas questões. Os cinco tópicos a seguir do texto referem-se às questões aplicadas aos alunos, como se observa na Figura 15:

RESULTADO GERAL DA ENQUETE

Data: 27 de junho de 1968.

^{as respostas}
Nº de Alunos: 431

1º) Gostas de ler ?

Sim	375	87% gosta de ler.
Não	10	
+ -	46	

2º) Quando lêes ?

À noite	121	As demais respostas foram variadas.
À tarde	20	

3º) Qual o gênero de leitura que mais aprecias ?

Romanos	170
Aventura	179
Policial	50
Ficção cient.	29

4º) Quais são teus autores preferidos ?

José de Alencar	63	J. Manoel de Macedo	18
Érico Veríssimo	62	Morris West	16
Júlio Verne	56	A. Dumas	16
Monteiro Lobato	53	Erich Fromm	16
Ernst Hemingway	27	Fernando Sabino	15
Saint-Exupéry	24	Conan Doyle	12
Walt Disney	27	Pearl Buck	11
Machado de Assis	26	Daniel Defoe	10
Mark Twain	24	Yan Fleming	10
Karl May	22		
Jorge Amado	20		

5º) Cita alguns títulos de livros que mais te agradaram.

Iracema	27	Vinte mil léguas sub.	24
Moreninha	25	Pequeno Príncipe	23
Robinson Crusoe	24	Guarani	17
O Velho e o Mar	24	Poliana	16
		Conde de Monte C., Clarissa, E o vento levou e Volta ao mundo 80 dias	11

Figura 15: Resultado geral da enquete.
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

Dentre outras perguntas, destacam-se às referentes ao gênero literário, autores e aos livros preferidos dos alunos. Chama a atenção a grande adesão ao gênero romance, em especial pelas meninas. Os contos, geralmente associados ao público infantil, por exemplo, não aparecem nos resultados.

Cabe ressaltar que, dentre os autores mencionados no resultado da enquete, nem todos escreviam para o público infantil, outro fato que leva a considerar o seu resultado um tanto duvidoso. Além disso, há apenas uma mulher na lista e são raros os autores brasileiros. Levando em conta a época e a idade do público em questão, há que se estranhar também os poucos votos para Walt Disney, em relação a José de Alencar, por exemplo, que, ao que se conhece, não possuía obras dedicadas ao público infantil – como diversos outros autores mencionados na lista.

Para Peter Burke, “os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (2008, p.33). Portanto, ao mesmo tempo em que se deve levar em conta o interesse do Colégio Farroupilha em conhecer melhor os seus alunos na condição de público leitor, a fim de pensar em um acervo que valorizasse as suas preferências, faz-se necessário refletir sobre os meios pelos quais os entrevistados obtiveram conhecimento destes autores, a ponto de tê-los elencado como seus *preferidos*.

Foram localizadas também 18 listas com nomes dos alunos dos diferentes graus de ensino que mais retiravam livros na biblioteca, datadas com os seguintes anos: 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1979, 1980, 1982 e 1988. Os títulos das listas variam entre “Leitores mais assíduos”, “Melhores leitores” e “Leitores premiados”. Percebe-se que algumas listas foram escritas à mão, enquanto outras, datilografadas.

Quem assina a maioria das listas analisadas é a ex-bibliotecária Clarissa. Ela relatou que as mesmas foram criadas com o intuito de reconhecer, valorizar e incentivar o hábito da leitura na comunidade escolar.

A ex-aluna Bianca lembra de como era feita a divulgação destas listas:

Lembro sim, eram divulgadas nos murais dos corredores. Eu retirava um livro e na devolução já pegava um outro para ler. Tenho muito orgulho deste reconhecimento por parte da biblioteca da escola (Entrevista realizada com ex-aluna em julho de 2015).

Bianca fala do orgulho em ser reconhecida como uma *boa* leitora pela biblioteca, e recorda de vê-las nos corredores do colégio. Diante da impossibilidade de trazer aqui todas as 18 listas encontradas, são apresentadas, a seguir, três destas listas, no intuito de expressar um pouco da diversidade de informações nelas contidas.

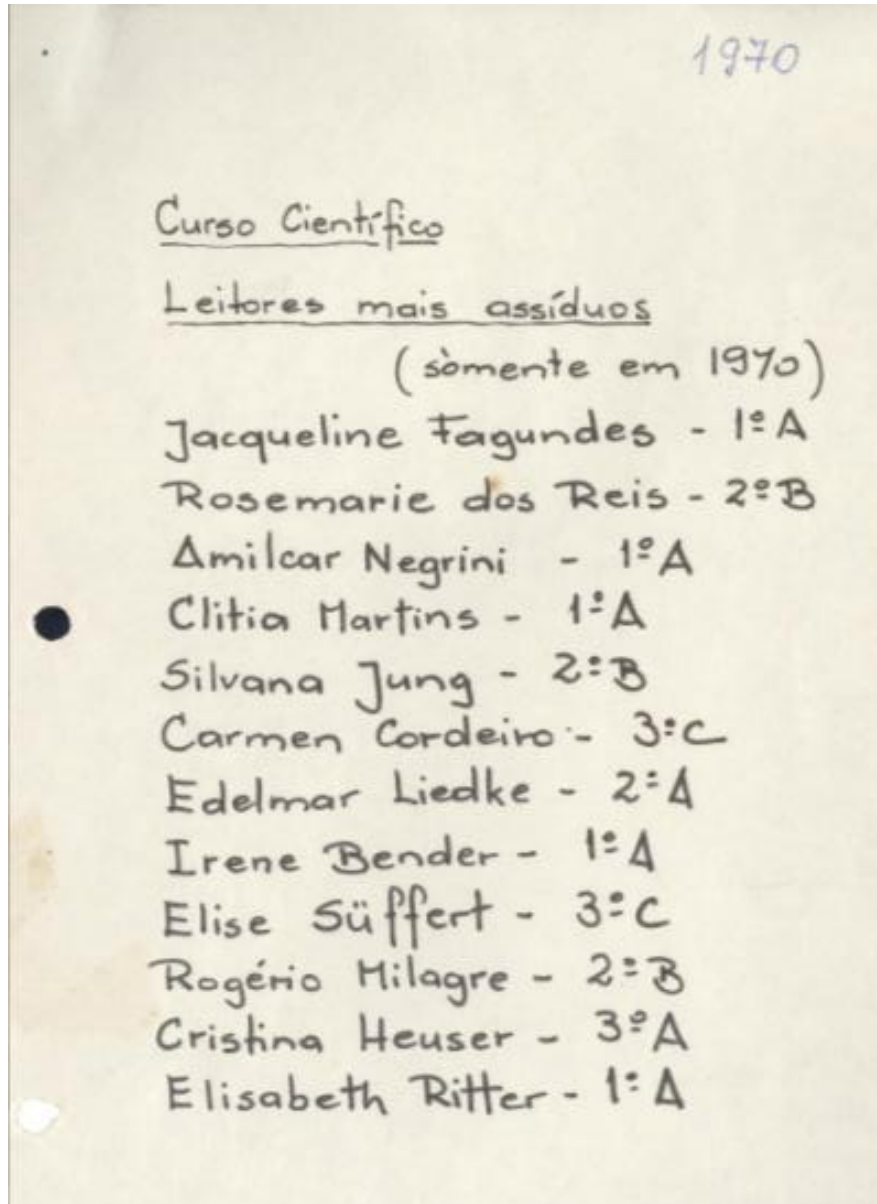


Figura 16: "Leitores mais assíduos" do Curso Científico em 1970.
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

A primeira lista (Figura 16), datada de 1970, dois anos após a inauguração da nova biblioteca, está escrita à mão e apresenta uma pequena lista de doze "leitores mais assíduos" do curso científico, sem exaltar o critério de ordem em que os nomes

foram elencados. Já a lista de 1980 (Figura 16)²⁸, datilografada, mostra um número maior de nomes, de 2ª a 6ª séries. Chama a atenção, entretanto, que a listagem de 1980, assim como em outros anos, inicia a partir da 2ª série, não apresentando alunos da 1ª série. Questionadas sobre a ausência de registros do primeiro ano nestas listas, nenhuma das três entrevistadas soube explicá-la, mas garantiram que sempre houve incentivo à leitura e hora do conto para estas turmas. Uma hipótese é pensar que o aluno do primeiro ano, na condição de alguém que somente ouve ler por não ser ainda alfabetizado, não era, portanto, considerado um leitor, de fato.



Figura 17: “Relação dos leitores mais assíduos na Biblioteca em 1980”.
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

²⁸ A imagem foi reduzida para uma melhor visualização. Alguns nomes de alunos foram suprimidos.

Em 1988, os alunos destacados na biblioteca foram premiados com livros, conforme consta no documento (Figura 18)²⁹. Para Clarissa, era uma forma de reconhecer e seguir incentivando a prática da leitura entre os alunos. Cumpre destacar que esta prática já era comum nas primeiras décadas do século XX, pois Diana Vidal aponta que “ao fim do ano letivo, como lembrança e convite à continuidade da leitura, livros eram distribuídos pelo Departamento de Educação, através da Biblioteca Central de Educação, aos alunos” (VIDAL, 2004, p.197).

Por outro lado, Rogério Fernandes (2005) sugere que o ambiente escolar utiliza-se de uma estrutura da qual fazem parte a disciplina, os castigos e as premiações, que, colocadas em funcionamento por professores e outras autoridades, fazem do mesmo um espaço de normalização. Portanto, pode-se pensar também, na tentativa da escola e biblioteca em exercer esta normalização, estabelecendo, por meio de listas e premiações, o modelo de aluno leitor ideal.

COLÉGIO FARROUPILHA - ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS - 20 ANOS

Relação de alunos premiados como leitores assíduos da Biblioteca e Bibliotecaquinha em 1988:

<u>2º A</u> Betina Siegmann Flávio Zanini	<u>3º D</u> Ana Paula Lambert Ricardo Haag Martins Rodrigo Migliorin	<u>6º E</u> Tomas Black
<u>2º B</u> Daniel Smits Mariana Blacker	<u>3º E</u> Patrick Lucchese	<u>7º D</u> Cláudia Soares Viviane Alles Tiago Petry
<u>2º C</u> Felipe Smith Tiago Friedrich	<u>4º A</u> Fernando Guarunha Roberta Thys	<u>3º A / 2º Grau</u> Patrícia Arensen Rodrigo Rotta

Figura 18: Alunos premiados em 1988.
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

Helena explica como ocorria esta premiação, e complementa a fala de Clarissa:

Premiávamos os com maior número e menos devoluções atrasadas. Os alunos adoravam, o prêmio era sempre um livro adequado à faixa etária do aluno [...]. O objetivo era uma forma

²⁹ A imagem foi reduzida para uma melhor visualização. Alguns nomes de alunos foram suprimidos.

de cativar os leitores, valorizar os que liam e tentar chamar a atenção dos outros. Fazíamos uma solenidade na biblioteca para a entrega dos prêmios. (Entrevista realizada com ex-funcionária em abril de 2015).

Alguns ex-alunos também recordam desta premiação. Ariadne diz que:

Eu lembro que a gente ganhava livro... livrinhos pequenos, enfim, mas se a gente mantivesse em dia as entregas, as devoluções, no final tu era de certa forma premiado com um livro. Era pra quem realmente fazia as entregas em dia, que fazia esse volume, mas que lia né (Entrevista realizada com ex-aluna em junho de 2015).

A ex-aluna afirma que era preciso realizar a leitura das obras retiradas da biblioteca para ganhar o prêmio. Por outro lado, Rodrigo afirma que apenas a retirada do livro era suficiente:

Na real tu não precisava nem ler os livros [...]. Tinha gente que não lia livro nenhum, ficava na pasta o tempo inteiro, e quando chegava: “ah, vamos lá na biblioteca”, aí pegava o livro, ou trocava, renovava e ganhava o prêmio igual, entendeu? Então nem todo mundo dessa lista aí (risos)... a maioria ganhava porque ia, porque estava com o livro na pasta, e não porque lia, entendeu? (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

Os dois estudantes apresentam diferentes versões sobre esta prática de premiar alunos leitores. Sem querer optar por uma das narrativas como verdadeira, tem-se em mente que “o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo” (BOSI, 2003, p.19). Ou seja, cada um dos alunos tem para si uma visão acerca dos fatos, dotada de significados únicos para cada um deles.

A lista de 1988, apresentada anteriormente, foi a última encontrada, feita no mesmo ano em que Poliana ingressou na biblioteca. Segundo ela, foi o último ano em que realizaram este levantamento, e explica o motivo:

Tinha uma menina que pegava um livro e devolvia no outro dia sem ler. A gente achou que não tinha controle. (Entrevista realizada com ex-funcionária em março de 2015).

Helena também recorda esta situação:

Alguns alunos retiravam livros apenas com o objetivo de ganhar o prêmio. Mas o contato direto com os alunos nos possibilitava perceber os “mal intencionados” (Entrevista realizada com ex-funcionária em abril de 2015).

A narrativa das ex-bibliotecárias relata a interrupção de uma prática que tinha como objetivo conhecer uma parcela do público que utilizava a Biblioteca Manoelito de Ornellas, pois ficou registrado nestas listas quem eram os leitores que a biblioteca reconhecia e legitimava. O fato de alguns alunos retirarem livros apenas para aparecerem nos levantamentos demonstra a questão de *status* que era fazer parte destas listas.

Eurico, por não recordar das tais listas, faz uma observação quanto aos nomes dos demais colegas que também se faziam presentes nos documentos:

Não me recordo, mas olhando a lista abaixo consigo reconhecer alguns que eram ávidos leitores e outros tinham que ler porque era a ordem, como eu por exemplo (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

Sua fala permite pensar que as listas não eram compostas apenas pelos *bons* leitores, como a própria biblioteca os classificava, e pelos “mal intencionados”, conforme fala de Helena. Eurico aponta um terceiro tipo de usuário, no qual se enquadra: aquele que lia por uma imposição da instituição.

Carlão, em sua narrativa, demonstra surpresa ao saber que seu nome havia sido mencionado nas listas:

Olha, pra ser bem sincero, eu fico surpreso que eu tenha sido um leitor assíduo na biblioteca, porque na minha memória de leitura da época, não é de ser um leitor assíduo. Eu acho que eu comecei a ler... eu descobri a leitura mais tarde. No final da minha faculdade. Então assim, lembranças de leitura antes, é muito mais uma questão de livros sugeridos ou obrigados a ler durante o colégio e não tanto uma busca por leitura espontânea (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

A narrativa de Carlão assemelha-se a de Eurico, pois o ex-aluno também se define como alguém que realizava uma leitura imposta.

Rodrigo, mesmo afirmando ser um leitor assíduo, relata como era ser premiado e reconhecido como *bom leitor*:

Claro que eu chegava depois e mostrava: “ó pai, ganhei o prêmio de bom leitor”. Meu pai gostava muito. Pra mim não, não me lembro de ser uma coisa “óóó”, muito especial, sabe?! (risos) (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

A narrativa do ex-aluno mostra o significado emblemático que era fazer parte destas listas, dando mais importância à expectativa de seu pai do que de si próprio.

O ex-aluno explica ainda como ocorria a ida à biblioteca:

Tinha um horário que tu fazia isso... até o quarto ano era só... era a professora geral que dava todas matérias. Aí tinha um dia que “ó, vamos pra biblioteca”, aí a gente saía, inclusive era uma coisa organizada. Pra não dar tumulto. Nunca ia no recreio, ninguém ia abrir mão do recreio pra ir na biblioteca né (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

A bibliotecária Clarissa, no entanto, afirma que havia um grupo de alunos que gostava de frequentar a biblioteca no recreio. Segundo ela, foi pintado um cesto de supermercado, onde eram colocados alguns gibis, o que despertava mais interesse de alguns alunos do que brincar no pátio.

Assim como a premiação, por vezes, era recebida por alunos que nem sempre realizavam a leitura das obras, como afirmam Rodrigo e as duas bibliotecárias, pode-se dizer que nem todo aluno mencionado nas listas era um leitor por excelência, como é provável que a biblioteca esperasse. O nome de Lula, por exemplo, aparece em algumas listas de leitores assíduos. Ao ser questionado sobre o fato de ser considerado um leitor pela biblioteca, ele afirma:

No Farroupilha o ensino religioso era de duas formas... tu tinhas duas turmas: apesar de ser uma escola de tradição evangélica, que são os alemães, né, eles então, na época, a maioria da aula era católica. Metade da turma ia para a parte evangélica e metade era católica, ou mais da metade, enfim. Mas de qualquer forma, o horário de religião era isso. Só que eu não ia para nenhum lugar. Porque eu não fui batizado, então meus pais decidiram que... minha mãe insistiu com isso, de que eu não fosse pra nenhum lugar. Ou seja: eu ia para a biblioteca [...]. Os meus colegas gostavam da história: “Bah, não vai precisar ir pra aula de religião”, não sei o que... Mas aí não podia ficar no pátio, brincando, nãñã. Tinha que ir pra biblioteca. Então isso aí... eu não me lembro se eu tirava livros nessa época, mas lembro que eu tinha que ficar na biblioteca. Tinha que ler alguma coisa [...]. Por isso minha assiduidade na biblioteca: toda semana era certo que eu estava lá. Não quer dizer que eu fosse um leitor de ah, ficar trocando livro, essas coisas. Não era assim tanto (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

A narrativa de Lula evidencia um tipo de uso diferenciado da biblioteca: esta transformava-se num espaço para onde ele deveria ir por optar a não assistir às aulas de religião, fazendo do local uma espécie de *refúgio* de algo que não fazia parte de seu universo.

Numa tentativa de traçar o perfil de quem frequentava a biblioteca, Bianca afirma que se tratavam, em grande parte, de “meninas, que não eram tão interessadas por esportes”, como ela própria. Este fato leva a pensar que a biblioteca poderia também ser pensada com um *refúgio* às aulas de Educação Física, por exemplo.

Mas nem só de escapismos se constituem os usos da biblioteca pelos alunos. Eloísa narra como era frequentar a biblioteca:

Eu me lembro daquela expectativa de troca de livro, sabe? “Não posso esquecer meu livro hoje, que hoje eu vou ter a oportunidade (ênfatisa a palavra) de pegar um outro, né... uma outra obra”. Esta expectativa pra mim ficou na memória como uma coisa muito positiva. “Que que eu vou encontrar hoje?”. Isso eu tinha, assim (Entrevista realizada com ex-aluna em julho de 2015).

A expectativa da troca de livro é considerada uma oportunidade pela ex-aluna, dando ao livro e à leitura novamente um sentido que tende à sacralização do objeto e da prática da leitura.

Neste sentido, é válido destacar as leituras que, segundo Ariadne, não chegavam a ser proibidas, mas havia, por parte dos estudantes, certo receio ao realizá-las:

Tinha uma época que toda criança quer saber como nascem os bebês, mas aí a gente fazia... mas não porque era vedado pela escola, mas a gente fazia isso com certo melindre, assim né, meio escondido, enfim (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

Rodrigo, ao ser questionado se haviam leituras proibidas, responde:

Ah, devia ter várias né. Devia ter várias, mas daí a gente nem... nem estava ali, nem ia procurar na biblioteca isso né. Ainda mais a biblioteca do Farroupilha né. Imagina! (risos) (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

A fala do ex-aluno permite supor que a imagem que a biblioteca representava para ele, e talvez para outros colegas, era a de um local regrado, pois o ex-aluno enfatiza que aquele não seria um lugar para se buscar alguma leitura que pudesse burlar alguma regra.

Em outro momento, Eloísa recorda o uso que ultrapassa o momento de ida semanal à biblioteca com a turma:

Eu também ia com a minha mãe, porque na época a gente fazia férias de dois meses, né. Porto Alegre ficava totalmente vazia, então às vezes a gente ia para uma praia que não tinha... não pegava televisão, então tinha que ter coisa pra fazer. E o recurso eram os livros né. E então ela vinha e retirava dois, três, livrões pra ela, para o meu pai, e eu também tinha os meus, então é uma coisa que eu tenho esse registro assim bem presente (Entrevista realizada com ex-aluna em julho de 2015).

A biblioteca, desta forma, constitui-se de um espaço que propicia a leitura na esfera doméstica, não só pela própria aluna, mas também por seus pais, sendo sua

mãe leitora e frequentadora da biblioteca, conforme seu relato. A leitura viria suprir também certo *vazio* causado pelas férias e pela ausência da televisão, suprimindo uma necessidade de toda a família. Jean Hébrard já apontava esta necessidade nas bibliotecas escolares francesas no século XIX, a partir de uma circular do governo destinada à instrução das crianças. Entre outras questões, o documento previa que os livros da biblioteca escolar poderiam ser emprestados também às famílias, no intuito de moralizá-las (HÉBRARD, 2009).

Ariadne também menciona o uso do livro em casa:

O livro estava sempre comigo na mochila e eu lia em casa também. Porque também eu acho que tem muito a ver com essa questão de acesso. A gente era muito “o livro”, tinha que fazer o tema, tinha uma agenda assim: vai para escola pela manhã, depois faz o tema, brincar, mas de noite era... não tinha ipad, computador, né, a gente lia! (Entrevista realizada com ex-aluna em junho de 2015).

No caso de Ariadne, a ex-aluna afirma que, por ainda não existir o uso tão intenso de equipamentos eletrônicos como hoje, a leitura viria para satisfazer o tempo livre.

Ao enfatizar também que no lugar de computadores as pesquisas eram feitas em enciclopédias, Lula, recorda que o espaço da biblioteca era utilizado também para a realização de estudos e trabalhos em grupo:

Eu me lembro assim, de combinar, às vezes, trabalhos com os colegas, em turno inverso. “Ó, tem que fazer um trabalho”, o lugar de encontro era a biblioteca. Eu me lembro disso várias vezes, inclusive, no Ensino Médio também, que a gente frequentava a biblioteca, nesse sentido. Naquela época não tinha computador, essas coisas né. então era... o recurso era aquilo ali, a enciclopédia, o livro, então era dali que a gente tinha mais recurso pra poder fazer. Normalmente, a gente tinha enciclopédias em casa, às vezes um pouco defasadas, e certamente a gente sabia que ia encontrar aquilo né... então, às vezes pra fazer trabalho, essas coisas, às vezes em grupo, a gente também fazia isso. E eu me lembro também uma época que tinha aula de manhã e de tarde, tinha que almoçar no colégio, e às vezes precisava também fazer um dever, um tema, alguma coisa, a gente também ia, lembro de algumas vezes isso. Agora, tu perguntando assim, eu acho até que eu ia bastante, eu acho (risos). Mais do que eu lembrava. Interessante isso (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

O estudante, durante o exercício de memória, foi percebendo que, ao contrário do que dizia, no início da entrevista, frequentou a biblioteca em diversos momentos. Na sequência, ele faz questionamentos sobre a *sacralidade* do espaço da biblioteca:

O que que eu vou te dizer? Aquele silêncio da biblioteca era uma coisa meio estranha para mim. Até hoje eu sinto assim, aquela história de... normalmente estava sozinho, tinha mais

uma ou duas pessoas ali, a bibliotecária quieta, lá no canto, e eu ali. Não era uma coisa, assim, de um prazer imediato. Não era, mas assim, certo que era melhor do que religião (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

Lula relata dois aspectos que a biblioteca representava a ele: o silêncio e a solidão. São marcas que ficaram em suas memórias, características intimistas do lugar dos livros que reverberam em sua narrativa. Assim, a subjetividade de Lula traduz a concepção da biblioteca como um lugar em que sentia-se só, em que a fala era uma interdição. Neste sentido, a figura da bibliotecária, conforme sua fala, remete a um distanciamento em sua relação com os alunos e a biblioteca em si aparenta ser um lugar de quietude. O ex-aluno afirma não sentir prazer em estar ali, reafirmando ser tão somente uma fuga às aulas de religião.

Em uma outra questão, pedi para que Lula falasse sobre as ações promovidas pela biblioteca. Mesmo ao mudarmos de assunto, a questão do silêncio vem à tona novamente.

Não me lembro disso aí, de elas contarem histórias assim como... como hoje eu vejo pra minha filha. Que é uma coisa muito mais lúdica né. Não me lembro se tinha, era uma coisa mais sóbria, assim. O lugar era de respeito né. talvez seja esta a sensação que eu tenho: uma coisa meio fria da biblioteca. Aquele silêncio né (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

Ao comparar a biblioteca de seu tempo de aluno com a de sua filha, Lula afirma notar uma diferença, apesar das vagas lembranças. A impressão que guarda da biblioteca parece confundir respeito e sobriedade, resultando no silêncio que tanto menciona.

Rodrigo também destaca a quietude da biblioteca em seu relato. Ao ser questionado sobre as bibliotecárias, ele diz:

[...] não me lembro do rosto, mas lembro que elas eram cordiais, assim, sabe... a biblioteca era sempre um lugar quieto, as bibliotecárias estão sempre quietas né (risos) (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

Nas palavras de Rodrigo, o silêncio da biblioteca parte das próprias bibliotecárias, ao afirmar que “estão sempre quietas”. Carlão parece concordar com as palavras de Rodrigo:

Eu me lembro da... Clarissa³⁰, eu acho... Uma pessoa com uma voz, bem tranquila, né... (pausa, fica tentando lembrar). Tu vê, isso que eu ia toda semana né (risos). Não, mas estou me lembrando assim, porque na verdade eu não conversava muito né, com a pessoa, se fosse uma professora né... porque daí tu troca, o professor é uma pessoa que tu troca mais né, mas na biblioteca não, a pessoa que fica ali tu não tem interação né. A interação é com o resto tudo que está ali né, no livro (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

Ao comparar a figura da bibliotecária com a de um professor, Carlão diz não haver interação com a primeira. Diz ainda que esta troca ocorria com o livro, e não com o responsável pelo espaço. Importa refletir o quanto para ele a personagem “bibliotecária” era alguém imbuída desse *espírito* de quietude do lugar que pouco se aproximava dos frequentadores do lugar.

A narrativa de Lula, ao falar sobre estas funcionárias, complementa essa ideia do distanciamento das responsáveis pela biblioteca, traduzido num certa frieza em relação aos alunos. Ele diz:

Eu não lembro assim de ter um agradecimento, de gostar da pessoa que estava ali, era uma coisa fria, um troço distante, um distanciamento, não era uma pessoa assim que “E aí tudo bem, quer que eu te ajude?”, não era uma coisa assim de... só se eu fosse lá pedir “Ah, tu não tem tal livro?”, entendeu? “Pode me ajudar?”... eu me lembro assim de só assim, de pedir ajuda e aí ter a resposta de quem estivesse ali (Entrevista realizada com ex-aluno em junho de 2015).

Entretanto, Eurico e Ariadne construíram outras representações para a função da bibliotecária. O primeiro enfatiza o afeto delas com os estudantes:

Uma mistura de carinho, pois gostavam quando a gente retirava os livros, com rigidez, principalmente quando se fazia barulho (Entrevista realizada com ex-aluno em julho de 2015).

Na sequência, Ariadne complementa a fala anterior, valorizando a disponibilidade em ajudar por parte das bibliotecárias:

Tu chega no balcão, pede teu livro, tu pode fazer retirada, mas a bibliotecária sempre: -“Tu quer alguma ajuda?”, -“Eu posso te ajudar?”. Não, às vezes tu quer circular um pouco né (Entrevista realizada com ex-aluna em junho de 2015).

Em outro momento da entrevista, ela diz que

As bibliotecárias eram muito austeras, elas eram muito sérias, tinha essa questão de nos dar as ferramentas para poder usar a biblioteca, mas a biblioteca sempre foi um espaço de... a gente não podia se soltar muito né, era sempre muito vigiado, um espaço muito

³⁰ A entrevistada citou o nome real da bibliotecária, tendo sido substituído pelo pseudônimo.

controlado, então sempre a permanência do “shhhhh”, “não pode falar”, “silêncio”, “fala baixo”. Era um lugar de poucas manifestações. As crianças não tinham espaço para se manifestar. Tu tinhas ali uma atividade dirigida, e era isso. A bibliotecária não era um pessoa muito simpática né. Era meio avessa à intervenção do aluno. Tu vai lá, escolhe teu livro e vem embora (Entrevista realizada com ex-aluna em junho de 2015).

Enquanto Lula talvez desejasse uma interação maior com a bibliotecárias, talvez para romper com o silêncio tão mencionado, Ariadne parece sentir a necessidade de uma certa liberdade na biblioteca, onde pudesse circular com mais autonomia. Observa-se no relato dela que a disponibilidade da funcionária também evidencia uma forma de controle dos alunos, de disciplinarização do uso do lugar dos livros.

Moreninha, por não ser bibliotecária, mas por dedicar parte de seu tempo à biblioteca, auxiliando no restauro de livros, conta sua visão sobre as bibliotecárias:

A queixa das bibliotecárias é que nem todos os professores iam com a frequência que elas gostariam que fossem. Eu entendo que também influencia a situação geográfica da sala. Estar numa sala de terceiro andar, de segundo andar, numa hora de recreio, pra descer até o térreo e depois voltar, não é prático. O tempo é curto, então... eles deixam de ir né... ou acham que tem que fazer outro trabalho que envolve diretamente os alunos, correção ou preparação, coisa assim (Entrevista realizada com ex-funcionária em março de 2014).

A fala da professora faz pensar que o caráter de exigência das bibliotecárias não se restringia aos alunos, pois Moreninha afirma que as mesmas queixavam-se da pouca frequência de professores na biblioteca.

Eloísa recorda de uma prática comum das bibliotecárias em relação ao manuseio dos livros nas estantes pelos usuários:

Me lembro daquela coisa: olhou, tirou da estante, não põe de volta, que as bibliotecárias colocam no lugar. A gente nunca entendia isso, sabe? “Ai pra que dar mais trabalho pra elas, a gente quer ajudar e elas ficam bravas com a gente!” (risos) (Entrevista realizada com ex-aluna em julho de 2015).

A aluna recorda, com bom humor, de certa indignação por não compreender porque não poderia recolocar um livro retirado da estante, evitando “dar trabalho” às bibliotecárias. Provavelmente, estas não deixassem claros os motivos de determinadas funções de seu ofício, causando certa confusão aos usuários. Eloísa lembra também de uma prática que lhe era muito prazerosa no momento da retirada dos livros:

Eu tenho boas lembranças, e eu tenho a lembrança daquilo que não é feito agora, eu acho que há dois anos que não tem mais. Daquele momento que a bibliotecária escrevia a data, a gente tinha que assinar bem apertadinho pra caber o nome da gente ali, e ali ela botava a data que tinha que ser entregue. Esse momento pra mim... quando eu vim para o primeiro ano, porque eu trabalhei por 19 anos na Educação Infantil, e eu estou a quatro anos aqui no 1º ano, então a primeira vez que eu fui com a minha turma na biblioteca e tinha esse momento... Então a primeira vez que eu fui com a minha turma de 1º ano, eu via aquela mesma etiquetinha, então, agora elas estão passando tudo com código de barras, mas quando eu vi a mesma etiquetinha, os mesmos nomezinhos apertadinhos e eles tendo que assinar, me remeteu muito a isso assim né. Então é uma coisa que me marcou, uma coisa muito prazerosa (Entrevista realizada com ex-aluna em julho de 2015).

A ex-aluna e atual professora do Colégio Farroupilha compara esta prática de seu tempo de aluna com a atualidade, na turma em que leciona. Com base em Nora, Bosi afirma que “a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não pertence mais” (BOSI, 2003, p.20). Na condição de professora, Eloísa aparenta afetar-se de certo saudosismo, sentimento que emerge do lugar de sujeito que ocupa, por estar ainda em contato com a biblioteca, mantendo agora outro tipo de relação.

Estas análises tiveram o intuito de apresentar da trajetória da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, a partir dos usos que um grupo de estudantes fez deste local. Diversas foram as formas de interação que estes sujeitos mantiveram com o espaço, perceptíveis nas narrativas suas e de ex-funcionárias, e nos documentos mantidos pela instituição. Buscou-se, nestas páginas, dar outro sentido a um espaço que está comumente associado ao silêncio e à solidão, apostando que as experiências destes indivíduos contribuem para narrar a trajetória de uma biblioteca escolar.

As diversas relações mantidas com a biblioteca por estes estudantes demonstram a forma singular como cada um lidava com este espaço. Seja ela tomada como um refúgio, como um espaço de oportunidade, como um meio de destacar-se entre os demais ou como um local destinado à solidão e ao silêncio, a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha representa um marco na experiência escolar de cada um destes estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE SILÊNCIOS E MURMÚRIOS



*Mas, afinal, se não fosse a permanência das
interrogações, das perguntas e dos desafios,
como embarcar nesta aventura do
conhecimento que representa a história, na
sua tentativa de decifrar o passado?
(PESAVENTO, 2008, p.190).*

O ato de pesquisar em História da Educação faz-me refletir sobre os questionamentos que não cessam com a finalização desta dissertação. As palavras de Pesavento (2008) me auxiliam nesta etapa, tendo em vista que as interrogações, fundamentais na construção do problema de pesquisa, não se *respondem* por completo. Este talvez seja um dos aprendizados construídos ao longo deste tempo: o de que esta “aventura do conhecimento” (PESAVENTO, 2008, p.190) não busque nas respostas, mas sim nas interrogações, o combustível que lhe mova.

Com o objetivo de investigar a historicidade de uma biblioteca escolar e compreender de que forma um grupo de alunos estabelecia relações com a mesma, elegeu-se como objeto de estudo a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, entre 1949 e 2000, a partir da interpretação de documentos mantidos pela instituição e das narrativas de quatorze entrevistados que mantiveram relação com a biblioteca em algum momento de suas experiências na instituição.

Inspirado nos pressupostos teóricos da História Cultural, percorreu-se um pouco das trajetórias de algumas bibliotecas que se destacaram ao longo do tempo, no intuito de facilitar a compreensão da historicidade da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, além tecer algumas interlocuções entre a História Cultural e a História da Educação, vertentes que fundamentam este trabalho.

A fim de situar a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha em um contexto histórico, buscou-se também investigar a trajetória das bibliotecas no Brasil, apresentando alguns caminhos trilhados por elas, a fim de melhor compreender o

contexto em que está inserida a biblioteca investigada. Este contexto pôde ser melhor explorado a partir da análise dos discursos que circulavam na imprensa de educação acerca das bibliotecas escolares. Para tanto, realizou-se um levantamento nas Revistas do Ensino, entre as décadas de 1950 e 1960, sobre as prescrições dadas a educadores sobre bibliotecas escolares, onde foi possível estabelecer algumas relações com o que foi se conhecendo sobre a trajetória da biblioteca analisada.

A partir destes embasamentos, foi possível perceber, em cada documento, escrito ou oral, informações importantes para contar esta versão sobre a historicidade da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha. Sem a pretensão de resgatar o passado (PESAVENTO, 2005), este estudo buscou, nas falas dos sujeitos entrevistados, nos registros dos documentos da instituição e na consulta à Revista do Ensino, construir uma narrativa sobre a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha a partir dos usos que um grupo de alunos mantinha com o espaço.

Para problematizar estes usos, investigou-se, primeiramente, a história deste espaço. Relatos e documentos escritos ajudam a pensar em dois momentos da biblioteca, sendo o primeiro na sede antiga da instituição, no Centro Histórico de Porto Alegre. Com a mudança para o Bairro três Figueiras, na década de 1960, o colégio foi preparando a criação da *nova* biblioteca, em 1968, que viria a ser chamada Manoelito de Ornellas, acompanhando a modernidade pedagógica da época.

A narrativa de Iracema, que atuou na instituição como aluna, professora e diretora, faz pensar o quão significativa foi esta criação em suas lembranças, pois ela chega a afirmar que não recorda da existência de biblioteca enquanto professora, numa tentativa, talvez, de engrandecer o feito de sua gestão. Alguns dos documentos encontrados também auxiliam nesta reflexão, uma vez que exaltam com grandiosidade a criação da *nova* biblioteca.

A forma como a Biblioteca Manoelito de Ornellas classificava seus leitores já evidencia alguns apontamentos, muito embora, mesmo que a biblioteca costumasse referir-se aos mesmos como “melhores leitores”, por exemplo, alguns afirmaram não se identificar com o título recebido. A partir daí, foi possível rastrear as diferentes apropriações feitas por estes estudantes deste espaço destinado aos livros, desde a ida semanal quase que devota até uma espécie de *refúgio* às aulas de religião.

Com base no que foi analisado, entende-se que a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, em especial, a partir de 1968, quando é criada a Biblioteca Manoelito de Ornellas, constituiu-se em um espaço *moderno*, que visava, ao menos teoricamente, fazer-se presente nas experiências escolares de seus alunos, o que pode se inferir, por exemplo, a partir da análise de uma enquete para conhecer as preferências de leitura de seus alunos, e da *Ação Biblioteca*, campanha que objetivou arrecadar fundos para a construção do novo acervo, colocando os alunos como protagonistas, conforme relato de Iracema.

A biblioteca parece ter também apostado na *excelência* de seus leitores, a partir da criação de listas de *melhores leitores*, num ato de fiscalização e regulação das leituras ou da ausência delas, apostando na premiação como um ato de reconhecimento e incentivo à leitura, conforme a ex-bibliotecária Clarissa. Embora reconhecidos como *melhores leitores*, alguns usuários apontam certa transgressão ao modelo idealizado pela biblioteca, alegando não sentirem-se afetados pela rotulação dada pela biblioteca.

Os ex-alunos reconhecem que as utilizações deste espaço iam além da realização da *boa leitura*, esperada pela instituição. Conforme seus relatos, este lugar passou de um simples lugar de leitura, para um espaço de muitos outros usos. Houve, certamente, quem fez da biblioteca um espaço de leitura, quem retirava as obras, realizava a leitura e retornava ao local para fazer a troca do livro, reafirmando o modelo de leitor idealizado pelo espaço. Mas houve também quem transgrediu este ideal, ressignificando o papel da biblioteca e fazendo dela um local de fuga às aulas da qual não desejasse participar, um ponto de encontro entre colegas, um local que proveria o lazer das férias desertas em Porto Alegre ao longo da década de 1980.

Diferentes são os usos feitos pelos alunos, mas a sacralidade da biblioteca é um elemento que se faz presente na maioria das lembranças dos entrevistados, acompanhado da figura de seriedade da bibliotecária. O som do “*shhh*” parece ecoar a cada narrativa escutada, a cada relato a respeito da sobriedade e solidão vinculados a este espaço que tem sua trajetória atravessada pelos mais diversos episódios.

Outras formas de silêncio também se fizeram presentes no decorrer desta pesquisa, evidenciados pela falha de um gravador, pelo falecimento de uma entrevistada e pelas pessoas que recusaram-se a participar do estudo, silenciando

seus relatos. Mas, assim como eles, fazem parte desta narrativa os murmúrios. Se, no ambiente das bibliotecas, se manifestam por meio de leitores *transgressores*, aqui estes murmúrios são as vozes e as pistas que oportunizaram as informações para que esta história fosse contada. Por vezes, foram substituídos por uma *fala mais eloquente*, ou seja, as pistas surgiram mais facilmente, quando o objetivo era ressaltar a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, por exemplo.

Estas questões possibilitaram um olhar mais sensível a um ambiente condenado à banalidade e ao olhar do senso comum. Se a pesquisa sobre uma biblioteca escolar causou estranheza, no início deste percurso, hoje possibilita ressignificar este espaço e as relações que com ele se estabelecem.

Na posição de pedagoga, e atuando em um ambiente escolar, volto-me para a biblioteca da instituição onde trabalho e coloco-me a imaginar as infindas histórias que podem haver nos volumes armazenados, nas cadeiras onde leitores já sentaram para realizar suas leituras, nas fichas de leitura que ainda são realizadas, como sente falta a ex-aluna Eloísa.

Volto-me para a idade escolar, e imagino-me perambulando pelas estantes das bibliotecas das escolas onde estudei, imaginando que caminho cautelosamente para não fazer barulho, e recordando de tantas outras histórias que, enquanto leitora, também ajudei a construir, embora ainda permaneçam nos silêncios destas bibliotecas.

Estas e outras tantas possibilidades, que emergem dos novos olhares trazidos pela História Cultural, permitem ressignificar objetos dados ao esquecimento, ao silêncio. Este estudo pretende contribuir para a produção do conhecimento em História da Educação, de forma a dar visibilidade a práticas que têm algo a dizer sobre a cultura escolar, sobre os modos de ser aluno, leitor, ou usuário de uma biblioteca, sobre as infinitas relações que se estabeleceram com um espaço comumente associado à quietude.

Entre idas espontâneas ou como uma fuga; entre leituras veladas, impostas ou prazerosas, entre devoção ou repulsa à sua quietude, buscou-se problematizar os significados da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha na experiência de um grupo de alunos, a partir dos usos que fizeram deste local, suscitando novos questionamentos no lugar de respostas.

O que os alunos liam? Qual a intervenção do professor nestas práticas? Haviam leitores em outros espaços para além da biblioteca? Estes questionamentos

apontam novos rumos para a pesquisa, novas possibilidades de dar continuidade a esta investigação, para, quem sabe, poder se escutar novos murmúrios, mantidos ainda em silêncio até o momento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. In PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **No fim do século a diversidade: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 121-132, 2003.

_____. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura dos censores. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNICK; Nelson. **Cultura Letrada no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das letras/ALB/FAPESP, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1989.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As marcas do novo: do Colégio Alemão ao Colégio Farroupilha. In: QUADROS, Claudemir de (org.). **Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2014.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, 25., 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: CBBBD, 2013.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

AMARAL, Maria Lúcia. **O caranguejo-bola**. São Paulo: Brasil S/A, 1985.

ANTUNES, Arnaldo. O Silêncio. In: **O Silêncio**. BMG, 1996. CD. Disponível em: <<https://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91708/>> (acesso em dez/2015).

ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**. nº.20 Rio de Janeiro Mai/Ago. 2002.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara. Divertir, educar e formar: Cacique - a revista da garotada gaúcha (1954-1963). **Revista Educação e Cidadania**, v. 5, p. 49-62, 2006.

_____. As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor: a revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992), In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**, São Paulo: Escrituras, 2002. p. 47-75.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. In: **Estudos Avançados**, Print version ISSN 0103-4014. Estud. av. vol.16 no.44 São Paulo Jan./Apr. 2002

_____. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: ed. da Unesp, 1999.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira:** perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. 232 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: UNB, 1998.

_____. **A Aventura do livro:** do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

_____. Do livro à leitura. In: _____. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.

CHRISTIE, Agatha. **O Detetive Parker Pyne**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas margens do instituído: memória/educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, n. 5, p. 23-38, abr. 1999.

DARNTON. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. São Paulo: Record, 1980.

_____. Muito Além da Internet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1412200304.htm>> (acesso em: jun/2014).

_____. **A memória vegetal:** e outros escritos sobre bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19-34, 2000.

FERNANDES, Rogério. Cultura de escola: entre as coisas e as memórias. **Proposições**, v. 16. n. 1(46), p. 19-37, 2005.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAARDER, Jostein; HAGERUP, Klaus. **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática 1994.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GONDRA, José. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA F., Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOULEMOT, Jean-Marie. **O amor às bibliotecas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GRIMALDI, Lucas. **Espaço urbano e educação: O papel das instituições escolares na urbanização de Porto Alegre (1940-1970)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: USP, 1985.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

HERGÉ, Georges Remi. **As aventuras de Tintin**. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969.

HOFFMEISTER FILHO, Carlos. **1886-1996 Colégio Farroupilha: 100 anos de pioneirismo**. Porto Alegre, 1996.

JACQUES, Alice Rigoni; ERMEL, Tatiane de Freitas. O Velho Casarão: Um estudo sobre o Knabenschule des Deutsches Hilfsverein/Colégio Farroupilha (1895-1962). In: BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

JAQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas. O Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: um espaço de ensino e pesquisa (2002). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JAQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

JAQUES, Alice Rigoni. A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JAQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

_____. O ensino primário nas páginas do diário da diretora Vera Elisabeth Matte (1968/1973). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, v. II, p. 327-346.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p.443-481

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Moreninha**. São Paulo: Ática, 2012.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MÁRAI, Sandór. **As Brasas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1942.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues. **A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura no contexto do Movimento Escola Nova em Minas Gerais: 1920-1940**. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência

da Informação). Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

MONARCHA, Carlos. **Lourenço Filho**. Recife: Massangana, 2010.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. Os soldados de Cristo na terra dos papagaios. In: BINGEMER, Maria Clara; NEUTZLING, Inácio; DOWELL, João. **A globalização e os Jesuítas**: origens, história e impactos. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

NORA, Pierre. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Éditions Gallimard, 1987.

_____. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NÓVOA, António. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e recepção do repertório português. In CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) **Educação em Revista**: A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

NÓVOA, António. Carta a un joven historiador de la educación. **Historia y Memoria de la Educación**, 1 (2015):23—58. Sociedad Española de Historia de la Educación.

NUNES, Clarice. (Des)Encantos da Modernidade Pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA F., Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OLIVEIRA, Santos de. **A inspetora**: e os anjos da cidade fantasma. São Paulo: Ediouro, 1975.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Que história é esta?** Uma incursão nos desafios do presente. Projeto – Revista de Educação: História. Porto Alegre: Projeto, v.2, n.2, 2000, p. 12 – 17.

_____. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo. Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo. In: SCHÜLER, Fernando, Gunter AXT e Juremir Machado da SILVA (Orgs.). **Fronteiras do pensamento**: retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Ed.UNISINOS, 2008, p.179-190

PINTO, Celi Regina Jardim. A noção de discurso. In: _____. **Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. In: **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 2, n. 1, mar. 1973.

PORTER, Eleanor. **Poliana**. São Paulo: Saraiva De Bolso, 2011.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.235-252.

REVISTA DO ENSINO. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação e Cultura, n.13, nov. 1952.

_____. _____. n.18, out. 1953a.

_____. _____. n.19 nov. 1953b.

_____. _____. n.21, abr. 1954a.

_____. _____. n.22, mai. 1954b.

_____. _____. n.24, ago/set. 1954.

_____. _____. n.26, out. 1954.

_____. _____. n.30, mai. 1955.

_____. _____. n.55, jun. 1958.

_____. _____. n.76, mar. 1961.

_____. _____. n. 79, jun. 1961.

_____. _____. n.84, jun. 1962.

_____. _____. n.112, s/m 1967.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme. In: **Tempo social**: Revista sociologia, USP, São Paulo, vol. 11(1), maio/1999, p. 189-195.

SANTIAGO, Luiz de. **Turma do posto 4**: operação macaco velho. São Paulo: Ediouro, 1973.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. Educação e colonização: as ideias pedagógicas no Brasil. In. STEPHANOU e BASTOS (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Perópolis:Vozes, 2005, Vol.1. p. 121-130.

SATURNINO, Edison Luiz. **Imagem, memória e educação**: um estudo sobre modos de ver e lembrar. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, Mônica do Amparo. **Biblioteca escolar**: uma reflexão sobre a literatura. In: Seminário biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte, 2, 2004, Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG,; Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, 2004.

SILVA, Ruth Ivoty Torres da. **Educação primária rural**. Porto Alegre: Globo, 1951.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, Memória e História da Educação. In: _____. (orgs.). **História e memórias da educação no Brasil** - Vol. III - Século XX.. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação**. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 1995.

_____. Profissionalização, escola normal, e familização: magistério sul-riograndense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**. Pelotas: ASPHE /FaE/UFPEL, n.3, p.35-58, abr.1998.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TELLES, Leandro. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974**. Porto Alegre: ABE, 1974.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

VENTORINI, Eliana. **Regulação da leitura e da literatura infanto-juvenil, no Rio Grande do Sul, na década de 1950**: interdição, triagem e intervenção das autoridades. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC,1999.

VERISSIMO, Erico. **Um certo Capitão Rodrigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERNE, Julio. **Viagem ao redor da lua**. São Paulo: Ediouro, 1971.

VIDAL, Diana. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003.

_____. Bibliotecas escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920 – 1930. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa . Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 35, p. 609-634, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pesquisa de Dissertação de Mestrado

Esta Pesquisa de Dissertação de Mestrado investiga as memórias da Biblioteca Manoelito de Ornellas, do Colégio Farroupilha (POA/RS) entre as décadas de 1949 e 2000. Para tanto, faz-se necessário a entrevista com pessoas que tiveram suas vidas por ela afetadas: gestores(as), funcionários(as) e alunos(as). Estas entrevistas serão realizadas no intuito de escutar um pouco da história do Colégio Farroupilha e de sua biblioteca, através das memórias de quem vivenciou o momento de investigação da pesquisa, servindo de fonte para que se possa compreender um pouco da trajetória e dos usos desta biblioteca escolar em suas interfaces com a História da Educação.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida e a mestranda Roberta Barbosa dos Santos, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3308-4153.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo das pesquisadoras.

- () Autorizo que minha identificação seja referida.
() Solicito que minha identificação seja resguardada.

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

_____, _____ de _____ de 2015.

Participante da pesquisa

Pesquisador

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-DIRETORA

1. Poderia falar um pouco sobre suas experiências no Colégio Farroupilha?
2. Como surgiu a ideia da criação da biblioteca? Quais suas inspirações?
3. Ação biblioteca (mostrar diário)
4. Quem foram as primeiras pessoas a trabalhar lá?
5. Estrutura física - como foi planejada, localização
6. Como era a biblioteca antes?
7. A senhora era usuária da biblioteca?
8. Qual a relação dos professores com a biblioteca?
9. E dos alunos?
10. Enquete (mostrar). Quem fez? Quais objetivos? Como a direção interagiu?
11. Listas de leitores (mostrar). Quem fez? Quais objetivos? Como a direção interagiu?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-FUNCIONÁRIAS

1. Poderia contar um pouco sobre sua trajetória no Colégio Farroupilha?
2. Qual foi seu período de atuação lá? Atuou somente na biblioteca? O que fazia?
3. Qual sua formação?
4. De acordo com as demais entrevistadas, D. Vivian Ambros foi uma das primeiras bibliotecárias “oficiais” da Biblioteca Manoelito de Ornellas. Como era sua relação de trabalho com ela e como eram realizadas as tarefas de ambas?
5. O nome de D. Irene Petrick também foi muito mencionado, por ter sido também uma grande entusiasta da biblioteca. A senhora teve conhecimento de sua atuação na biblioteca?
6. D. Vera Matte salienta que, durante sua gestão, o trabalho das bibliotecárias foi de extrema importância não só para a comunidade escolar, mas para auxiliá-la em seu trabalho como diretora. Como a senhora percebe isso?
7. Quem eram os professores que usavam a biblioteca? Que usos faziam dela? Você saberia nominar professores que efetivamente frequentavam a biblioteca?
8. Quem eram os alunos que usavam a biblioteca? Que usos faziam dela? Lembra de alunos que foram marcantes por sua frequência a biblioteca?
9. Sabemos que a senhora não participou da organização inicial da biblioteca, mas lembra de obras mais procuradas entre o público leitor em geral?
10. A senhora teve conhecimento da enquete realizada em 1968? Mostrar
11. Sobre as listas de leitores mais assíduos, o que a senhora lembra? Por que eram feitas? Como os alunos reagiam? Como era divulgado na escola? Havia listas semelhantes considerando os professores? Mostrar
12. Como o acervo era atualizado? Anualmente? Quem participava disso? Os professores tinham alguma influência? Você lembra de alguns professores que se interessavam por isso? Como os títulos publicados chegavam à biblioteca? A ABE era sensível às demandas da biblioteca?
13. Gibis faziam parte do acervo da biblioteca?
14. Havia leituras “proibidas” para alguns alunos? Quais?
15. Com o tempo, houve necessidade de descarte de livros? Como isso se dava? O que era descartado? Qual o destino?
16. E a Feira do Livro, como era?
17. Por que o projeto da Bibliotequinha?
18. Havia alguma prestação de contas da biblioteca para a ABE?
19. Como avalia a história da biblioteca em todo o tempo que esteve lá trabalhando? Transformações, permanências...
20. No seu tempo, a biblioteca vendia livros didáticos, paradidáticos?

21. Quando a biblioteca começou a ser informatizada? Como foi esse processo?
22. Como avalia a presença da Biblioteca no contexto da escola? Qual seu significado?
23. Como avalia o seu trabalho na biblioteca?
24. Como vê a biblioteca e o trabalho do bibliotecário hoje?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-ALUNOS

1. Em que período você estudou no Colégio Farroupilha?
2. Lembra desta lista? Mostrar a lista.
3. Qual o significado de seu nome estar nessa lista?
4. Isso era divulgado? Como?
5. Havia alguma premiação?
6. Qual o "perfil" de aluno que comumente estava nas listas?
7. Em que momentos ia à biblioteca? Em quais anos acha que foi mais frequentador da biblioteca?
8. Como era a ida à biblioteca?
9. Havia mudanças dependendo da série? Quem levava os alunos? Iam espontaneamente?
10. Você gostava de ir à biblioteca? Que usos você fazia dela?
11. Você se considerava um bom leitor?
12. Que usos você fazia do livro? Retirava e levava para casa? Lia na biblioteca?
13. Você lembra de alguma leitura que lhe marcou?
14. Havia leituras que lhe interessavam, mas que não estavam na biblioteca?
15. Havia leituras proibidas?
16. O que você lembra das bibliotecárias?
17. Que ações a biblioteca promovia? Você participava?